

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

**IVA RIBEIRO COTA**

**O QUE ECOA O SUJEITO AFÁSICO RG EM UM ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2012**

**IVA RIBEIRO COTA**

**O QUE ECOA O SUJEITO AFÁSICO RG EM UM ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Patologias da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio.

Co-orientadora: Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires.

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2012**

Cota, Iva Ribeiro

C882s O que ecoa o sujeito afásico RG em um estudo neurolinguístico/ IvaRibeiro Cota,2012.  
100f. il.;

Orientador (a): Nirvana Ferraz Santos Sampaio.  
Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, Vitória da Conquista, 2012.  
Referência: fl. 92-95.

1. Neurolinguística Discursiva. 2. Afasia. 3. Distúrbios da Linguagem. I- Sampaio, Nirvana Ferraz Santos. II- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação Strictu Sensu em Linguística. III-T.

CDD.633.73

Catálogo na fonte: Elinei Carvalho Santana - CRB 5/1026  
UESB – Campus Vitória da Conquista-BA

**Título em inglês:** The neurolinguistic study of the aphasic RG.

**Palavras-chave em inglês:** Discursive Neurolinguistics. Subjectivity. Paragraphia.Paraphasia. Aphasia.

**Área de Concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestre em Linguística.

**Banca examinadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nirvana Ferraz Santos Sampaio (Orientadora), Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Salati Almeida Ghirello-Pires, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Irma Hadler Coudry, Prof. Dr. Jorge Viana Santos (Suplente), Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Maria Pereira Freire (Suplente).

**Data de defesa:** 07 de novembro de 2012.

**Programa de Pós-Graduação:** Programa de Pós-Graduação em Linguística.

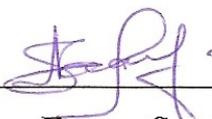
**IVA RIBEIRO COTA**

**O QUE ECOA O SUJEITO AFÁSICO RG EM UM ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 7 de novembro de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nirvana Ferraz Santos Sampaio - UESB**



---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Salati Almeida Ghirello-Pires - UESB**



---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Irma Hadler Coudry - UNICAMP**

*Aos que me mostram o caminho,  
Aos que caminham ao meu lado,  
A Quem é o caminho.  
Dedico.*

## AGRADECIMENTOS

À **UESB** e ao **PPGLin/UESB**, por proporcionarem a oportunidade de realização deste trabalho.

À orientadora, Prof.<sup>a</sup>. **Dr.<sup>a</sup>. Nirvana Ferraz Santos Sampaio**, por participar efetivamente desta dissertação e da formação do investigador que hoje há em mim. Os ensinamentos, as correções, as discussões, as orientações, os estudos, as superações, o CeCIN, o ECOA, o GPEN, o carinho e a amizade são marcas que sempre terei da sua presença. As palavras não são suficientes para agradecer. Minha eterna gratidão. Meu agradecimento estende-se ao seu esposo, Dr. Washington, pela leitura paciente deste trabalho e sugestões.

À Prof.<sup>a</sup>. **Dr.<sup>a</sup>. Maria Irma Hadler Coudry**, pela participação honrosa na banca examinadora de defesa desta dissertação e pela contribuição teórica que sustenta este trabalho.

À Prof.<sup>a</sup>. **Dr.<sup>a</sup>. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires**, pela participação nas bancas examinadoras de qualificação e defesa desta dissertação, pelos ensinamentos, pelas orientações e por tudo o que partilhamos no CeCIN e no GPEN.

Ao Prof. **Dr. Jorge Viana Santos**, pela participação e orientação na banca examinadora de qualificação e de defesa desta dissertação e por abraçar estes estudos com sua inteligência e seus conhecimentos.

À Prof.<sup>a</sup>. **Dr.<sup>a</sup>. Fernanda Maria Pereira Freire**, pela participação na banca de defesa desta dissertação.

À **Secretaria de Educação do Estado da Bahia**, por conceder afastamento das atividades no **CETEP/VC**, para dedicação exclusiva ao Mestrado Acadêmico.

Aos **professores do PPGLin**, em especial, à Prof.<sup>a</sup>. **Dr.<sup>a</sup>. Vera Pacheco** pelas orientações sobre Fonética e Fonologia.

Ao funcionário do PPGLin **Jonathan**, pela atenção e dedicação com nosso trabalho.

Ao sujeito afásico **RG**, razão destes estudos, por tudo que compartilhamos e aos sujeitos afásicos **MB, GB, OJ e RA**, pelos encontros, alegrias e emoções divididas no ECOA.

Às **meninas do GPEN**, em especial, à Lucélia, Daniela e Tamiles, por tudo o que vivemos, estudamos, sentimos e compartilhamos neste grupo desde o começo.

Aos **colegas do Mestrado**, pelas angústias e alegrias que vivemos juntos nesse período. Em especial: à minha amiga **Manu**, pela amizade, carinho, solidariedade e pelos laços que me uniram à sua família; e ao meu amigo **Luiz**, pelo companheirismo, sinceridade, apoio fraternal e orientações fonético-fonológicas.

Ao meu esposo **Luciano**, que está ao meu lado a cada passo e descompasso, fortalecendo as nossas convicções e o nosso amor, pelo apoio, incentivo, força e direção.

À luz da minha vida, minha inspiração e concretização do amor que existe em mim, a pequena **Ísis**, por em tão tenra idade compreender o significado de estudo e trabalho.

À **Chulu**, por cuidar de Ísis e do nosso lar.

Às minhas **famílias**, pois tenho muitas, por tudo que há delas em mim.

Aos meus pais **Ugo** e **Ana**, pelas bases sólidas que direcionam a minha vida. Papai, a sua maneira e com seu carinho e Mamãe com seu amor, suas orações e os cuidados com Ísis nos momentos em que estive ausente.

Ao meu amado avô **João Cota**, aos 102 anos de idade, pelos ensinamentos sobre o que um corpo, um cérebro e um coração podem fazer.

Às minhas irmãs **Ivana** e **Iara**, que se somam aos meus cunhados e sobrinhos, por serem meu porto seguro e minha fonte de amor e alegria.

Aos **Ribeiro** e aos **Cota**, pelo apoio e incentivo nessa caminhada.

Às famílias **Figueiredo**, **Santos** e **Pinho** (sobrinhos, cunhados, tios, primos), por me acolherem em suas vidas e fazerem com que eu me sinta um verdadeiro ente. Em especial, aos meus segundos pais, **Sr. Walter** e **D. Sônia**, por tudo o que representam para mim.

Aos meus **amigos** de todos os lugares, que moram no meu coração, por sustentarem os meus dias com carinho, suporte e colo. Em especial, à **Nilva**, pela amizade, confiança e por aceitar o desafio de revisar este trabalho.

**A Deus**, por me conceder tudo isso.

*Respeito esta vida, pois aprendi que ela possui  
três qualidades marcantes.*

*É bela, com um sabor indescritível.*

*É traiçoeira, pois tudo pode mudar  
instantaneamente.*

*É forte, pois vejo seu poder teimosamente me  
trazer um amanhecer. Um após o outro, dia  
após dia. E, mesmo sem asas, ela vai me  
ensinando a voar.*

(Luciana Scotti, autora do livro “Sem asas ao  
amanhecer”, vivenciou o AVC aos 22 anos.)

## RESUMO

Este trabalho apresenta análises do acompanhamento longitudinal do sujeito RG, 35 anos, com diagnóstico médico de afasia decorrente de um acidente vascular cerebral isquêmico e trombose de seio venoso. O objetivo é verificar a afasia do sujeito RG do ponto de vista da Neurolinguística Discursiva, relacionando os sintomas linguísticos concernentes a esta situação, que envolvem parafasias evidenciadas na sua fala e paragrafias na sua escrita para analisar como se dá a reestruturação do funcionamento da linguagem neste sujeito. Este estudo questiona sobre: Quais as particularidades da afasia do sujeito em questão? O que se pode argumentar sobre as evidentes parafasias que marcam sua fala e as paragrafias em sua escrita? O que se pode concluir deste estudo do ponto de vista neurolinguístico? Formulam-se, também, indagações filosóficas em torno das relações entre linguagem e sujeito que discutem: O que representaria o sujeito sem linguagem? O que seria da linguagem sem sujeito? A hipótese que orienta esta pesquisa defende que a língua oferece recursos que possibilitam aos sujeitos afásicos a mobilização das dificuldades, visto que a linguagem, que permeia o humano, permite a utilização de processos alternativos de significação, reforçando o papel das interações neste processo que, por sua vez, abre espaço para a subjetividade. As discussões que fundamentam a base teórico-metodológica sustentam-se, principalmente, em Freud (1891), Saussure (1916), Jakobson (1969; 1970), Luria (1974) Coudry e Possenti (1983), Coudry (1988; 2002; 2008; 2010), dentre outros trabalhos que subsidiam esta dissertação na perspectiva dos estudos linguísticos e no contexto da Neurolinguística Discursiva. Na abordagem metodológica, trabalha-se com um acompanhamento longitudinal do sujeito RG para compreender a sua afasia de modo interpretativo a partir da análise da sua linguagem em funcionamento e do processo enunciativo constituído, com foco nas relações recíprocas entre dado e teoria. Os resultados indicam que a avaliação e a intervenção linguística eficazes colaboram sobremaneira para a reorganização da língua(gem) além da valorização da subjetividade nos sujeitos afásicos; mostram que as paragrafias e as parafasias sublinham enigmas que evidenciam um caminho em busca de acertos.

## PALAVRAS-CHAVE

Neurolinguística Discursiva. Subjetividade. Paragrafia. Parafasia. Afasia.

## ABSTRACT

This paper presents the analysis of the subject RG, 35, with a medical diagnosis of aphasia due to an ischemic stroke and venous sinus thrombosis. The aim is to analyse the aphasia of the subject RG from the point of view of Discursive Neurolinguistics, relating the linguistic symptoms concerning to this situation, which involves paraphasias evidenced in his speech and paragraphia in his writing, and analysing how is the restructuring of the language in this subject. This study questions about: What are the particularities of aphasia in this subject? What can be argued about the obvious paraphasias that mark this speech and paragraphias in this writing? What can be concluded from this case study from the neurolinguistic point of view? It also formulates philosophical questions that discuss about: What would the subject without the language represent? What would be the language without the subject? The assumption that guides this research argues that the language provides features that enable the aphasic subjects to mobilize the difficulties; that the language, which permeates the human, enables the use of alternative systems of signification, and also strengthens the role of interactions in this process, valuing the subjectivity. The discussions that underlie the theoretical and methodological basis are based primarily on Freud (1891), Saussure (1916), Jakobson (1969; 1970), Luria (1974), Coudry and Possenti (1983), Coudry (1988, 2002, 2008, 2010), among others works that support this research from the perspective of linguistic studies and in the context of Discursive Neurolinguistics. In the methodological approach, we work with a longitudinal follow-up study of the subject RG in order to understand his aphasia interpretively from the analysis of the functioning of his language and the process of enunciation made with a focus on relation between data and theory. The results indicate that effective linguistic assessment and intervention collaborate greatly to the language reorganization and to development of subjectivity in aphasic subjects and the paraphasias emphasize the puzzles reveal a pathway for success.

## KEYWORDS

Discursive Neurolinguistics. Subjectivity. Paragraphia. Paraphasia. Aphasia.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dado 1: Opitolupitelo .....	23
Quadro 2: Dado 2: Reparcou .....	24
Quadro 3: Dado 3: Você não vai chover, não? .....	30
Quadro 4: Dado 4: Derminar .....	31
Quadro 5: Dado 5: Agóstico .....	41
Quadro 6: Dado 6: Não consegui ler. ....	47
Quadro 7: Dado 7: No dia um, dois, do zero um, de dois mil zero nove. ....	48
Quadro 8: Dado 8: As substituições. ....	49
Quadro 9: Dado 9: Essa menina sou eu. ....	51
Quadro 10: Dado 10: Grafar/gravar/grifar.....	52
Quadro 11: Dado 11: Leitura e superação. ....	53
Quadro 12: Dado 12: Analisando as parafasias.....	57
Quadro 13: Dado 13: Meu medo .....	58
Quadro 14: Dado 14: Mundo fantástico de Bob.....	60
Quadro 15: Dado 15: A doida.....	61
Quadro 16: Dado 16: Deciderido/desconjerido/esconderijo .....	63
Quadro 17: Dado 17: Vora/Fora.....	67
Quadro 18: Dado 18: Parperagem .....	70
Quadro 19: Dado 19: Anúncio.....	72
Quadro 20: Dado 20: Lista de compras .....	73
Quadro 21: Dado 21: Esclaracido e senado.....	74
Quadro 22: Dado 22: Problablelmente .....	75
Quadro 23: Dado 23: Miajando .....	75
Quadro 24: Dado 24: Acelado .....	76
Quadro 25: Dado 25: Misolina .....	77
Quadro 26: Dado 26: Tarmelinho/tarmolinho/termolinho. ....	78
Quadro 27: Dado 27: Catilac/cadilac.....	80
Quadro 28: Dado 28: Citalites .....	81
Quadro 29: Dado 29: Rizadoronte/rinossoronte.....	81
Quadro 30: Dado 30: Cigura .....	83
Quadro 31: Dado 31: Captar/absorver/assimilar .....	85
Quadro 32: Dado 32: Lenço/Lençol.....	86

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABN – Academia Brasileira de Neurologia
- AVC - Acidente Vascular Cerebral
- AVCi - Acidente Vascular Cerebral Isquêmico
- AVCh - Acidente Vascular Cerebral Hemorrágico
- BDN - Banco de Dados em Neurolinguística
- CCA - Centro de Convivência de Afásicos
- CeCIN - Centro de Convivência e Intervenção em Neurolinguística
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- ECOA - Espaço de Convivência entre Afásicos e não-Afásicos
- GPEN - Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística
- LAPEFF - Laboratório de Pesquisa em Fonética e Fonologia
- LAPEN - Laboratório de Pesquisa em Neurolinguística
- MSN – provém do termo *The Microsoft Network*.
- ND – Neurolinguística Discursiva
- PPGLin - Programa de Pós-Graduação em Linguística
- PNL – Programação Neurolinguística
- TVP - Trombose Venosa Profunda
- UTI - Unidade de Tratamento Intensivo
- UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
- UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>13</b>
<b>2 A CONSTRUÇÃO DO ESTUDO NEUROLINGÜÍSTICO DO SUJEITO AFÁSICO RG: A BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA E AS VIVÊNCIAS NO ECOA .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Breve retomada histórica: cérebro, afasia e direcionamento deste estudo .....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 Caminhos que conduzem à construção deste estudo neurolinguístico da afasia .....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 Em busca dos dados: o movimento teoria-dado-teoria .....</b>	<b>36</b>
<b>2.4 A afasia do sujeito RG: a penumbra entre o normal e o patológico .....</b>	<b>38</b>
<b>2.5 O ECOA e o sujeito afásico RG: Relato das atividades .....</b>	<b>46</b>
<b>3 TEORIA-DADO-TEORIA: O SUJEITO RG E A LINGUAGEM .....</b>	<b>55</b>
<b>3.1 O sujeito RG e a reconstrução da linguagem: constituir-se sujeito .....</b>	<b>55</b>
<b>3.2 O sujeito diante do “erro” na linguagem.....</b>	<b>62</b>
<b>3.3 Fala e escrita em dados: aspectos fonéticos-fonológicos .....</b>	<b>67</b>
<b>3.4 Cooperação e implicaturas: RG em contexto.....</b>	<b>84</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO A (Modelo de Registro de Transcrição) .....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO B (Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido).....</b>	<b>98</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O desejo de aprofundar na questão da afasia<sup>1</sup> inicia-se com a escuta da história de um sujeito que tem a sua vida comum marcada por um evento trágico, o acidente vascular cerebral (AVC)<sup>2</sup> e com o desafio de conviver com uma nova condição. Esse foi o caso da senhora LD<sup>3</sup>, 82 anos de idade, com quadro de acidente vascular cerebral isquêmico (AVCi) de tronco cerebral, submetida ao internamento hospitalar prolongado de 119 dias, sendo que, 54 dias em unidade de tratamento intensivo (UTI), com complicada infecção respiratória e necessidade de ventilação mecânica invasiva e traqueostomia. Retornou para casa em regime de internação domiciliar com o intuito de melhorar a saúde física, social e psicológica, já que este estado patológico causa danos severos a áreas do cérebro que controlam funções vitais, que podem envolver capacidade motora, de interação verbal, de emoções e consciência.

Ao analisar essa realidade, ficou latente o interesse em verificar a linguagem em funcionamento nessa afasia, acompanhando suas dificuldades do ponto de vista linguístico, no sentido de colaborar no processo de reintegração pessoal e social desse sujeito.

Quantas questões perpassam esse evento neurológico? Cabe sublinhar a importância das questões relacionadas à linguagem. O que esse sujeito pode manifestar sobre si, sobre sua nova condição se a linguagem que é constituidora de seu ser apresenta “embaraços”? Até que ponto os percalços que esse sujeito vivenciou com a linguagem podem ser superados e até onde se pode analisar esses fatos?

Com marcas de infinitas questões, a autora desta dissertação vê pertinente o engajamento de uma proposta ao projeto temático intitulado *Funcionamento da linguagem nas afasias e neurodegenerescências*, da linha de pesquisa *Aquisição e Patologias de Linguagem*, do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no *campus* de Vitória da Conquista, Bahia. Por meio desse engajamento, chega-se ao encontro com outros pesquisadores que também se motivam com essas questões.

---

<sup>1</sup> Coudry (1988) conceitua a afasia como alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Partindo de uma perspectiva linguística, um sujeito é afásico quando o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação.

<sup>2</sup> Segundo a Academia Brasileira de Neurologia, ABN (2012), o acidente vascular cerebral (AVC) decorre da alteração do fluxo de sangue ao cérebro. Responsável pela morte de células nervosas da região cerebral atingida, o AVC pode se originar de uma obstrução de vasos sanguíneos, o chamado acidente vascular isquêmico (AVCi), ou de uma ruptura do vaso, conhecido por acidente vascular hemorrágico (AVCh).

<sup>3</sup> Conforme o Anexo A, siglas com duas letras iniciais maiúsculas são utilizadas para identificar um sujeito afásico, mantendo sigilo de sua identidade.

O primeiro passo para uma jornada longa e firme de estudos e pesquisas no âmbito da afasia foi a vinculação ao Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN). Nesse grupo, foi possível encontrar com importantes correntes teóricas e estudiosos, dentre eles o campo da Neurolinguística<sup>4</sup> Discursiva (ND), que proporcionaram uma análise minuciosa da afasia sob o ângulo dos estudos linguísticos, tornando ainda maior a motivação para o trabalho a partir do projeto *Estudo Neurolinguístico sobre a linguagem de sujeitos após acidente vascular cerebral* (financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, processo 471384/2010-0), ao tempo em que fez crescer o desejo de vivenciar as questões dessa área mais de perto no Laboratório de Pesquisa em Neurolinguística (LAPEN).

Outro passo importante foi a mobilização feita pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nirvana Ferraz Santos Sampaio para criar Espaço de convivência entre afásicos e não-afásicos (ECOIA/UESB)<sup>5</sup>, seguindo os moldes do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com o intuito de oportunizar um ambiente dinâmico, de real interação entre pesquisadores, sujeitos afásicos e familiares.

Com a instauração do ECOIA, o foco deste estudo se desloca, pois um sujeito como LD em internação domiciliar, mencionado inicialmente, ainda não estaria em condições de participar do acompanhamento proposto, e começa a procura por outros sujeitos afásicos que pudessem compartilhar experiências nesse espaço. Nesse momento, o que se buscou foi o apoio de médicos neurologistas para encaminhar, para esse espaço, casos diagnosticados com AVC que tiveram como sequela a afasia.

No final do mês de junho de dois mil e onze, este estudo ganha uma nova direção ao receber no LAPEN a visita de uma jovem angustiada, acompanhada por sua mãe, que procurava a sede do ECOIA na universidade, já havia percorrido o *campus* inteiro e vinha de

---

<sup>4</sup>Para demarcar o terreno dos estudos Neurolinguísticos desenvolvidos neste trabalho, primeiramente, sublinha-se que o emprego deste termo *não* se relaciona a Programação Neurolinguística (PNL), também conhecida como Neurolinguística, que segundo Fedosse, Andrade e Flosi (2010, p.146) limita “a linguagem e sua relação com o cérebro à condição *instrumental*, um instrumento de caráter fortemente programático, a ser utilizado pela pessoa para ‘obter sucesso na vida’, configurando-se como uma técnica de autoajuda”. Em segundo lugar, cabe esclarecer que dentre os estudos Neurolinguísticos que se dedicam ao estudo da relação cérebro, linguagem e demais processos cognitivos/psíquicos, a abordagem, aqui utilizada, distingue-se, ainda, da Neurolinguística de orientação formalista que procura identificar onde estão e como funcionam os módulos no cérebro, em pesquisas desenvolvidas em caráter experimental, tendo como foco o indivíduo em situações controladas. O que se desenvolve nesta pesquisa, portanto, está vinculado à Neurolinguística Discursiva, partindo “de uma perspectiva discursiva que orienta tanto a avaliação e o acompanhamento longitudinal de sujeitos quanto a análise de dados de linguagem, ambos ancorados de maneira particular em diversos domínios da Linguística” (COUDRY, et al, 2010, p. 23), bem como de outras áreas, com a finalidade de adentrar no universo que compõe o sujeito e a linguagem, em suas diversas relações, enfatizando os inúmeros papéis que possam desempenhar em situações de interlocução.

<sup>5</sup> O ECOIA é um dos espaços do Centro de Convivência e Intervenção em Neurolinguística (CeCIN) que tem como sede o LAPEN.

um dia agitado que a impedia mais ainda de se comunicar tranquilamente. Essa jovem foi encaminhada pelo neurologista Neilson Barroso, um dos médicos que abraçaram estes estudos. Cabe apresentá-la: RG, 35 anos, solteira, brasileira, nível superior, alegre e carismática. Segundo diagnóstico médico, apresenta uma afasia como seqüela de um AVCi decorrente de trombose de seio venoso<sup>6</sup>. Antes do acometimento neurológico, ministrava cursos de oratória, fazia um curso de pós-graduação, trabalhava em uma empresa com questões contábeis, lia livros, escrevia e lidava com números com frequência.

Para adentrar no contexto que envolve o sujeito RG no campo da afasia, toma-se o relato das lembranças do episódio neurológico vivenciado em doze de janeiro de dois mil e nove que remetem a um dia comum de trabalho, uma pausa para o horário de almoço, o convite para almoçar com a mãe, a carona do irmão para o retorno ao trabalho e um mal estar inesperado marcado por uma fala desconexa. Ao perceber uma mudança em RG, o irmão retorna para a casa da mãe que o aconselha a levá-la urgentemente ao hospital. Chegando ao pronto-socorro, o atendimento ainda não identificava o que estava ocorrendo, mas a mãe percebera as pontas dos dedos de RG roxas. Depois de muitos exames e alguns dias internada, obtém-se um diagnóstico de AVCi.

Dentre os inúmeros desafios que passou nesses dias, o que RG resgata é que a linguagem ficou perturbada: em uma situação, buscou incansavelmente na TV uma propaganda de biscoito, pois não conseguia evocar a palavra que fosse relativa ao seu desejo insaciável, qual seja: a vontade de comer biscoito; em outro momento, percebe que passou a chamar a sua mãe de “flovativa”.

RG busca outros centros urbanos com o intuito de ter um acompanhamento mais preciso do seu estado de saúde e recebe a notícia de que, além do AVC, havia um quadro de trombose. Nesse período, atordoada com uma série de exames e consultas, vê-se num momento em que tem que assinar seu nome e descobre que, além da dificuldade de se comunicar oralmente, havia uma lacuna também na escrita.

A partir dos relatórios<sup>7</sup> que constituem o diagnóstico médico de afasia do sujeito RG, obtém-se a informação de que possui a afasia sensorial fluente decorrente de um AVCi que, segundo ressonância magnética do crânio, acometeu uma área cortical posterior, à esquerda, que envolve os lobos temporal e occipital.

---

<sup>6</sup> Para Presti (2006), a trombose venosa é a oclusão parcial ou total da veia por trombo que pode acometer veias superficiais das extremidades resultando na chamada tromboflebite superficial, ou veias profundas, conhecidas como trombose venosa profunda. A trombose venosa pode resultar de lesão traumática ou inflamatória do endotélio venoso.

<sup>7</sup> O sujeito RG disponibilizou cópias dos relatórios médicos realizados desde o AVC, em doze de janeiro de dois mil e nove, até exames recentes. Esses relatórios encontram-se arquivados no LAPEN.

Ao depararcom o histórico vivido por RG,o que se problematiza é como se configura a linguagem em funcionamento neste sujeito após o AVCi a partir dos sintomas linguísticos manifestos na sua fala e na sua escrita. E, para esclarecer essa questão, desde o dia primeiro de julho de dois mil e onze, realiza-se o estudo neurolinguístico<sup>8</sup> do sujeito RG através do seu acompanhamento longitudinal, autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB - Protocolo 061/2010,no ECOA em atividades individuais e em grupo, com o intuito de avaliar a linguagem em funcionamento e intervir nas dificuldades linguísticas apresentadas.

Com o início do acompanhamento longitudinal, observou-se que RG apresenta parafasias<sup>9</sup>, paragrafias<sup>10</sup>, dificuldade de leitura e de representação numérica, além de déficit na percepção acústica em conversas ao telefone. Nas atividades em grupo, evidenciou-se que, quando há sobreposição de fala de interlocutores, apresenta dificuldade de compreensão, perda do foco e desvio do tópico conversacional.

Por meio dessa interação com o sujeito RG, busca-se esclarecer questionamentos mais específicos como: Quais as particularidades da afasia do sujeito em questão? O que se pode argumentar sobre as evidentes parafasias que marcam a sua fala e as paragrafias em sua escrita? O que se pode concluir deste estudo do ponto de vista neurolinguístico? Formulam-se, também, questionamentos filosóficos que discutem sobre: O que representaria o sujeito sem linguagem? O que seria da linguagem sem sujeito?

O objetivo geral desta dissertação é verificar a afasia do sujeito RG do ponto de vista da ND, relacionando os sintomas linguísticos concernentes a esta situação, que envolvem as parafasias evidenciadas na sua fala e as paragrafias em sua escrita, analisando como se dá a reestruturação do funcionamento da linguagem neste sujeito.

Dentre os objetivos específicos, busca-se uma fundamentação teórica com bases na ND para interpretar a afasia do sujeito em questão, suas características apontadas na literatura, para analisar as parafasias e as paragrafias explícitas neste acompanhamento. Tais objetivos tem, ainda, o intuito de avaliar a abrangência linguística desta situação em dados da fala e da escrita e identificar a constituição deste sujeito a partir da linguagem em funcionamento.

---

<sup>8</sup> O estudo neurolinguístico que este trabalho remete é composto de avaliação, acompanhamento longitudinal, recorte de dados, descrições e análises de acordo com os princípios da Neurolinguística Discursiva.

<sup>9</sup> O termo parafasia refere-se a uma perturbação da linguagem oral em que a palavra desejada pelo sujeito é substituída por outra não apropriada, ou quando há troca entre os sons pretendidos e aqueles efetivamente realizados.

<sup>10</sup> A paragrafia é uma perturbação na linguagem escrita que consiste em escrever uma palavra por outra. Segundo Macedo (2010), representa uma forma equivalente à parafasia na escrita, mas considera-se o fato de ser possível “a retomada, a observação, o planejamento, as ocorrências distorcidas de sintaxe ou semântica que se manifestam podem ser avaliadas, percebidas, reformuladas dando indícios de percursos cognitivos realizados pelo afásico para reformulações” (MACEDO, 2010, p. 222).

A hipótese que orienta esta pesquisa defende que a língua oferece recursos que possibilitam aos sujeitos afásicos a mobilização das dificuldades, visto que a linguagem, que permeia o humano, permite a utilização de processos alternativos de significação, reforçando o papel das interações neste processo que, por sua vez, abre espaço para a subjetividade.

Para direcionar esta pesquisa, filia-se aos princípios de avaliação e acompanhamento longitudinal da ND por levar em conta uma perspectiva discursiva que considera

[...] a interlocução e tudo aquilo que a ela diz respeito: as relações que nela se estabelecem entre sujeitos falantes de uma língua, dependentes das histórias particulares de cada um; as condições em que se dão a produção e interpretação do que se diz; as circunstâncias histórico-culturais que condicionam o conhecimento partilhado e o jogo de imagem que se estabelece entre os interlocutores. (COUDRY, et al, 2010, p.23-24)

Valoriza-se, com isso, a relação entre o sujeito e a linguagem, compreendendo a heterogeneidade desse tema, principalmente com relação à afasia.

O objeto de análise desta dissertação é constituído, dessa forma, de “dados-achado”, obtidos por meio do acompanhamento longitudinal do sujeito afásico RG, que representam, segundo Coudry (1996), “[...] o produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento.” (COUDRY, 1996, p. 183), por meio do movimento teoria-dado-teoria (COUDRY, 2002).

Nessa perspectiva, este trabalho é alimentado por uma base teórico-metodológica que “[...] permite a articulação de vários aportes teóricos, tendo como foco o estudo das relações entre cérebro e linguagem na vida em sociedade.” (COUDRY, et al, 2010, p. 24), estabelecendo uma relação dinâmica entre a teoria, que articula ideias de Freud (1891), Jakobson (1969;1970), Luria (1974) dentre outros, e os dados do acompanhamento longitudinal do sujeito afásico RG.

Com esses propósitos, a dissertação apresenta este primeiro capítulo que traça o caminho percorrido até chegar ao acompanhamento longitudinal do sujeito afásico RG, revelando as minúcias, os questionamentos, os objetivos, a hipótese e a abordagem geral da base teórico-metodológica. O segundo capítulo aborda as linhas gerais deste estudo neurolinguístico, expõe, primeiramente, uma breve retomada histórica que engloba os estudos do cérebro e da afasia, esclarecendo o direcionamento do trabalho para, depois, explorar a base teórico-metodológica e as vivências no ECOA. No terceiro capítulo, os dados são investigados à luz das teorias que norteiam este acompanhamento, focalizando as relações entre o sujeito RG e a linguagem. No quarto capítulo, apresenta-se a síntese dos principais resultados deste trabalho.

## **2 A CONSTRUÇÃO DO ESTUDO NEUROLINGÜÍSTICO DO SUJEITO AFÁSICO RG: A BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA E AS VIVÊNCIAS NO ECOA**

O percurso que revela a construção do estudo neurolinguístico da afasia do sujeito RG é apresentado, neste capítulo, por meio de uma breve retomada histórica sobre cérebro e afasia. Esta retomada constitui o direcionamento dos caminhos que conduzem à base teórico-metodológica que fundamenta esta dissertação.

A partir da definição desses caminhos, é descrito o movimento teoria-dado-teoria e apresenta-se, na sequência, um espaço de teorização sobre o normal e o patológico. Por último, expõe-se as relações entre o ECOA e o sujeito afásico RG por meio do relato das atividades desenvolvidas no acompanhamento longitudinal.

### **2.1 Breve retomada histórica: cérebro, afasia e direcionamento deste estudo**

Desde a Antiguidade, o cérebro é colocado em análise. Na Idade Média, segundo Luria (1974, p. 5-6), filósofos e naturalistas consideravam que “faculdades” mentais poderiam estar localizadas no que chamavam de “três ventrículos cerebrais” e a partir do século XIX esses estudos passam a ter um caráter científico.

Médicos e anatomistas demonstraram interesse sobre o cérebro e empreenderam muitos esforços para desvendar os seus mistérios. Um deles, Franz Joseph Gall (1758-1828), médico e anatomista alemão, afirmou que as ditas “faculdades” humanas ocupavam áreas cerebrais particulares e localizadas, impulsionando sua teoria conhecida como Frenologia que sediava em determinadas partes do córtex cerebral faculdades inatas e distintas. Esses estudos foram seguidos de muitos outros estudiosos que procuravam analisar as zonas funcionais do córtex cerebral tomando como referência lesões cerebrais locais.

Outro médico interessado nesses assuntos foi Jean-Baptiste Bouillaud (1796-1881) que retomou a ideia de Gall de sediar as habilidades verbais em determinadas regiões cerebrais e empreendeu-se em defender que a linguagem articulada depende dos lobos frontais. Bouillaud observou através da clínica os problemas de linguagem advindos de lesão cerebral anterior e concluiu que a sede da função cerebral perturbada estaria localizada na parte do cérebro que foi destruída.

O neurologista Marc Dax (1770-1837), apesar de não despertar muito interesse dos ouvintes, apresentou, em 1836, uma correlação anátomo-clínica entre o hemisfério esquerdo e o que ele considerava memória de palavras.

Merece destaque o trabalho do médico francês Jacques Lordat (1843) que contribuiu com estudos, análises e práticas com a afasia, por vivenciar aos 52 anos sua própria afasia. Segundo Coudry (1988), Lordat diferenciou-se entre os estudiosos da afasia por, entre outros motivos, conceber o dado linguístico integrado “[...] em uma atividade linguística, na ‘conversação’, em situações dialógicas e considera todas as manifestações do sujeito até as introspectivas.” (COUDRY, 1988, p.39), sendo que, na época, ainda se delineava a metodologia de investigação anátomo-clínica.

Ocientista, médico, anatomista e antropólogo francês, Paul Broca, em torno de 1861, atraído pelos distúrbios dos processos mentais e devoto da teoria do localizacionismo das funções cerebrais, postulou, prevendo exceções de alguns casos, que a sede para a linguagem articulada, a “fala motora”, seria o terço posterior do giro frontal inferior esquerdo, designando a lesão dessa região como responsável por um tipo característico de perda expressiva que ele denominou “afemia” e que, segundo Luria (1974, p.6), nomeou posteriormente de “afasia” que é o termo usado ainda hoje.

Em 1873, o médico, anatomista, psiquiatra e neuropatologista, Carl Wernicke (1848-1905), defendeu que uma lesão situada no terço posterior do giro temporal superior esquerdo levava a problemas de compreensão da linguagem falada, fala sensorial, revelando, também, uma perspectiva associacionista, que se centraliza nos centros nervosos e nas conexões que os unem. Esses estudos apontaram a existência de uma afasia sensorial ou de Wernicke, por estarem associados à linguagem fluente.

Neurologistas e psiquiatras traçaram, em torno de 1880, mapas funcionais do córtex cerebral com o intuito de solucionar o problema da estrutura funcional do cérebro como órgão da atividade mental. Esses estudos encontraram o opositor na figura do neurologista Hughlings Jackson (1835-1911) que, nesse período, defendeu que a organização dos processos mentais complexos deveria ser analisada a partir do nível de construção desses processos, no lugar de localizá-las em áreas particulares do cérebro.

Em 1926, o neurologista Henry Head destacou-se, dentro do ciclo de tentativas de outros estudiosos que buscavam relacionar os problemas de fala com as lesões cerebrais, por estabelecer uma teoria da afasia nessa perspectiva. Mas cometeu um equívoco ao buscar correlacionar determinadas estruturas linguísticas diretamente com áreas cerebrais estreitamente localizadas.

As questões da afasia obtiveram um importante direcionamento nos estudos de Freud (1856-1939), na sua formação inicial como neurologista, em um de seus primeiros escritos teóricos, *Zur Auffassung der Aphasien* (1891), que focalizou o estudo na afasia com atenção à

patologia do funcionamento da linguagem e destacou a ocorrência das parafasias que, para ele, denotava a funcionalidade reduzida do aparelho associativo da linguagem.

Pesquisas no campo da Neuropsicologia trouxeram importantes contribuições para os estudos do cérebro e da afasia. Um pioneiro nesse campo, o neurologista e psiquiatra alemão Kurt Goldstein (1878-1965), juntamente com outros estudiosos, resgatou os estudos de Hughlings Jackson e chamou a atenção para o caráter complexo da atividade mental humana. Goldstein defendeu o argumento de que a perturbação do pensamento categórico seria a origem de muitos sintomas afásicos e referiu-se à dificuldade de evocar palavras como uma mudança na atitude mental do sujeito em relação ao seu meio.

Ainda no contexto da Neuropsicologia, Luria (1902-1977) desenvolveu, a partir do estudo das lesões cerebrais, a ideia do cérebro funcionando como um todo, em um sistema funcional complexo, como em um concerto, responsável pela efetivação da atividade mental complexa. Nesse sentido, Luria (1974) argumentava que:

Naturalmente, nenhum dos processos mentais tais como a percepção e memorização, gnosias e praxias, fala e pensamento, escrita, leitura e aritmética, pode ser encarado como representando uma “faculdade” isolada ou mesmo indivisível, que seria a “função” direta de um grupo celular limitado ou seria “localizada” em uma área particular do cérebro. (LURIA, 1974, p.15)

Em seus estudos, Luria (1974) propôs a existência de três unidades cerebrais funcionais: uma seria responsável pelo tono, a vigília e os estados mentais, outra por obter, processar e armazenar informações que chegam do mundo exterior e uma última responsável por programar, regular e verificar a atividade mental com uma estrutura hierarquizada.

Dentre esses diversos estudos, a afasia como problema de linguagem decorrente de eventos neurológicos chamou, também, a atenção da Linguística. Um dos primeiros linguistas a se dedicar a esses fenômenos foi Roman Jakobson (1896-1982) que alvitrou uma análise linguística das afasias a partir do duplo caráter da linguagem, defendendo que todo signo implica dois modos de arranjo: o da combinação e da seleção, tomando como base a concepção Saussureana que relaciona os signos *in praesentia* (relações sintagmáticas) e os *in absentia* (relações associativas).

Em meio ao resgate histórico de estudos que desencadearam os estudos do cérebro e da afasia, emerge a Neurolinguística, uma área interdisciplinar que tem origem no final do século XX, momento em que linguistas interessaram-se pelos fenômenos afásicos. A origem dos estudos neurolinguísticos remete, dessa forma, a trabalhos realizados entre a ciência

médica e a linguística. Alguns atribuem a sua origem ao ano de 1939, com a publicação do livro *Le syndrome de désintégration phonétique* de Aloujouanine, Ombredane (neurologistas) e Durand (foneticista), outros, como Luria (1974, p.303), consideram-na como um ramo da Neuropsicologia.

Verifica-se que a Neurolinguística, em aspecto amplo, “[...] ao estudar os problemas adquiridos e de aquisição da linguagem originários de uma lesão, afecção ou disfunção do sistema nervoso central, é uma disciplina autônoma, possuindo metodologia e princípios próprios.” (LEBRUN, 1983, p.3)<sup>11</sup> e “[...] interessa-se pelo indivíduo que, tendo uma afecção do seu sistema nervoso central, apresenta dificuldades de adquirir ou utilizar adequadamente um código verbal.” (LEBRUN, 1983, p.4).Essa função demarca um campo específico de atuação e confere um caráter particular aos seus estudos.

Para adentrar as questões que distinguem os estudos da Neurolinguística dos estudos linguísticos propriamente ditos, sistematiza-se que:

É aquele que utiliza a linguagem e não a linguagem em si mesma que prende a atenção do neurolinguísta. Ele não estuda as perturbações lingüísticas em si mesmo; ele as analisa porque busca, através delas, compreender a desorganização dos mecanismos neurológicos causadores destas dificuldades. Desta maneira, a neurolingüística não considera os déficits verbais como idioletos que se desviam de uma norma e que são estudados isoladamente. Ao contrário, ela se esforça em descobrir a patogenia destes déficits e explicar o comportamento verbal do doente. A abordagem neurolingüística é, por consequência, diferente da abordagem lingüística de maneira que o ponto de referência de uma das ciências difere da outra. (LEBRUN, 1983, p.4)

Nesse sentido, grosso modo, o estudo das relações entre a patogenia e as dificuldades de linguagem são campos de atuação da Neurolinguística.

Estadissertação é ancorada na abordagem Neurolinguística, que teve origem no Brasil, no século XX, no final da década de 80, mais precisamente, àquela com base no trabalho desenvolvido por Maria Irma Hadler Coudry para tese de doutoramento (1986),publicada posteriormente como o livro *Diário de Narciso: Discurso e Afasia*(1988), que introduziu os estudos neurolingüísticos no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP. Esse trabalho pode ser evidenciado através do projeto coordenado porCoudry, desde 1992,denominado *Projeto Integrado em Neurolinguística: práticas com a linguagem e documentação de dados* (CNPq: 307227/2009-0) que abriga “[...] um estudo teórico metodológico da linguagem em estados patológicos de adultos (afasia, síndrome

---

<sup>11</sup>O Professor Doutor Yvan Lebrun faz parte do Departamento de Neurolinguística e do Curso de Pós-Graduação em Neurolinguística da Universidade Livre de Bruxelas.

frontal) e de crianças (dificuldades de leitura/escrita [...]).”(COUDRY, 2008, p.17). Essa abordagem é conhecida como Neurolinguística Discursiva (aqui já mencionada como ND). Segundo Coudry (2008),

Os estudos neurolinguísticos que seguem a tradição discursiva desenvolvem uma forma de avaliação linguístico-cognitiva assentada em práticas discursivas (MAINGUENEAU, 1989) que fazem sentido para as pessoas inseridas na sociedade em que vivemos, representada, de alguma forma nas sessões coletivas e individuais, mediante, sobretudo, o uso social da fala, escrita e leitura.(COUDRY, 2008, p.16-17)

Esse aparato no qual a ND se sustenta transpõe uma reflexão por meio da prática discursiva que possibilita o olhar para os processos de significação constituídos a partir da linguagem em funcionamento de um sujeito afásico já que “[...] o objeto desta teoria é pois o discurso, entendido como a colocação da língua em funcionamento, exercício mutuamente constitutivo realizado pelos protagonistas do discurso, o locutor e o alocutário.” (COUDRY; POSSENTI, 1983, p.101), aliados a uma prática de articulação teórica (Freud, Jakobson, Luria, dentre outros), que dialoga com a relação entre o cérebro e a linguagem na vida em sociedade.

Com base nessa última configuração de estudos voltados para o cérebro e a afasia, apresenta-se, na seção a seguir, a base teórico-metodológica que dá suporte a este trabalho e expõe os contornos da construção do estudo neurolinguístico da afasia do sujeito RG.

## **2.2 Caminhos que conduzem à construção deste estudo neurolinguístico da afasia**

Na análise do diagnóstico de afasia, é preciso mergulhar nas nuances que se revelam em torno desse conceito. A afasia como alteração do funcionamento da linguagem é considerada a partir de um evento neurológico e distingue-se das trocas ou dificuldades com a linguagem apresentadas por pessoas em perfeitas condições de saúde.

Jakobson (1970, p.43) explica que “[...] a afasia pode levar a uma redistribuição das funções linguísticas.”, o que induz a considerar que esse estado afeta tanto um nível linguístico quanto sua relação com outros níveis, afetando a linguagem. Nesse sentido, “[...] se antes a fala transcorria como natural, com todas as marcas da fala humana, no estado afásico, não estão mais tão à disposição de quem fala, havendo uma interrupção no fluxo do discurso.” (COUDRY; et al, 2010, p. 382).

No dado<sup>12</sup> transcrito a seguir, com o intuito de ilustrar o contexto da afasia neste acompanhamento longitudinal, RG fala sobre a dificuldade de recordar palavras e o surgimento de uma parafasia “opitolupitelo” no lugar de “helicóptero”.

Situação enunciativo-discursiva: 15/07/2011

Quadro 1: Dado 1: Opitolupitelo

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	RG	Vai tá palavras que não tem nada a ver. Por exemplo, avião. Não tem avião? Tem um negócio que é bem parecido. Como é que é o nome?	Risos.	
2	Itn	Helicóptero?		
3	RG	Sim. Aí você fala assim, escreve ou fala aí essa palavra: Opitolupitelo.		
4	Itn	Opitolupitelo.		
5	RG	E parece que é uma coisa normal. Sabe assim? Você fala assim essa menina é louca, sabe?		
6	Iic	Na hora que você fala você não se dá conta?		
7	RG	Isso.		
8	Iic	Que você tá dizendo outra palavra.		
9	RG	Ontem eu tava com meu cachorro e é engraçado que ele coloca uma orelha pra cá e outra pra cá. Eu falo cachorro tem orelhinha de opitolupitelo. Mainha cá, cá, cá. Orelhinha de opitolupitelo. E eu falo assim como se fosse a /	Risos.	Demonstra com as mãos as direções contrárias para as orelhas.
10	Iic	Palavra.		
11	RG	Sabe, assim? Aí depois eu dou conta que /. Ah, minha mãe é aquela palavra que você sabe o que que é. Porque ela já sabe, não é? Aí ela fala, minha filha, se alguém ver isso / você não é normal. Eu não sou uma pessoa normal mesmo.	Risos.	

Nessedado, além do impasse vivenciado com a substituição da palavra desejada “helicóptero” por “opitolupitelo”, obtém-se um testemunho de como esse sujeito vivencia

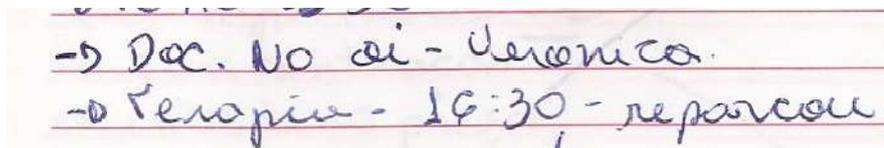
<sup>12</sup>Os dados transcritos neste trabalho seguem, com algumas adaptações, o modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP (conferir Anexo A). Esse modelo segue o que consta na tese de doutorado intitulada “Uma abordagem sociolinguística da afasia: O Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala”, de autoria da Prof<sup>ª</sup>. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (2006).

essa situação por meio da sua fala: “E parece que é uma coisa normal [...]”, no turno 5. Com a reação de risos da mãe, comentada no turno 9, é que RG relata a reavaliação do que foi dito e, no turno 11, diz: “Aí depois eu dou conta que /. Ah, minha mãe é aquela palavra que você sabe o que que é.”, revelando o processo que desencadeia um relação constitutiva entre sujeito e linguagem.

Na escrita, alterações de processos linguísticos também são perceptíveis como no dado a seguir, retirado da agenda diária de RG. No episódio, RG registra uma mudança de horário de uma terapia, empregando a palavra “reparcou” no lugar de “remarcou”.

Situação enunciativo-discursiva: 16/03/2012

Quadro 2: Dado 2: Reparcou



Transcrição:

- Doc. no oi Veronica.

- Terapia – 16:30 – reparcou

Nesse dado, observa-se a seleção de um grafema inapropriado para a escrita da palavra desejada, quando escreve “reparcou” no lugar de “remarcou”, assinalando a substituição do grafema “m” por “p”, transparecendo uma instabilidade fonológica que cerca a linguagem em funcionamento do sujeito RG.

Na perspectiva de estudo da afasia adotada neste trabalho, as interpretações feitas a partir de uma produção oral ou escrita do sujeito não decorrem apenas da suposição de substituição de uma palavra por outra, nem tampouco de revelar uma produção intencionada, mas na tentativa de reconhecer as relações discursivas envolvidas e se aproximar do funcionamento da linguagem (ISHARA, 2010).

Para compreensão desses dados, o conceito de linguagem é tomado como uma atividade que se constitui “[...] na dimensão contextual e social em que os homens, por ela, atuam sobre os outros, na dimensão subjetiva em que, por ela, os homens se constituem como sujeito, na dimensão cognitiva em que, por ela, os homens atuam sobre o mundo estruturando a realidade”(COUDRY, 1988, p. 47). Assim,

A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema

simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. (FRANCHI, 1977, p. 22)

Cabe destacar que “[...] a linguagem não se limita às ‘formas’. Por isso, o que há de lingüístico além das formas também deve ser avaliado.”(COUDRY; POSSENTI, 1983, p. 99). Desse prisma, a linguagem é um modo de significar o mundo em um trabalho coletivo que inclui a subjetividade, e essa significação se dá pelas mais diversas maneiras, pois “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro.” (SAUSSURE, 1916, p.16).

Nesse contexto, ao avaliar a linguagem em funcionamento<sup>13</sup>, considera-se que

*Avaliação de linguagem* que deriva dessa perspectiva relaciona-se aos processos de descoberta e conhecimento das dificuldades que o sujeito apresenta, bem como aos processos alternativos de significação de que lança mão para com elas lidar. A avaliação leva em conta, por constituir-se em meio às várias práticas discursivas em que o sujeito se engaja, ou pode se engajar, as tendências que a língua pode manifestar quando o sujeito trabalha com os processos patológicos, exibindo a ação criadora afeita ao exercício da linguagem por sujeitos pragmáticos. (COUDRY, 2002, p.111)

O estudo da afasia nessa perspectiva envolve, portanto, um sujeito que se manifesta por meio da linguagem, tem um papel ativo e reconstitui-se na interação, pois “[...] é a partir da prática discursiva e de seus constituintes que aquilo que o sujeito identificou na língua passou ou passa a ‘fazer’ sentido para ele.”(MORATO, 2001, p. 167). E o que aqui se apresenta como acompanhamento longitudinal é uma proposta abrangente que envolve interação, situações discursivas em que:

O trabalho de reconstrução dos objetos lingüísticos perdidos é um trabalho em conjunto, rico de experiências recíprocas, de relações intersubjetivas e pessoais em que se criam ‘os compromissos de uma cumplicidade, base para o estabelecimento das relações entre os interlocutores’ afásicos e não afásicos.(FRANCHI, 1986, p. XIII)

Essa cumplicidade pressupõe uma relação simétrica entre os que interagem com esses sujeitos, pois considera-se o fruto dessas relações que se constituem em ação. O que se

---

<sup>13</sup>A questão da linguagem em funcionamento pode ser sistematizada a partir de Benveniste (1974), por meio do que ele elabora como enunciação, representando o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1974, p. 82) e que considera, “sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 1974, p. 83). Ao mesmo tempo em que esse ato, exercido pelo enunciador, pressupõe a presença de um outro (de qualquer ordem), o alocutário, a quem ele expressa sua relação com o mundo.

evidencia é uma avaliação da linguagem em funcionamento com todos os seus múltiplos usos e com particularidades do sujeito que a desenvolve, visto que

[...] a questão da avaliação de linguagem em contextos patológicos (afasia), diferentemente da abordagem tradicional assentada em tarefas essencialmente metalingüísticas, descontextualizadas e baseadas em uma concepção normativa e culta de língua, insere-se no exercício de *práticas que fazem sentido* para o sujeito, relacionadas a situações de uso social da linguagem. Por isso, nessa perspectiva, se avalia como o sujeito expressa sentidos e interpreta o jogo verbal de que participa como sujeito falante de uma língua natural, levando em conta que o sentido não é dado previamente, mas se faz em meio a contingências enunciativas e ântropo-culturais. (COUDRY, 2002, p.112)

A esses conceitos que englobam a linguagem, correlaciona-se a definição de comunicação utilizada neste trabalho que “[...] se situa em relação ao seu uso social, aberta aos fatores que a condicionam e determinam na interação dos interlocutores, em sua relação com o mundo e a cultura.” (FRANCHI, 1977, p. 10), e, no entanto, “[...] não é a função única, nem mesmo a função essencial da linguagem: ela permite antes a reflexão e o pensamento.” (FRANCHI, 1977, p. 19).

Essas considerações devem remeter ao conceito de sujeito que “[...] tem um trabalho para exercer com/na/sobre a linguagem em relação ao(s) outro(s) e ao mundo (re)organizado” (COUDRY, 2002, p.102), pois “[...] há linguagem na afasia quando há sujeito” (COUDRY, 2002, p.102). Deixar de considerar as particularidades desse sujeito é negar a subjetividade. Dessa maneira, “O trabalho com sujeitos reais, historicamente situados, nos força a reconhecer e a explorar teoricamente o fato de que eles costumam usar a linguagem, seja em sua forma oral, seja em sua forma escrita, de maneira por vezes absolutamente singular.” (ABAURRE; COUDRY, 2008, p.173-174), o que não pode ser apenas categorizado em padrões pré-estabelecidos.

A partir dessa base, conceitua-se língua como “[...] as regras sociais do jogo da linguagem que se originam na prática com a linguagem.” (COUDRY, 1988, p. 56), uma vez que a língua está situada para além de qualquer pessoa e anterior a qualquer sujeito, mas o determina. Nesse processo, engloba-se a constituição da subjetividade, pois “[...] saber uma língua é constituir-se pessoalmente de enunciações e constituir-se através dela. Sabe a língua aquele que exerce sua subjetividade pela linguagem, levando em conta leis sociais indicativas de processos de construções de enunciados [...]” (COUDRY; POSSENTI, 1983, p. 100).

Destaca-se que a língua “[...] é ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir

o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, 1916, p.17). Nesse sentido, sublinha-se o seu caráter social, suas regras estabelecidas socialmente, para só então o sujeito exercê-las individualmente.

No contexto da afasia em destaque neste estudo, evidencia-se, conforme Coudry e Bordin (2012, p. 135), “[...] uma barreira para experienciar, de novo, a língua em uso[...]” e dentro do universo de apagamentos que cercam o sujeito afásico é que se constituirá o alvo das relações com a língua, pois não se pode deixar de considerar que “Alíngua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve.” (SAUSSURE, 1916, p. 22).

Considera-se, ainda, que “Para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala.” (SAUSSURE, 1916, p. 22). Esse destaque direciona o olhar para o estudo da fala para evidenciar o funcionamento da língua e é peça chave para este estudo, pois as tentativas do sujeito afásico de reestruturar a sua fala estão previstas na língua.

Saussure (1916) esclarece a questão do fenômeno psíquico que pode ser representado quando um dado conceito suscita no cérebro uma imagem acústica, seguido de um processo fisiológico em que o cérebro transmite aos órgãos de fonação um impulso correlacionado à imagem. Para Freud (1891), o psíquico representa “[...] um processo paralelo ao fisiológico [...]” (FREUD, 1891, p.31) sendo ao mesmo tempo dependente e concomitante.

Nesse sentido, cabe explorar a aproximação entre o estado afásico e a entrada das crianças no mundo das letras que, segundo Coudry e Bordin (2012),

[...] não estão no mesmo lugar, mas se encontram, tendo o afásico saído do sistema da língua, na qual tenta reentrar, e a criança tendo revivido seu percurso de sujeito na linguagem em direção a um novo percurso que se inicia na sua relação com a letra e a voz; ou seja, com o que pode ser escrito, inscrito no corpo. (COUDRY; BORDIN, 2012, p. 136)

A afasia apresenta empecilhos para o sujeito exercer a língua novamente e a entrada da criança no mundo das letras pode representar uma barreira para aprender a ler e a escrever.

Para inferir sobre essas questões, demarca-se que o conceito da fala envolve

[...] um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 1916, p. 22)

A fala engloba, portanto, aspectos amplos que vão desde as associações dentro do código da língua até a exteriorização desse processo. Nessa perspectiva, a fala baseia no fato de que

Falar implica a seleção de certas entidades lingüísticas e sua combinação em unidades lingüísticas de mais alto grau de complexidade. Isto se evidencia imediatamente ao nível lexical: quem fala seleciona palavras e as combina em frases, de acôrdo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciados. Mas o que fala não é de modo algum um agente completamente livre na sua escolha de palavras: a seleção (exceto nos raros casos de efetivo neologismo) deve ser feita a partir do repertório lexical que êle próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum. (JAKOBSON, 1969, p. 36-37)<sup>14</sup>

Esse excerto remete às particularidades que a fala sublinha, pois ela representa uma manifestação individual atrelada às entidades lingüísticas. E isso não é tudo. Representa, ainda

[...] claramente uma estrutura psicológica altamente complexa que incorpora vários componentes diferentes. As características gerais da atividade de fala como uma forma especial de comunicação social representam apenas um aspecto deste processo. Existem, contudo, outros aspectos da fala: como *instrumento para a atividade intelectual*, e, finalmente, como um método para *regular* ou organizar processos mentais humanos. (LURIA, 1974, p.269)

Concentra-se, neste estudo, no sujeito afásico que apresenta especificidades advindas de um evento neurológico e que interferem no seu papel de falante. Por isso, busca-se um trabalho com bases na ND que se constitui de um “[...] conjunto de teorias e práticas, cuja concepção de linguagem, ao contrário de uma visão organicista, concebe língua, discurso, cérebro e mente como construtos humanos que se relacionam.” (COUDRY, 2008, p. 16).

Na perspectiva da ND, as concepções teóricas põem em relevo

Aavaliação e o acompanhamento do afásico, sob uma dinâmica heurística que produz conhecimento de processos de significação verbais e não verbais. Instrui e produz um (re)conhecimento mútuo de dificuldades e soluções, encontradas na interlocução e dialogia: lugar em que se cruzam discursos e

---

<sup>14</sup>Não cabe aqui entrar nas críticas feitas ao esquema de Jakobson (1969) como redutor e simplificador dos processos de comunicação humana assimilando-o com o esquema cibernético da teoria da informação que, como se sabe, não foi concebida para dar conta do sentido, mas formulada pelos engenheiros das tecnologias da informação para medir a quantidade de sinais que podem passar em simultâneo pelas redes da informação, tais como telégrafos e telefones. O que importa neste trabalho é o fato de que se o sistema está preservado, as substituições, previstas pelo sistema, não o transgridem, visto que os interlocutores, falantes de uma mesma língua, conseguem, em cooperação e contexto, vincular significantes a significados, assegurando o valor lingüístico.

por onde circulam outros sistemas semióticos que partilham com a língua a produção e compreensão de sentidos.(COUDRY, 2002, p.102)

Assim, conduz-se à percepção da importância de considerar o dado-achado que resulta da articulação teórica a respeito do objeto em investigação juntamente com a avaliação e acompanhamento dos processos linguísticos e cognitivos envolvidos em que a teoria conduz ao caminho do dado e o dado alimenta um caminho para discutir e fundamentar a teoria.

No universo que cerca a linguagem do afásico destaca-se que “Para estudar, de modo adequado, qualquer ruptura nas comunicações, devemos, primeiro, compreender a natureza e a estrutura do modo particular de comunicação que cessou de funcionar.” (JAKOBSON, 1999, p. 34), pois cada caso traz especificidades que devem ser consideradas, já que o universo que constitui essa linguagem não se limita a categorias.

Nos dados do estudo neurolinguístico que aqui se apresenta, evidencia-se a parafasia, “[...] uma perturbação da linguagem em que a palavra apropriada é substituída por uma outra não apropriada que tem no entanto uma certa relação com a palavra exacta.” (FREUD, 1891, p. 9), nos desafios enfrentados pelo sujeito RG na fala e substituições semelhantes que se configuram sob a forma de paragrafias na escrita.

Por meio da literatura neuropsicológica e neurolinguística tradicional a caracterização e a classificação das parafasias e paragrafias podem ser descritas, segundo Reisdorfer (2007), como fonológica (quando há substituições de fonemas), neologizante (cujos processos subjacentes são os mesmos das parafasias fonológicas, mas com o aumento da dificuldade para que se compreenda qual é o referente), lexical (quando há substituição de uma palavra por outra) e semântica (quando as substituições estão ligadas ao mesmo espaço de significação ou semântico), mas ressalta-se que a aplicação desses termos são terminologias linguísticas que nos permitem falar sobre eles em uma comunidade científica. No contexto da ND, explicita-se melhor o que esses conceitos podem destacar de normalidade.

Uma amostra das parafasias utilizadas pelo sujeito RG é explicitado no dado a seguir no qual RG conta um episódio em que tentava chamar o seu cachorro que estava no quintal e resgata a fala de seu irmão com quem conversava no momento.

Situação enunciativo-discursiva: 26/08/2011

Quadro 3: Dado 3: Você não vai chover, não?

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Aí eu na cozinha, né? E o meu irmão na sala. Esse cachorro eu não sei não. “Como é que você tem um cachorro dentro de casa que parece uma pessoa”. Ele é uma pessoa. “Pessoa onde? Só se for na sua cabeça”. Bebê venha, bebê venha. Eu olhei pra ele e falei: “Você não vai chover, não? Você não vai chover, não?” Aí ele me olhou e disse: “Chover?” Não e é desse jeito. “Você não vai chover? Chover aonde, RG?” E eu olhei: “Chover?” Ô não era chover, não. Era pra entrar.		

O emprego do verbo “chover” no lugar do verbo “entrar”, no dado 3, delinea os conceitos de parafasia lexical e semântica, pois pode-se explorar que além da substituição de palavras que sublinham o aspecto lexical, há o campo semântico que remete à possibilidade de RG chamar o cachorro para entrar porque pode chover. Acrescenta-se, ainda, que RG comete parafasias de outras ordens que evidenciam dificuldades de distinção no aparelho fonador, devido a semelhanças entre palavras ou ao contexto que serão analisadas em outros dados deste estudo.

Nesse sentido, esclarece-se que “[...] a parafasia observada em alguns doentes não se distingue em nada daquela troca ou mutilação de palavras que quem é saudável pode encontrar em si próprio em caso de cansaço ou de atenção distraída ou sob a influência de estados afetivos que o perturbam [...]” (FREUD, 1891, p. 9). O que se tem como distintivo entre o normal e o patológico é o evento neurológico e o nível de incidência dessas parafasias ou paragrafias que vai além das trocas esporádicas que podem acontecer em um sujeito dentro de padrões de normalidade.

A seguir, apresenta-se um dado de escrita em que o sujeito RG buscava descrever a trajetória vivida desde o AVC e traçar planos para o futuro. No trecho, surge a paragrafia “derminar” no lugar de “terminar”.

Situação enunciativo-discursiva: 28/09/2012

Quadro 4: Dado 4: Derminar

*Para o futuro: Derminar o curso de massoterapia, talvez voltar para Brasilia tentar um*

Transcrição:

*Para o futuro: Derminar o curso de massoterapia, talvez voltar para Brasilia tentar um*

Para Freud (1891), a parafasia relaciona-se à redução do aparelho da linguagem e, neste trabalho, direciona-se essa base conceitual também para as paragrafias. Este aparelho “[...] dispõe de uma tal riqueza de expressões sintomáticas que só dele podemos esperar a revelação, através do tipo de perturbação funcional, não só da localização mas também da natureza da lesão.” (FREUD, 1891, p.15). O aparelho da linguagem é constituído de associações e a palavra é concebida como unidade funcional da linguagem que representa “[...] uma complexa representação que consiste nas imagens mencionadas ou, por outros termos, à palavra corresponde um intrincado processo associativo em que vêm a entrar os elementos já mencionados, de providência visual acústica e cinestésica.” (FREUD, 1891, p. 46). O significado da palavra provém da associação à ideia que esse objeto representa (pelo menos é o que Freud constata com os substantivos) e essa ideia ou conceito associa-se a outro complexo de associações com as mais diversas impressões visuais, auditivas, táteis, cinestésicas.

Ao focalizar as questões sobre as parafasias e as paragrafias que se manifestam por meio da fala, da escrita e da leitura, “[...] é importante ressaltar que tanto a fala quanto a escrita e a leitura são guiadas pelo sentido. É o sentido que conhecemos pela fala e que exercemos na família, no bairro, na igreja, na escola, por exemplo, que reconhecemos nos textos que lemos e escrevemos.” (COUDRY, 2012a, p.3) e que deve ser explorado nos estudos de afasia, pois esse sentido constitui o sujeito e a sua linguagem.

Saussure (1916), para explicar a dinâmica da escrita, destaca que “[...] conquanto a escrita seja, por si, estranha ao sistema interno, é impossível fazer abstração dum processo por via do qual a língua é ininterruptamente representada; cumpre conhecer a utilidade, os defeitos e inconvenientes de tal processo.” (SAUSSURE, 1919, p.33). Desse modo, diversos aspectos estão presentes no trabalho com a escrita como o conhecimento do sujeito como falante, participante de uma comunidade que domina uma determinada variedade e o conhecimento que tem da escrita inserida em práticas sociais que o cercam. Santana (2002) arremata essas considerações ao inferir que:

[...] a escrita não se resume a palavras soltas, sílabas complexas, frases simples. Os sujeitos reconhecem o valor social da escrita e de suas práticas discursivas num nível muito mais sofisticado e conveniente, como produção de sentidos, e não de classificação gramatical; não numa escrita de sílabas, mas numa escrita de atividades significativas e cotidianas [...]. (SANTANA, 2002, p. 149)

Para tratar dessas questões que envolvem um sujeito que se manifesta discursivamente por meio da linguagem, da fala, da escrita, diversos caminhos podem ser trilhados. A partir dos indícios evidenciados nos dados do sujeito RG, busca-se subsídios na ND articulados à Filosofia, Fonética, Fonologia, Pragmática<sup>15</sup>, dentre outras áreas que compartilham teorizações sobre os processos aqui revelados e que serão descritos, discutidos e analisados a partir de dados do acompanhamento do sujeito RG no capítulo 3 intitulado *Teoria-dado-teoria: o sujeito RG e a linguagem*.

Ao pensar nas questões do sujeito e sua relação com a linguagem é que se resgata na Filosofia fundamentos para a reflexão no sentido de esclarecer esse terreno. Mais precisamente, o que se propõe aqui é um estudo do sujeito pragmático e de sua linguagem em funcionamento no sentido de reconhecer um olhar neurolinguístico para a afasia.

Cabe esclarecer que a reflexão aqui exposta tem o foco no que o filósofo e historiador escocês David Hume (1711-1776) propõe como filosofia fácil e clara “[...] que penetra na vida cotidiana, molda o coração e os afetos, e ao atingir os princípios que impulsionam os homens, reforma-lhes a conduta e aproxima-os mais do modelo de perfeição que ela descreve.” (HUME, 1748, p. 26), pois, para abordar a linguagem, é preciso analisar todo o universo que a cerca. Ela vai além de um conjunto de símbolos ou sentenças.

Compreendendo esse universo que está ao redor da linguagem que se alia o interesse Filosófico desse estudo, pois

A importância filosófica do estudo da linguagem pode ser definida pelo fato de a linguagem ser uma característica tipicamente humana. Compreender a linguagem é importante para compreender a natureza humana. [...] A linguagem pode ser entendida desta maneira como constituidora e reguladora da atividade social, tendo em vista a sua função comunicativa e as características de sua constituição, que representam a sua dimensão social. (MARCONDES, 2001, p. 55)

---

<sup>15</sup> A base teórica Pragmática explorada neste trabalho não tem ligação com as práticas de reeducação neuropsicológicas da abordagem cognitivista (em que se busca criar métodos terapêuticos que visam isolar os déficits treinados) ou da abordagem pragmática (abordagem mais funcional, com o intuito de treinar situações cotidianas), assim o que se pretende aqui é analisar e estudar fenômenos linguísticos de forma articulada com essa base teórica, com a intenção de “trazer elementos que ponham em movimento determinados aspectos envolvidos no funcionamento da linguagem e que convoquem o sujeito para lidar com o funcionamento da língua e da linguagem” (ISHARA, 2008, p.24).

O que se analisa, nesse contexto, é a linguagem em funcionamento já que “[...] o fato de a linguagem significar implica que há conexão entre os signos lingüísticos, as representações mentais e o mundo exterior.” (AUROUX, 1998, p.224).

A linguagem perpassa então o eu e o outro em um movimento que é construído através das vivências. Hume (1748) esclarece que

Todos os materiais do pensamento derivam de nossas sensações externas ou internas; mas a mistura e a composição deles dependem do espírito e da vontade. Ou melhor, para expressar-me em linguagem filosófica: todas as nossas idéias ou percepções mais fracas são cópias de nossas impressões ou percepções mais vivas. (HUME, 1748, p. 36-37)

É um processo que vai além do controle humano, depende do social, “[...] podemos mudar o nome das coisas, porém sua natureza e sua ação sobre o entendimento não mudam jamais.” (HUME, 1748, p. 97). A linguagem conduz à significação, no entanto “[...] não é na intenção de significar que nasce o signo, mas na interação social que nasce o signo e na utilização socializada dos signos que nascem e se desenvolvem a intenção de significar e a consciência.” (AUROUX, 1998, p.231). Dessa forma, a linguagem se constitui em movimento entre um eu, o outro e o mundo.

Sob esse ponto de vista, a linguagem dá forma às experiências do sujeito (FRANCHI, 1977), podendo compartilhá-las, multiplicá-las, dividi-las, modificá-las em um processo de infinitas possibilidades em um trabalho coletivo, integrado pela inserção de cada indivíduo que a constitui.

Nesse sentido, esses aspectos são incorporados à prática da ND que articula teorias para avaliar a linguagem em funcionamento, considerando a linguagem como a ação entre interlocutores. A partir desse direcionamento, busca-se, também, fundamentações sobre a linguagem em uso, por isso a Pragmática é utilizada para funcionar como uma teoria auxiliar para os estudos de afasia, pois sua abordagem fornece subsídios importantes para a avaliação e reintegração do sujeito afásico.

Austin (1962) destaca a importância de pôr em jogo a análise das declarações e de seus efeitos. Segundo ele, para compreender a linguagem é necessário considerar o ato da linguagem que engloba os atos locucionários que representam o dizer algo, os ilocucionários que englobam a força que o enunciado produz e os perlocucionários que é o efeito produzido em quem ouve. Nesse sentido, explica que

É sempre necessário que as *circunstâncias* em que as palavras forem proferidas sejam, de algum modo, *apropriadas*; freqüentemente é necessário que o próprio falante, ou outras pessoas, também realize determinadas ações

de certo tipo, quer sejam ações ‘físicas’ ou ‘mentais’, ou mesmo o proferimento de algumas palavras adicionais. (AUSTIN, 1962, p.26)

Os interlocutores desempenham um papel imprescindível para que a linguagem se constitua. Assim, a linguagem é fruto da ação e não do simples proferir. Esses estudos revelam que no universo em que as palavras são ditas há muito que se considerar, “Porque há inúmeras funções ou maneiras de utilizarmos a fala, e faz grande diferença para o nosso ato em certo sentido [...] a maneira e o *sentido* que estávamos ‘usando’ a fala nessa ocasião.” (AUSTIN, 1962, p. 88).

É necessário, ainda, levar em conta que

Já que os nossos atos são atos, sempre temos que nos lembrar a distinção entre produzir efeitos ou conseqüências que são intencionais ou não intencionais; e entre (I) quando a pessoa que fala tenciona causar um efeito que pode, contudo, não ocorrer e (II) quando a pessoa que fala não tenciona causar um efeito ou tenciona deixar de causá-lo e, contudo, o efeito ocorre. Para enfrentar a complicação (I) invocamos, como já fizemos, a distinção entre tentar e conseguir; para enfrentar a complicação (II) invocamos os recursos lingüísticos normais para negar nossa responsabilidade (advérbios como ‘não intencionalmente’ e outros), disponíveis para uso individual em todos os casos de realização de ações. (AUSTIN, 1962, p. 92-93)

Para analisar os atos, é preciso estar ciente de que o universo que cerca o uso da linguagem revela intenções e efeitos diversos, uma vez que “[...] quando se fala é característico que se queira significar alguma coisa pelo que se diz; e o que se diz, a sequência de sons que se emite, tem como característica ter uma significação.” (SEARLE, 1969, p.59).

Searle (1969) põe em relevo os estudos de Austin (1962) e enfatiza que o processo da linguagem em funcionamento envolve regras que se explicitam no comportamento humano, mesmo que a percepção dessas regras não esteja explícita. Assim,

Algumas vezes para explicar adequadamente um pouco do comportamento humano, temos que supor que foi realizado de acordo com a regra, mesmo que o próprio agente possa não ser capaz de afirmar a regra e possa mesmo nem estar consciente do facto de que está agindo de acordo com a regra. O facto de o agente saber como fazer algo pode apenas ser adequadamente explicável com base na hipótese de que ele conhece (adquiriu, interiorizou, aprendeu) uma regra com um determinado efeito, ainda que, num sentido importante, ele pode não saber que conhece a regra ou que faz o que faz em parte por causa da regra. Duas das marcas de comportamento governado por regra opondo-se ao comportamento meramente regular são, de um lado, o fato de nós conhecermos geralmente os desvios do padrão como sendo, de certo modo, errados ou defeituosos e, do outro, o facto de a regra, contrariamente à simples regularidade, se aplicar automaticamente a novos casos. Defrontando-se com um caso nunca visto antes, o indivíduo sabe o que fazer. (SEARLE, 1969, p.58-59)

RG faz o que faz e segue uma regra. Essa regra é representada pela base do que é estabelecido socialmente e o próprio indivíduo reconhece, mesmo sem ter consciência do que segue.

Para considerar o significado e a intencionalidade, Grice (1975) apresenta as implicaturas conversacionais, buscando compreender como os efeitos de sentido vão além do que é dito ao propor o princípio da cooperação que permite ao falante e ao ouvinte não perder o controle do diálogo. Assim,

Nossos diálogos, normalmente, não consistem em uma sucessão de observações desconectadas, e não seria racional se assim fossem. Fundamentalmente, eles são, pelo menos até um certo ponto, esforços cooperativos, e cada participante reconhece neles, em alguma medida, um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou, no mínimo uma direção mutuamente aceita. (GRICE, 1975, p.86)

Toda imprecisão da fala seria resolvida na conversação, com a participação do interlocutor, operando com as leis da conversação em uma direção que ambos aceitem.

Adentrando as particularidades da linguagem em funcionamento do sujeito afásico RG que revelam desordens recobertas de regras da língua, a Fonética e a Fonologia, áreas da Linguística com campos de estudo relacionados, são requisitadas neste estudo neurolinguístico para subsidiar a análise das parafasias e paragrafias. Esse subsídio é importante por fornecer uma base teórica que conduz o estudo dos sons da fala, uma vez que a Fonética preocupa-se com o estudo físico e fisiológico dos sons, de forma descritiva e a Fonologia busca interpretar como os sistemas sonoros são constituídos, detendo-se nos sons capazes de distinguir significados, ao valor do som no sistema, que são os fonemas.

Reiterando a importância desses estudos, Abaurre (2006) destaca que

Os neurolinguistas que participam de equipes de acompanhamento de pacientes afásicos, por exemplo, podem melhor compreender as produções desses pacientes a partir do conhecimento do modo de organização e de funcionamento do módulo fonológico da gramática. Tal conhecimento lhes permite identificar, em situações naturais de interlocução, os contextos precisos, segmentais ou prosódicos, em que se verificam perturbações na sua produção linguística, facilitando-se assim o planejamento de eventos de interação que podem levar esses pacientes a investir na reconstrução da linguagem, na medida de suas possibilidades. (ABAURRE, 2006, p. 69)

Ao considerar essas especificidades em torno deste estudo de afasia, pode-se inferir sobre as substituições realizadas pelos afásicos tanto na oralidade quanto na escrita e direcionar meios para a reconstituição de caminhos para os acertos.

### 2.3 Em busca dos dados: o movimento teoria-dado-teoria

Ao delinear a base metodológica, que se constitui a partir do referencial teórico exposto nesta dissertação, são revelados os processos constituídos pelo sujeito afásico por meio da linguagem em funcionamento. Apresenta-se um estudo de caráter qualitativo, pois a intenção é captar o fenômeno partindo da perspectiva do sujeito envolvido, e a opção por um acompanhamento longitudinal torna-se importante porque permite analisar as variações nas características dessa linguagem ao longo de um período. Neste contexto, inserem-se as relações entre o investigador e o sujeito afásico, pois

[...] é fundamental para essa teoria de tendência longitudinal (que fornece condições para que o sujeito exiba suas dificuldades) que o investigador intervenha nos processos de significação alterados. Ele é um parceiro na interlocução. É isto que dá coesão e provoca desordem nos achados; há exposição em câmera lenta do processamento patológico quando a linguagem se apresenta em funcionamento. Aí se vêem o nível lingüístico alterado e a repercussão dessa alteração nos demais níveis. (COUDRY, 1996, p.186-1987)

Dessa forma, o que se analisa na linguagem do sujeito afásico não é medido por moldes, padrões e testes, mas é visto em um processo dinâmico em que o investigador participa do processo de interlocução, para depois, em um momento de deslocamento e análise de dados, contemplar e sistematizar o que os dados podem revelar.

O acompanhamento longitudinal a que este estudo remete, realizado por um período de quinze meses, está registrado na forma de áudio e vídeo<sup>16</sup> em vinte e seis sessões de acompanhamento individual e vinte e duas sessões de acompanhamento em grupo, e foram transcritos neste trabalho seguindo, com algumas adaptações, o modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, desenvolvido de 1992 a 2012 com o apoio do CNPq: 307227/2009-0.

As sessões de acompanhamento individual têm o intuito de experienciar como o sujeito em questão lida com a linguagem em funcionamento depois do AVCi e do diagnóstico de afasia, partindo de conversas informais, leituras, jogos, filmes, músicas, conversas ao telefone, troca de correspondências por MSN, e-mail etc. As sessões em grupo são realizadas de forma interativa com outros sujeitos afásicos e pesquisadores com o objetivo de compartilhar e socializar experiências com a linguagem.

---

<sup>16</sup> Com devida autorização do sujeito por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (conferir modelo no Anexo B).

Nesse acompanhamento, consideram-se os processos de significação constituídos com todo respaldo que podem oferecer, pois

Avaliar os processos de significação em vez de partes do código ou tipos de comportamento verbal não quer dizer imprecisão só porque o resultado da análise não são números, tabelas, tipos. Quer dizer, antes, procedimentos heurísticos orientados por princípios teóricos que tratam a linguagem como atividade significativa e, portanto, o que está em questão são processos de significação alterados ou não e não comportamentos verbais. (COUDRY, 1996, p.186)

Este trabalho conduza um caminho de busca contínua pelos indícios e sinais, que revelam o que é idiossincrático no caso do sujeito afásico RG, em uma proposta que considera a interpretação de fatos como dado, interpretado por meio de um método heurístico assentado na interlocução “[...] que recobre as várias práticas com a linguagem.” (COUDRY; et al, 2010, p. 25).

Insere-se, nesse contexto, a importância dos estudos das disciplinas indiciárias que representam “[...] disciplinas eminentemente qualitativas, que têm por objeto casos, situações e documentos individuais, enquanto individuais.” (GINZBURG, 1989, p. 156), mais precisamente sob a forma do paradigma indiciário o qual “[...] constitui um modelo epistemológico pautado no singular, no episódico, no detalhe, que guarda relação com aquilo que o investigador se propõe a compreender do ponto de vista teórico. Não é qualquer dado que é sinal de qualquer fenômeno.”(FREIRE, 2005, p.176). Nesses termos, considera-se na singularidade do dado evidenciado o seu potencial de subsidiar a base teórica, sustentando a sua defesa ou questionando-a, pois “[...] se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.” (GINZBURG, 1989, p. 177).

Os sinais e os indícios pressupõem o instinto aguçado que o investigador deve ter e que deve ser adquirido com base em estudo, dedicação e análise. Nas palavras de Ginzburg (1989), esclarece-se que “Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição.” (GINZBURG, 1989, p. 179).

Apresenta-se, dessa forma, compatível ao que Coudry (1996) delinea sobre o estatuto do dado em Neurolinguística, esclarecendo sobre o dado-achado em que

[...] o investigador provoca atividades lingüísticas, epilingüísticas e metalingüísticas [...], para direcionar a reconstrução, não só em função do déficit, mas da articulação entre os níveis lingüísticos. Isto propicia o conhecimento efetivo do déficit lingüístico e de suas relações com os outros

processos cognitivos, que não transcorrem sem a participação direta ou indireta da linguagem (Vygotsky, 1934). É essa metodologia heurística, orientada sempre por princípios teóricos – acionados em diferentes circunstâncias de avaliação – que cria uma intimidade do investigador, *que não é desprovida de um olhar* (no sentido de Foucault), com os dados que são *achados* para as teorias em questão (da linguagem e da afasia). (COUDRY, 1996, p.185)

Ao considerar o dado-achado, obtém-se a visualização da relação entre o sujeito e a linguagem por meio de uma materialização que assume a forma de movimento teoria-dado-teoria (COUDRY, 2002), que pode sustentar e/ou questionar o que se pressupõe sobre o funcionamento da linguagem na afasia.

#### **2.4 A afasia do sujeito RG: a penumbra entre o normal e o patológico**

Para adentrar as questões que envolvem a afasia no cerne dos estudos neurolinguísticos, faz-se necessário buscar o universo teórico que torna o patológico como um ponto forte de análise, já que ele é revelador de um caminho percorrido e evidencia as forças que desencadearam esse processo com consequências na linguagem. Sob esse olhar compreende-se que “[...] deficiências, distúrbios e doenças podem ter um papel paradoxal, revelando poderes latentes, desenvolvimentos, evoluções, formas de vida que talvez nunca fossem vistas ou imaginadas, na ausência desses mal.” (SACKS, 1995, p.13).

O acompanhamento longitudinal do sujeito RG vem ilustrar e teorizar esse campo de estudo, trazendo experiências incomensuráveis que revelam a ímpar trajetória de um sujeito nesse processo. Sacks (1995) esclarece que

Assim como é possível ficar horrorizado com a devastação causada por doenças ou distúrbios de desenvolvimento, por vezes também podemos vê-los como criativos – já que, se por um lado destroem caminhos precisos, certas maneiras de executarmos as coisas, podem, por outro, forçar o sistema nervoso a buscar caminhos e maneiras diferentes, forçá-lo a um inesperado crescimento e evolução. (SACKS, 1995, p.13)

Desse modo, cabe considerar que o que é particular pode conduzir a um caminho de precisão e de clareza, que é revelador da totalidade desse universo, pois

A fronteira entre o normal e o patológico é imprecisa para diversos indivíduos considerados simultaneamente, mas é perfeitamente precisa para um único e mesmo indivíduo considerado sucessivamente. Aquilo que é normal, apesar de ser normativo em determinadas condições, pode se tornar patológico em outra situação, se permanecer inalterado. O indivíduo é que

avalia essa transformação porque é ele que sofre suas consequências, no próprio momento em que se sente incapaz de realizar as tarefas que a nova situação lhe impõe. (CANGUILHEM, 1972, p. 135)

O estado patológico, portanto, é um estado dinâmico, revela o organismo em ação e envolve consequências satisfatórias e insatisfatórias. Assim “É preciso [...] em qualquer interpretação de sintomas patológicos, levar em consideração o aspecto negativo e o positivo. A doença é, ao mesmo tempo, privação e reformulação.” (CANGUILHEM, 1972, p. 139).

Nesse sentido, adentra-se ao universo das questões de linguagem no contexto da afasia, considerando que “Todo problema de linguagem de origem central para ser interpretado de maneira válida, deve ser colocado dentro da patologia geral do doente.” (LEBRUN, 1983, p.5).

Jakobson (1970) justifica a abrangência desse estudo “técnico” junto aos estudos linguísticos ao mencionar que

A aplicação de critérios puramente lingüísticos na interpretação e classificação de fatos afásicos pode contribuir substancialmente para a ciência da linguagem e dos distúrbios da linguagem, desde que os lingüistas se mantenham tão cautelosos e prudentes quando tratando com dados psicológicos e neurológicos quanto o foram em seu campo tradicional. Em primeiro lugar, devem eles estar familiarizados com os termos técnicos e recursos das disciplinas médicas que tratam da afasia, em seguida submeter os relatórios do caso clínico a uma análise linguística completa, e então trabalhar com os pacientes afásicos, de modo a entrar em contacto com os casos diretamente e não apenas através de relatórios preparados, os quais são formulados e elaborados de maneira muito diferente.(JAKOBSON, 1970, p.46)

Por isso, ao construir um arcabouço amplo para o estudo em questão, consideram-se os relatórios que constituem o diagnóstico médico de afasia do sujeito RG, e desenvolve-se o seu acompanhamento longitudinal. Essa teorização conduz à compreensão de um dos problemas propostos inicialmente: Quais as particularidades da afasia do sujeito em questão? É lícito considerar que na amplitude dessa questão um dos pontos centrais é o individual, o subjetivo, já que “[...] a riqueza da natureza deve ser estudada no fenômeno da saúde e das doenças, nas infinitas formas de adaptação individual com que organismos humanos, as pessoas, se reconstroem diante dos desafios e vicissitudes da vida.” (SACKS, 1995, p.13).

Adentrando essas particularidades, o primeiro exame de ressonância magnética do crânio de RG realizado logo após o episódio neurológico apresenta uma área “acometendo a cortical do lobo temporal e occipital à esquerda com presença de halo de edema” e, ainda, a impressão diagnóstica do mesmo exame revela “avaliação por ressonância magnética do

crânio evidenciando encefalite temporo occipital à esquerda”, sublinhando as marcas do AVC.

À luz dos estudos de Luria (1974), é possível inferir que a lesão advinda do AVC acometeu uma região da segunda unidade funcional do cérebro (cuja função primária é a recepção, análise e o armazenamento de informações), pois o que se evidencia é uma lesão “temporo occipital”. Ao referir a lesões das zonas secundárias das regiões occipitais esquerda e direita, Luria (1974) destaca que

Uma lesão das zonas secundárias da região temporal do hemisfério esquerdo (dominante) muito frequentemente acarreta um distúrbio de *reconhecimento de letras* e um correspondente *distúrbio de leitura* (alexia óptica): ou o paciente não consegue reconhecer letras em geral, ou confunde letras de contorno semelhante (por exemplo, N e M ou H e K), não pode reconhecer letras mais complicadas (como por exemplo, G e Q) e, conseqüentemente, é incapaz de ler. (LURIA, 1974, p.103)

Dentre os distúrbios apresentados por Luria, evidencia-se no quadro do sujeito RG a dificuldade de reconhecer letras com contornos semelhantes. Luria (1974), ao se remeter à organização das regiões temporais incluindo seu papel na análise e na síntese auditivas, sustenta que “A importância de tais zonas reside no fato de que elas são o aparelho fundamental para a análise e a síntese dos sons da fala, que representam a qualidade que diferencia a audição humana daquela dos animais.” (LURIA, 1974, p.110). Com relação aos distúrbios decorrentes de lesões nessa região, complementa-se que

Em lesões mais maciças do lóbulo central esquerdo todos os sons da fala são percebidos como ruído inarticulado (o murmúrio de um córrego, o farfalhar de folhas); em lesões mais localizadas esse defeito assume formas menos pronunciadas, e os pacientes são incapazes somente de diferenciar entre fonemas ‘opositivos’ e ‘correlativos’ que difiram em apenas um aspecto (por exemplo, ressonância), mas conseguem ainda detectar claramente a qualidade de timbre e entonação da fala. (LURIA, 1974, p. 112, grifo nosso)

No sujeito afásico RG, pode-se inferir que os sintomas das lesões mais localizadas, em destaque nessa citação, são os recorrentes. O exame de ressonância identifica, ainda, que a lesão ocorre no hemisfério esquerdo (dominante), que se tratando de um sujeito destro, desempenha “[...]um papel essencial não apenas na *organização cerebral da fala, mas também na organização de todas as formas superiores de atividade cognitiva vinculadas à fala* – percepção organizada em esquemas lógicos, memória verbal ativa, pensamento lógico.” (LURIA, 1974, p.58-59).

Nesse contexto, cabe levar em consideração o sistema funcional complexo que combina as três unidades funcionais do cérebro, ou seja, “Seria um erro imaginar que cada

uma dessas unidades pode levar a cabo uma certa forma de atividade de maneira completamente independente.” (LURIA, 1974, p.78), e, ainda, “[...] nenhuma lesão cerebral local é tão precisamente demarcada que destrua somente um grupo estreitamente localizado de células nervosas.” (LURIA, 1974, p.82).

Mais particularidades podem ser reveladas sobre a afasia do sujeito RG a partir das investigações de Luria (1974). Pode-se considerar que

Os distúrbios de audição fonêmica e de memória audioverbal produzidos por uma lesão das zonas secundárias do lobo temporal esquerdo são de caráter parcial e modalmente específico, e, em função da lei de ‘dissociação dupla’, deixam intactas as outras funções perturbadas por lesões em outras situações. Essas funções incluem percepção visual, entendimento de relações lógico-gramaticais, operações matemáticas, e assim por diante. Entretanto, vários processos psicológicos complexos são severamente perturbados em casos de lesões das zonas secundárias da região temporal esquerda, e esses distúrbios, intimamente vinculados ao prejuízo da audição de fala, são de caráter *secundário* ou *sistêmico*. Esses distúrbios incluem desordens de compreensão da fala, de nomeação de objetos e da recordação de palavras, ao lado de características perturbações da escrita às quais se deve prestar especial atenção. (LURIA, 1974, p.114-115, grifo nosso)

As investigações deste excerto explicitam os distúrbios que podem ser desencadeados e as formas particulares que podem assumir a partir da lesão das zonas secundárias. Para explorar esse contexto, apresenta-se o dado a seguir em que RG comenta sobre o processo de avaliação médica do ACV.

Situação enunciativo-discursiva: 15/07/2011

Quadro 5: Dado 5: Agóstico

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Na verdade o meu ag\ ag \ agóstico.		
2	Iic	Di.	<i>Prompting</i> para a palavra diagnóstico.	
3	RG	I?		
4	Iic	Di. DI-A-G.	<i>Prompting</i> para a palavra diagnóstico	
5	RG	Di-agnóstico. Foi muito assim metade \ me \ me\ por metade. Por exemplo, assim, ah\ quando o médico me deu o AVC, me deu o \ me deu alta\ ele não me deu assim um \ me		

		deu alta mas assim eu vou lhe dar um relatório que você teve um AVC, não. Eu fui pra Salvador, aí a médica falou assim eu acho que ela teve um AVC. Falou com mainha, né.		
--	--	---	--	--

O que se evidencia nessa transcrição é que RG busca, entre pausas, resgatar a palavra desejada e surge a parafasia “agnóstico” no lugar de “diagnóstico”. Na sequência, transparece, no turno 3, a dificuldade de compreensão do *prompting* e o caminho trilhado por meio da interação com o investigador Iic até chegar à palavra desejada. Todos esses aspectos sublinham as desordens de compreensão da fala, de nomeação de objetos e da recordação de palavras apontadas por Luria (1974) nos casos de lesão das zonas secundárias do lobo temporal esquerdo.

Ao verificar o que se tem como menção aos problemas de linguagem nos relatórios médicos de RG, encontra-se, primeiramente, um relatório de um médico neurologista, com data de doze de fevereiro de dois mil e nove, destacando que este sujeito apresenta “[...] dificuldade de linguagem caracterizada por afasia de associação e anomia.”. Após esse relatório, tem-se outro de um médico, vinculado à medicina hiperbárica, que, no dia seis de abril de dois mil e nove, informa que RG “[...] refere dificuldade da fala, principalmente para os números, sem disfunção da marcha e/ou outras funções cognitivas.”. Posteriormente, no dia três de agosto de dois mil e nove, relata-se que RG apresenta “traços de afasia e anomia”.

Além disso, um médico neurocirurgião descreve, no dia dezessete de agosto de dois mil e nove, uma “[...] evolução arrastada do quadro inicial, permanecendo c/ (sic) sequela na linguagem de expressão: disfasia motora.”, e, na área da psiquiatria clínica, menciona-se em relatório que RG evoluiu o quadro “com sequelas na fala e na escrita, com prejuízo funcional significativo”. E, em dezenove de agosto de dois mil e onze, outro relatório de um médico na área de neurologia e neurocirurgia resgata que “[...] tomografias do encéfalo evidenciam lesão em região da área de Wernicke, com importante comprometimento da linguagem sensitiva.”.

O que se menciona nos diversos relatórios é dificuldade de nomeação. Nesse aspecto, Luria (1974) sustenta que

A nomeação de um objeto está inserta em uma rede ou matriz de conexões possíveis, que inclui a descrição verbal de todas as várias qualidades do objeto a par de um sem-número de outros nomes que surgem e que descrevem qualidades semelhantes (pertencentes à mesma categoria semântica), ou que são semelhantes em sua estrutura acústica ou morfológica. (LURIA, 1974, p. 278)

Compreende-se o que ocorre no momento de instabilidade ou da dificuldade de seleção, ao analisar o processo de nomeação, pois o sujeito com lesão cerebral apresenta dificuldade em acessar na “rede ou matriz” o que pretende. Convém ressaltar que “[...] este processo requer integridade de certos *esquemas semânticos*, e são esses esquemas que existem simultaneamente que são perturbados em lesões das zonas terciárias parieto-ocipitais (ou parieto-temporais) esquerdas.” (LURIA, 1974, p.132).

Luria (1974) argumenta que para realizar a nomeação normal, algumas condições são necessárias: a) “nível suficientemente claro de *percepção visual*” (LURIA, 1974, p. 277); b) “integridade da *estrutura acústica* precisa da fala, vinculada à função já familiar dos sistemas de audição de fala da região temporal esquerda” (LURIA, 1974, p. 278); c) “*descoberta do significado apropriado, seletivo, e a inibição de todas as alternativas irrelevantes* que surgem no curso de tais tentativas” (LURIA, 1974, p. 278); e d) “[...] mobilidade dos processos nervosos. Sua função essencial é a de, uma vez encontrado o nome, garantir que ele não se congele, não se torne um estereótipo inerte, fazendo com que o indivíduo, tendo nomeado um objeto, seja capaz de passar com facilidade para outro nome.” (LURIA, 1974, p. 279). Essas condições revelam funcionamento combinado e processual para a nomeação de objetos e fazem referência à organização cerebral para o processo de fala.

Com base nas classificações de Luria (1974) relacionadas à afasia, pode-se delinear o quadro afásico do sujeito RG como uma afasia sensorial em que

A possível base desse distúrbio (em cujo caso o foco patológico mais comumente se situa nas zonas posteriores da região temporal ou têmporo-ocipital do hemisfério esquerdo) é um prejuízo do funcionamento em concerto dos analisadores de fala e visuais, como resultado do que a palavra articulada não mais evoca a sua imagem correspondente. (LURIA, 1974, p.273)

Nesses termos, explica-se a dificuldade de evocar a palavra que deseja, evidente nas parafasias. Freud (1891) esclarece que esse tipo de afasia denominado sensorial pode ser definido como um “[...] ‘empobrecimento das palavras com abundantes impulsos de linguagem.’” (FREUD, 1891, p. 11), mantém-se o vocabulário, mas com as marcas das parafasias e paragrafias.

Ao levar em consideração os dois tipos fundamentais de afasia propostos por Jakobson (1969), em que o primeiro tipo reside na deficiência de seleção e substituição (distúrbio de similaridade) enquanto o segundo na deficiência de combinação e na contextura (distúrbio de contiguidade), infere-se que o sujeito afásico RG apresenta o tipo de afasia designado por

distúrbio de similaridade, pois a sua capacidade de seleção apresenta-se afetada e a capacidade de combinação auxilia o comportamento verbal deste sujeito.

Problemas relativos à representação simbólica podem ser levados em consideração nos casos de lesão na região temporal esquerda referindo-se a problemas lógico-gramaticais ou com sistemas de operações numéricas (este último ocorre com frequência com o sujeito RG). Luria (1974) esclarece que

Lesões da região temporal esquerda, perturbando a memória áudio-verbal, naturalmente levam a dificuldade na retenção das condições do problema e são acompanhadas por incapacidade para envolver os necessários componentes de fala intermediários no mecanismo de solução. Por esta razão, a solução, mesmo de problemas relativamente simples, é severamente prejudicada em pacientes desse grupo. (LURIA, 1974, p.297)

Ao deparar com as dificuldades de natureza simbólica ou de nomeação, RG recorre automaticamente à escrita para buscar uma reorganização psíquica do que pretende. Freud (1981) esclarece que “[...] na patologia das perturbações da linguagem, foi observado o caso em que, para haver produção de linguagem, é necessário que a actividade de um centro seja substituída pela actividade de um outro centro associado ao primeiro.” (FREUD, 1891, p.28).

O que justifica a menção a esses laudos e relatórios médicos é a sistematização do caminho avaliado para se trabalhar com o diagnóstico de afasia, uma vez que não se tomaria um sintoma ao acaso. De posse de dados técnicos, o olhar direciona-se aos estudos que possam delinear a base teórica para sustentar globalmente este estudo. Para isso, é preciso, inicialmente, ir ao encontro dos estudos que envolvem as questões do cérebro e a afasia. É imprescindível considerar que

A qualificação do sintoma é apenas o primeiro passo na análise da organização cerebral de processos mentais. Para que os resultados desta análise sejam dignos de confiança, e os dados da patologia cerebral local possam servir de base para conclusões fidedignas no que concerne tanto à estrutura dos processos mentais como à sua ‘localização’ no córtex cerebral humano, o passo logo após a qualificação da síndrome individual deve ser a descrição do complexo completo de sintomas, ou, como isto é geralmente chamado, a análise sindrômica das alterações do comportamento que se manifestam em lesões cerebrais locais. (LURIA, 1974, p. 23)

Por isso, o que cerca as particularidades deste sujeito deve ser avaliado. Esses dados possibilitam analisar fontes para traçar caminhos que justifiquem o funcionamento da linguagem após o AVC. Além disso, cabe levar em consideração que um indivíduo com lesão cerebral apresenta uma reorganização do funcionamento do cérebro em que

[...] uma lesão cerebral local não leva à ‘perda’ direta de uma condição mental particular, como sustentavam os adeptos ao ‘localizacionismo estreito’. Um foco patológico que surge como resultado de um ferimento, de hemorragia, ou de um tumor, perturba o funcionamento normal de uma dada área cerebral, abole as condições necessárias ao funcionamento normal do sistema funcional particular, e, assim, leva à reorganização do funcionamento das partes intactas do cérebro, de forma que a função perturbada pode ser desempenhada de maneiras novas.(LURIA, 1974, p. 81-82)

Esses princípios permeiam o conceito de plasticidade que envolve a capacidade adaptativa dos indivíduos a mudanças, transformações e as possibilidades do sistema nervoso que contemplam novas sinapses<sup>17</sup>. Dessa forma, “[...] a plasticidade cerebral, isto é, a característica do cérebro de conviver com mudanças, novos aprendizados, se ajustar a eles e a diferentes situações é que permite que novos caminhos se entrecruzem com caminhos conhecidos e sejam fortalecidos com o uso.” (COUDRY, 2012b, p. 4).

Estudos sobre a recuperação da eficácia sináptica observada após acidentes vasculares, traumatismos ou cirurgias do sistema nervoso esclarecem que

[...] muitas sinapses se tornam inativas, simplesmente por estarem muito próximas das áreas de lesão, sendo, dessa maneira, comprimidas pelo edema que circunda o tecido lesado. Após uma ou duas semanas, há uma involução do edema, levando a uma considerável recuperação das funções sensitivo-motoras e cognitivas.(ANNUNCIATO, 1995, p. 69)

Nessa perspectiva, é possível analisar o fenômeno da afasia no sujeito como um processo ativo, que deve ser um ponto de partida para estímulos e um trabalho que permita a ampliação do leque de possibilidades dentro do novo padrão de normalidade, pois há uma relação entre as interações do sujeito e a dinâmica do funcionamento cerebral para suprir as funções deficitárias.

Para esclarecer a penumbra entre o normal e o patológico e estabelecer uma relação simétrica entre os envolvidos na pesquisa, diversas atividades foram desenvolvidas. Veja-se a descrição de algumas delas a seguir.

---

<sup>17</sup>Segundo Mansur e Radanovic (2004, p.191), “as sinapses constituem a estrutura através da qual as células nervosas intercambiam informações e substâncias nutricionais e tróficas.” Os processos cognitivos estimulam os neurônios podendo estabelecer novas conexões ou sinapses.

## 2.5 O ECOA e o sujeito afásico RG: Relato das atividades

Partindo dos pressupostos teóricos e metodológicos que situam esse trabalho dentro dos estudos Neurolinguísticos, considera-se que:

[...] se alguém quiser medir a recuperação não pode simplesmente avaliar as capacidades linguísticas ou mesmo, metalinguísticas em situação de testes; é necessário levar em conta o indivíduo na sua totalidade, o homo loquens. Afásicos devem ser testados na vida real, para que se saiba o que eles podem ou se atrevem a fazer, no caso de um relacionamento verbal com parentes, amigos, colegas ou estranhos.(LEBRUN, 1983, p.104)

Nesse sentido, este acompanhamento longitudinal apresenta uma dinâmica que envolve diversas atividades (conversas informais, leituras, jogos, estudos, dentre outras atividades) em que a linguagem está em funcionamento, à moda do CCA da UNICAMP. Essas atividades foram desenvolvidas gradualmente com o intuito de revelar um estudo amplo dos problemas de linguagem evidenciados a partir da afasia do sujeito RG.

Os primeiros encontros com o sujeito RG caracterizaram-se por uma fase de aproximação e conhecimento<sup>18</sup>. Esse momento foi significativo e obteve resultados positivos porque RG apresentou-se como uma pessoa expansiva, à vontade para falar, mesmo diante das dificuldades advindas da afasia. Relatos preciosos sobre as vivências logo após o evento neurológico, somados aos relatos de sua mãe e aos dados da linguagem de RG em funcionamento construíram o caso que se apresenta junto com as vivências no ECOA.

No contato inicial, o que se revela é um sujeito que apresenta problemas de linguagem imersos em uma manifestação verbal que ora flui sem deslizos, ora não consegue evocar a palavra desejada evidenciando as parafasias e as paragrafias.

Inicialmente, RG chega a desvincular o seu estado afásico do que ela considera como o seu “eu verdadeiro”, quando comete parafasias ou surpreende-se com uma interpretação descabida, tenta abster-se de qualquer julgamento sobre o seu estado, atribuindo à “doida” (apontando para a própria cabeça) a responsabilidade pelas dificuldades na linguagem.

Nos encontros seguintes, outras dificuldades como a leitura e a representação numérica são reveladas. A dificuldade com a leitura é significativa nesse período que o sujeito

---

<sup>18</sup> Para Coudry (1988), o momento de aproximação e conhecimento representa fase de conhecimento mútuo em que o objetivo não é descobrir se o sujeito afásico sabe nomear objetos que lhe são apresentados, elaborar listas de palavras, mas como convive com esses nomes de objetos e pessoas, de ações e processos nas conversas entabuladas, com o intuito de conhecer melhor para interagir e buscar soluções junto com ele, seja para as dificuldades linguísticas seja para as dificuldades causadas por seu desempenho linguístico diferenciado.

tenta ler e reler um parágrafo inúmeras vezes com o objetivo de compreendê-lo, mas é em vão, pois a afasia afeta a reverberação da escrita feita por oculto.

O impasse com a leitura pode ser evidenciado no dado que se segue, em que RG menciona não conseguir fazer a leitura de slides que recebeu de uma amiga por e-mail. Nesse momento inicial, obtêm-se pontos significativos para serem trabalhos nos próximos encontros, pois essa caracterização norteou direções para atividades do acompanhamento.

Situação enunciativo-discursiva: 1º/07/2011

Quadro 6: Dado 6: Não consegui ler.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Eu recebi um e-mail de uma colega minha que ela é de Londres. Então, assim, quando ela manda mensagem é assim, muito difícil. Aí quando eu vi eu falei peraí. Pensa aí que eu não consegui ler.	Relata o fato com tristeza.	
2	Ins	Não?		
3	RG	Não.		
4	Ins	Por quê?		
5	RG	São slides assim, igual / slides mesmo, né?		
6	Ins	Hum!		
7	RG	Mas pensa aí, tem tanta informação que eu falei meu Deus do céu, não. Eu desisti. Eu falei, ah, mainha, tem tanta informação que eu, se você perguntar assim: Você entendeu alguma coisa? Eu não entendi nada. E até para ler é difícil.	Altera o tom de voz demonstrando a insatisfação.	
8	Ins	E a gente pode ler depois com você?		
9	RG	Não, pode. Inclusive ontem eu comecei a fazer com mainha e falei não, para.	Tom: afirmativo.	
10	Ins	E são muitos slides?		
11	RG	Não. Inclusive na terceira eu falei, não, mainha, para. Eu		

		não vou aguentar, não. Porque tem muita informação, assim. Pensa aí que eu/.		
--	--	--	--	--

Durante o acompanhamento, analisou-se as questões de leitura por meio de textos dentro da área de interesse de RG, para obter uma atividade dinâmica e descontraída, buscando avaliar a capacidade de interpretação e análise. Foram, também, organizados encontros que envolviam músicas do interesse de RG e até a ida ao cinema. Essas atividades foram de grande valia para o contato mais próximo com este sujeito, como também para a avaliação da capacidade de leitura e interpretação em diversas situações.

Outro aspecto que se destacou foi a dificuldade com números, presente em diversos dados do acompanhamento. No dado abaixo, a dificuldade transparece quando RG e Ins conversam sobre o dia em que RG passou pelo evento neurológico.

Situação enunciativo-discursiva: 1º/07/2011

Quadro 7: Dado 7: No dia um, dois, do zero um, de dois mil zero nove.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações do enunciado não verbal
1	Ins	No dia que você passou pelo episódio neurológico, você ia ter aula à noite?		
2	RG	Não.		
3	Ins	E na semana teria aula?		
4	RG	Não.		
5	Ins	Foi que dia da semana? Você se lembra?		
6	RG	Foi na segunda, foi no dia no dia um, dois, do zero um, de dois mil zero nove.	Com a intenção de dizer que foi no dia doze de janeiro de dois mil e nove.	Recorre à escrita de números na mesa para dizer a data.

No turno 6, ao resgatar a data solicitada pelo investigador, RG depara-se com um momento de instabilidade com os números e utiliza-se das unidades para representar o dia, o mês e o ano no trecho “foi no dia no dia um, dois, do zero um, de dois mil zero nove”. Nesse dado, o que se torna perceptível é a utilização da escrita para estabilizar a organização da data.

Muitas dificuldades da oralidade perpassam, também, o terreno escrita, mesmo que a escrita seja mais estável para RG, pois a utiliza para (re)organizar a sua fala nos impasses vividos com as parafasias, por exemplo. O que se percebe é que a maior parte do problema

decorre da dificuldade de seleção fonológica. Esse aspecto pode ser ilustrado no dado a seguir em que RG relata a sua dificuldade com conversas escritas no MSN.

Situação enunciativo-discursiva: 29/07/2011

Quadro 8: Dado 8: As substituições.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Não sei se você já percebeu que quando a gente escreve lá no MSN eu tenho é assim, não é sempre, não, mas aí eu começo a fazer e, às vezes, eu demoro pra escrever porque eu falo essa é com F ou com V. Aí fico assim, sabe? É com V ou com F, por exemplo, foi. Eu da mesma palavra que eu faço antes, às vezes embaixo em faço errado, sabe? Aí depois eu falo isso é com F ou com O, é com F ou com V? Eu tenho essa dificuldade. Você quer ver com O e com U. Eu falo gente do céu.	Relata com tom de insatisfação e dúvida.	

A afasia e o caráter imediato do MSN destacam uma aproximação entre o afásico e a criança (COUDRY; BORDIN, 2012) ao se considerar o processo de desautomatização, pois

[...] na afasia, há dissolução da fala, o que corresponde à sua redução a aspectos automatizados, emocionais, sendo a linguagem intelectual (formada de proposições intencionais) dissolvida. Isto aproxima a fala do afásico verbal da fala da criança que começa a entrar na linguagem, contribuição que Freud leva para seu estudo das afasias. Para Jakobson (1941), tal dissolução corresponde à deterioração do sistema fonêmico, e o afásico, diferentemente da criança, oferece um *sistema em reestruturação com o que ficou*, o que pode ser relacionado com os rearranjos propostos por Freud. (COUDRY; BORDIN, 2012, p. 138)

Para que o trabalho com a escrita fosse realizado de forma ampla, foram utilizadas atividades diversas que envolviam diferentes gêneros textuais (carta, bilhete, lista de compras, conversas no MSN) com o intuito de analisar as formas espontâneas e programadas.

Com o decorrer do tempo, percebe-se em RG uma força de vontade surpreendente que a estimula a superar as dificuldades decorrentes da afasia. O desafio de uma semana

transforma-se em um estímulo para superação na semana seguinte. Se o desafio não era superado, pelo menos novas alternativas surgiam em um trabalho em conjunto. RG também relata que em casa utilizava recursos alternativos que auxiliavam na leitura e na escrita como o dicionário e a internet.

Em uma sessão o desejo de ministrar cursos de oratória, como fazia antes do evento neurológico, vem à tona e mais um desafio foi lançado: uma exposição para um grupo de alunos. RG aceitou a proposta, a pesquisa ampliou o foco para análise e as semanas que seguiram foram caracterizadas por encontros que envolveram construção, estudo e leitura.

Esse desejo de RG de falar em público tornou-se um marco de motivação e superação, pois, como relata Lebrun (1983, p. 102), “[...] motivação pode ser um determinante importante do trabalho verbal.”. RG intensificou a leitura, a escrita, construiu e reconstruiu sua postura, motivou-se a falar, falar até com o espelho para treinar sua desenvoltura, arquitetou cada slide da apresentação e tomou uma decisão por conta própria: a primeira coisa a ser feita seria revelar para o seu público que havia sofrido um AVC, isso a faria sentir-se mais à vontade e auxiliaria a buscar apoio nos momentos de dificuldade.

Após duas semanas de preparação, RG sentiu-se segura para a exposição que faria ao público e surpreendeu a todos com uma apresentação desenvolta e firme. Como RG havia antecipado, a revelação das suas dificuldades fez com que o público desempenhasse um papel de colaborador na sua apresentação, auxiliando nas dificuldades de evocar as palavras adequadas.

Na semana seguinte, ao assistir ao vídeo e observar seu desempenho, RG fica muito contente e emocionada, porque aquela exposição representava o vencer de muitas barreiras: a barreira da dificuldade de leitura, da dificuldade de concentração e o medo de reencontrar com o público.

Essas barreiras vencidas motivaram RG a buscar novas leituras, e, respeitando o seu novo ritmo, conseguiu ler o primeiro livro após o AVC. Essa leitura foi minuciosa e acompanhada de muitas anotações para facilitar a retomada do que havia lido.

Nas reuniões em grupo, encontrou outro desafio: a dificuldade de compreender as falas quando muitas pessoas falavam no grupo, principalmente, em situações de euforia, como nos momentos de jogos. Esse empecilho dificultou, em alguns momentos, a compreensão de regras de jogos e fez com que se tornasse mais lenta em atividades que exigiam concentração.

Um aspecto importante dos encontros em grupo foi a troca de experiências com afásicos e não afásicos. Esses encontros possibilitaram o olhar para dificuldades do outro e, também, para a descoberta de novas possibilidades de interação, integração e recomeço.

O dado a seguir foi retirado do primeiro encontro em grupo do ECOA. No trecho, RG apresenta a sua história para o grupo e MB (sujeito afásico que também faz parte do ECOA) identifica-se muito com a história.

Situação enunciativo-discursiva: 19/08/2011

Quadro 9: Dado 9: Essa menina sou eu.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Pra você ver como é difícil. É fato de você / é / uma pessoa que sabe tá tudo lá, mas eu não consigo expressar, sabe? E se estiver muito nervosa aí. Eu falo até com Iic, eu falei assim, vocês ainda não me viram ainda nos meus picos da ansiedade. Porque na verdade isso tudo é a ansiedade. Na verdade meu médico já falou, RG, seu problema é ansiedade. Tanto é que esse, esse.		
2	MB	Ele também já me falou isso. Que médico? Que médico?		
3	RG	Esse. Dr. N.	Risos.	
4	MB	Tu é eu, é? Essa menina sou eu.		
5	Iic	Essa menina sou eu.	Risos.	
6	MB	Encarnou aqui e eu viva ainda.		
7	RG	Será por que que essa?	Risos.	
8	Iic	Ah, MB, emociona a gente.		
9	MB	Eu não vou falar, não. Você já está falando por mim e por você. Só meu caso que foi diferente.		
10	Ins	Vai falar sim, uai.		

Essas vivências, esse identificar-se no outro possibilitou uma ampliação do olhar dos investigadores e dos próprios afásicos, visto que somente na interação isso é possível.

Um exemplo da relevância destes encontros e destas trocas de experiência manifesta-se no dado, a seguir, em que surge na fala de RG as palavras “grafar” e “gravar” no lugar de “grifar” e revela-se o posicionamento de Iic diante da troca.

Situação enunciativo-discursiva: 05/08/2011

Quadro 10: Dado 10: Grafar/gravar/grifar.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Eu vou olhando. Qualquer coisa eu vou colocar, é grafar. Grafar, não. É / não é grafar / É grafar, né? Você coloca/	Demonstra dúvida e faz pausas para tentar resgatar a palavra desejada.	
2	Iic	Não. Quando você faz um traço embaixo? Parece. Você só mudou uma letra. Porque se você mudar essa letra fica grafar. Grafar é de escrever.		
3	RG	É gra, gra, não gra. <sup>19</sup> De ver. Não. Gravar? Não.		
4	Iic	Não. Grafar, mesmo. Nessa primeira sílaba tem uma letra que tá mudando o sentido da palavra. Grafar você falou e como é que é?		
5	RG	Grifar!	Com entusiasmo.	
6	Iic	Isso!		

A intervenção de Iic, em destaque nesse dado, e presente nas diferentes situações deste acompanhamento, marcam o seu papel, como um interlocutor atento, na estruturação e reorganização do posicionamento do sujeito afásico RG diante da linguagem em funcionamento em um processo que revela a confiança adquirida e o caminho que é trilhado para encontrar os acertos.

No decorrer do acompanhamento, muitas mudanças são perceptíveis no funcionamento da linguagem do sujeito RG. Toma-se como exemplo a evolução com a prática da leitura. No dado a seguir, que ocorre sete meses depois do dado 6 intitulado “Não consegui ler”, RG conversa com Iic sobre a evolução da leitura.

<sup>19</sup>Para Freud (1891), “Aprendemos a língua dos outros esforçando-nos para tornar a imagem acústica que nós produzimos o mais possível semelhante à que forneceu o ponto de partida para a inervação da linguagem. Aprendemos assim a “repetir”. No “falar articulado” alinhamos as palavras uma a seguir à outra, mas antes de inervar a palavra seguinte esperamos que tenha chegado a imagem acústica ou a representação motora da linguagem ou então uma e outra imagem da palavra anterior” (FREUD, 1891, p. 43).

Situação enunciativo-discursiva: 20/03/2012

Quadro 11: Dado 11: Leitura e superação.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	Iic	Você lembra que você dizia “eu não consigo ler, não consigo ler, não leio, eu fico tentando, tentando, mas eu não entendo nada”. Agora quando você termina aqui, você dá detalhes, você fala de coisas que estão além do texto.		
2	RG	Isso que é bom pra mim, Iic. Eu falo meu Deus eu tô conseguindo, eu tô conseguindo, eu fico assim. Você não tem noção, não. Quando eu tava fazendo com vocês aqui, voltar a ler um livro assim mais fácil e tal que foi <i>O segredo</i> , você não tem noção de como é que assim \.	Mostra entusiasmo e sorri.	
3	Iic	Eu lembro que você lia escrevendo e voltava.		

O ECOA, a interação com Iic, com os outros investigadores, com os outros sujeitos afásicos, somados à busca incessante de RG por novos horizontes desencadeou uma dinâmica ao acompanhamento que não se estigmatiza em padrões, pois o que se torna claro é que não existe o possível e impossível nesses casos e sim um leque de possibilidades que podem ou não serem colocadas em prática de acordo com a motivação e necessidade do sujeito. Isso fica claro quando RG defende seu lema “não tenho problemas, tenho dificuldades e dificuldades existem para serem superadas”, ao se referir aos desafios que tem enfrentado.

Um exemplo dos horizontes trilhados pelo sujeito RG é o trabalho que tem desenvolvido como assessora de organização para um professor universitário, onde desempenha atividades remuneradas que envolvem desde a organização de finanças pessoais, agenda semanal, organização de cadernetas e notas, até a elaboração de correspondências e documentos.

Em 2012, RG ingressou no curso técnico em massoterapia e surpreendeu com a capacidade de atenção às aulas, à leitura e o interesse pelos estudos. Escreve textos, faz trabalhos, provas normalmente. Essa nova motivação trouxe superação de algumas dificuldades, com um destaque para os números, pois, desde que começou a estudar textos que exigiam atenção a datas, valores e medidas, empenhou-se para resgatar esse conhecimento.

Prestes a concluir o curso de massoterapia, recebe uma proposta de trabalho como massoterapeuta em uma clínica em que é paciente de acupuntura. RG relata que a proprietária disse que se identifica muito com o seu perfil que tem marcas de compromisso e responsabilidade e quer tê-la profissionalmente na clínica. Nos últimos dias, RG fez um período de experiência nessa empresa e acordaram a sua contratação efetiva para novembro deste ano.

Esta seção vem exemplificar o leque de possibilidades que podem ser desenvolvidas por um afásico, mesmo com as limitações que esse sujeito apresenta. As dificuldades de leitura, de compreensão, de lidar com os números não foram apagadas em um passe de mágica, mas encontraram sujeitos que buscam alternativas para superá-las. Se a dificuldade de trabalhar com números é insistente, a atenção, a calma, a paciência são redobradas para lidar com eles. A leitura e a escrita passaram a ser atividades que obtêm revisão constante. E o mais importante: o outro, que interage nesses momentos com RG, compreende esses desafios e os respeita.

A dinâmica da linguagem em funcionamento revela surpreendentes mudanças no caso do sujeito afásico no decorrer do acompanhamento longitudinal e isso pode ser percebido até na avaliação do próprio sujeito RG que deixa de referir-se à sua cabeça como a “doída”. Esses novos rearranjos, as novas organizações são possíveis graças à plasticidade e ao funcionamento dinâmico do cérebro e ao ambiente discursivo que a ND proporciona.

O relato dessas atividades explicita o modo como os dados foram transparecendo, revelando, questionando e teorizando o estudo que aqui se apresenta. No próximo capítulo, apresenta-se o movimento entre o dado e a teoria com o intuito de refletir sobre a subjetividade, parafasias, paragafias e o contexto da linguagem em uso na afasia.

### 3 TEORIA-DADO-TEORIA: O SUJEITO RG E A LINGUAGEM

A base teórico-metodológica que sustenta esta dissertação direciona o olhar para os dados do sujeito afásico RG. Os dados que se apresentam não se esgotam nas análises e nos recortes aqui realizados, eles representam um convite para explorar e pesquisar.

Neste capítulo, apresenta-se, primeiramente, as relações sobre a reconstrução da linguagem com ênfase no constituir-se sujeito, depois, evidencia-se o sujeito diante do “erro” na linguagem. Na terceira seção, abordam-se a fala e a escrita reestruturante, e, por último, exploram-se os fenômenos da cooperação e as implicaturas para analisar RG em contexto.

#### 3.1 O sujeito RG e a reconstrução da linguagem: constituir-se sujeito

Pensar na questão da subjetividade é tentar encontrar a essência do sujeito, do ser, entender o que o constitui e conduz. A noção de sujeito é heterogênea, tem-se vários aspectos a considerar, entre eles a sua posição, a enunciação, a ideologia. Neste estudo, o foco é o sujeito pragmático, que usa a língua nas mais diversas situações e com diferentes interlocutores e propósitos. Nesse contexto, a ND torna visível que “O sujeito é sempre incompleto, imaturo, e ao mesmo tempo múltiplo: ao mesmo tempo social, histórico, psicológico e psicanalítico, biológico, lingüístico. Todos esses aspectos convivem apesar da especificidade de cada um.” (COUDRY, 1988, p. 67).

Ao analisar a diversidade desse sujeito, é preciso considerar a compatibilidade entre a ND e as ideias de Hume (1748) que em suas reflexões filosóficas esclarece que “A existência de qualquer ser somente pode ser provada mediante argumentos derivados de sua causa ou de seu efeito, e estes argumentos se fundam inteiramente na experiência.” (HUME, 1748, p. 153), o que justifica o direcionamento deste estudo por acompanhamento longitudinal em meio a práticas sociais de linguagem.

Nesse sentido, a constituição do sujeito engloba relações que resultam no seu envolvimento social, pois

O homem é um ser racional e, como tal, recebe da ciência sua adequada nutrição e alimento. Mas os limites do entendimento humano são tão estreitos que pouca satisfação se pode esperar neste particular, tanto pela extensão quanto pela segurança de suas aquisições. O homem é um ser sociável do mesmo modo que racional. (HUME, 1748, p. 27)

Para apresentar a relação entre sujeito e linguagem é necessário pensar em duas questões filosóficas que perpassam este trabalho: O que representaria o sujeito sem linguagem? O que seria da linguagem sem o sujeito? Um imenso vazio toma conta de uma possível resposta. Há de se considerar que “O pensamento humano é consciência: onde não há consciência não há nem pensamento nem linguagem, no máximo uma imagem do pensamento ou da linguagem.” (AUROUX, 1998, p.224).

A linguagem e o sujeito se engrenam em um movimento infinito que

[...] até mesmo em nossos mais desordenados e errantes devaneios, como também em nossos sonhos, notaremos refletirmos, que a imaginação não vagou inteiramente a esmo, porém havia sempre uma conexão entre as diferentes idéias que se sucediam. Se se transcrevesse a conversa mais solta e mais livre, notar-se-ia imediatamente alguma coisa que a ligou em todas as suas transições. (HUME, 1748, p. 39)

O sujeito se constitui através da linguagem e a linguagem vai sendo constituída pelo sujeito através das experiências que envolvem o outro. Assim, “[...] numa palavra, a inferência e o raciocínio experimental referentes aos atos de outrem incorporam-se tanto na vida humana, que nenhum homem, enquanto está desperto, deixa de utilizá-los por um momento sequer.” (HUME, 1748, p. 96).

Essas experiências formam um processo ativo que envolve o sujeito, a linguagem e sua relação com o mundo, pois, “[...] para falar, não basta fazer frases corretas, é preciso ainda ancorá-las no mundo percebido.” (AUROUX, 1998, p. 230).

O sujeito e a linguagem conjugam juntos o verbo construir. Essas construções revelam um sujeito de linguagem com sua natureza, seu modo de pensar, de agir. Hume (1748) exemplifica bem isso quando diz:

O homem é um ser que conhecemos pela experiência: seus motivos e seus desígnios nos são familiares; seus projetos e suas inclinações têm certa conexão e certa coerência, segundo as leis que a natureza tem estabelecido para governo de uma tal criatura. Portanto, quando vemos que uma obra procede da habilidade e do trabalho humano, e como por outro lado conhecemos a natureza deste ser animado, podemos tirar com inferências acerca do que se pode esperar dele; estas inferências estarão todas fundadas na observação e na experiência. (HUME, 1748, p. 138)

Quando se considera as realizações dos sujeitos, o que se evidencia é uma série de vivências que o conduziram a esse estado. Essas vivências só são possíveis por suas experiências através da linguagem.

Com o intuito de compreender a amplitude dessas questões, toma-se o dado a seguir, em que o sujeito afásico RG e Iic conversam sobre a troca que RG realizou ao tentar falar papel de seda (termo utilizado “papel tecida”).

Situação enunciativo-discursiva 05/08/2011

Quadro 12: Dado 12: Analisando as parafasias.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Na minha cabeça tava normal é na fala que eu <sup>20</sup> não consigo.	Demonstra insegurança.	
2	Iic	Ah! Entendi.		
3	RG	Entendeu? Assim tudo o que eu falo é, Iic, é assim na hora de falar tá todo aqui só que a, a pronúncia que não vem, entendeu? <sup>21</sup>		
4	Iic	Tanto é que você retoma e fala a palavra certa.		
5	RG	Por isso que, às vezes, por exemplo, se eu estiver nervosa, por exemplo, é ansiosa demais é isso que acontece. Aí eu falo para minha mãe eu não quero falar, não. Por quê? Porque assim eu quero, na minha cabeça eu falo certo, eu penso certo e não falo, falo errado.	Fala com insatisfação.	

<sup>20</sup>Em conformidade com a nota 13, na página 25, que esclarece sobre a enunciação, enfatiza-se que a presença de índices de pessoa como o “eu”, recorrentes em vários dados, denota o indivíduo que profere a enunciação e “o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala.” (BENVENISTE, 1974, p. 84), marcando a presença de “indivíduos linguísticos” que nascem da enunciação e são produzidos por um acontecimento individual.

<sup>21</sup> Segundo Coudry e Bordin (2012), a reflexão de Freud sobre a relação entre as impressões cinestésicas e acústicas da palavra nos leva a interpretar a dificuldade do afásico (e do não afásico) de dizer uma palavra que quer dizer - o que corresponde ao chamado fenômeno da ponta da língua - como incidindo na segunda imagem sonora da palavra (escutada de sua fala e da fala de outros). Esse fenômeno acontece com afásicos e não afásicos, quando *esquecem temporariamente nomes*, mas sabem quais são (Freud, 1901/1969); ambos conservam a primeira imagem sonora da palavra, que corresponde à impressão da inervação da palavra, fazendo falta a imagem cinestésica para completar o ato motor para produzir a imagem acústica da palavra na língua (COUDRY; BORDIN, 2012, p. 140).

RG, no dado “Analisando as parafasias”, posiciona-se como um avaliador crítico do seu quadro. Analisa o que ocorre em sua fala e testemunha o fenômeno em um ângulo que só se poderia obter por meio de suas impressões que é a representação do que é vivenciado ao dizer no turno 5 que “na minha cabeça eu falo certo, eu penso certo e não falo, falo errado”.

Refletir sobre a constituição da linguagem e do sujeito no contexto da afasia é avaliar o ser e seus posicionamentos e para isso é necessário o convívio e a interação com esses casos. É essa vivência que trará subsídios para a reflexão, pois somente a linguagem em funcionamento pode colocar em evidência o sujeito e suas dificuldades.

No dado a seguir, RG expõe seu medo de entrar novamente na sala de aula para ministrar os cursos de oratória como fazia antes do AVC.

Situação enunciativo-discursiva 08/07/2011

Quadro 13: Dado 13: Meu medo

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Meu medo hoje de entrar na sala de aula é de gaguejar. É de se as palavras vão aparecer.	Fala com a voz trêmula.	
2	Iic	Ô, RG, eu também tenho esses medos.		
3	RG	É, todo mundo tem. Mas assim /		
4	Iic	Você não tinha antes?		
5	RG	Não. Esse é o problema, porque eu sempre fui despachada em sala de aula, não tenho problemas com relação a isso. Leio uma coisa e vou falando o que eu entendo.		

É revelador constatar que “Não há espécie de raciocínio mais comum, mais útil e mesmo mais necessário à vida humana que o derivado do depoimento humano, dos relatos das testemunhas oculares e dos expectadores.” (HUME, 1748, p. 112). Isso é a representação da unidade sujeito e linguagem.

Aqui não cabe a avaliação de uma sentença de um afásico proferida isoladamente. O afásico precisa de um ambiente para revelar as suas lacunas com relação à linguagem em um processo ativo para que se possa perceber onde o investigador pode trabalhar. Nesse processo,

inclui-se a interação de igual para igual para vivenciar a linguagem em funcionamento, para só depois deslocar-se para a análise dos dados.

Adentrar esse universo que não é palpável é desafiador. Envolve um sujeito que se distancia de si e dos outros por suas dificuldades com a linguagem, pois o que a doença apaga (COUDRY, 1988) precisa ser reconstituído por meio de interação entre investigador e sujeito. Nesse aspecto, destaca-se que “Por mais árdua que possa parecer essa pesquisa ou investigação interna, ela se torna, em certa medida, indispensável àqueles que quiserem descrever com sucesso as aparências exteriores e patentes da vida e dos costumes.” (HUME, 1748, p. 29).

É no momento que o sujeito afásico interage, mesmo com suas dificuldades, que suas intenções vão transparecendo e que as suas ideias são compartilhadas. Dessa forma, a sua deficiência transforma-se em estímulo para um processo de significação e reconstrução. É preciso pensar que “Os dados provêm do sujeito afásico e da atuação conjunta do investigador e, por outro lado, a análise e o processo de reconstrução provêm do investigador e da atuação conjunta do sujeito afásico.” (COUDRY, 1988, p.73).

Com a análise dos dados do sujeito afásico RG, o que se avalia é o funcionamento da linguagem nesse sujeito após essas intercorrências. É notório que o processo de reconstrução da linguagem perpassou por desarranjos e foi modificando até o momento em que ela se apresenta de forma clara e mais articulada.

RG, em algumas situações iniciais, desconecta o seu “eu” antes da afasia do “eu-afásico” que relata tudo pela lente do “Mundo fantástico de Bob”<sup>22</sup>. Dessa forma, ao realizar uma troca descabida, ou, ao analisar algum texto (como provérbios, por exemplo) surge outro caminho paralelo à interpretação do sentido figurado, que desencadeia o destaque no sentido literal, que ora amplia o significado ora o confunde.

Isso se torna perceptível no dado a seguir em que RG, Ins e Lic conversam sobre provérbios. Inicialmente, RG faz a interpretação do sentido do provérbio “De grão em grão a galinha enche o papo”, depois, resgata o que veio à sua mente no momento em que o leu, revelando o Mundo fantástico de Bob.

---

<sup>22</sup> Ao citar o Mundo Fantástico de Bob, RG faz referência a uma série de desenhos animados famosos dos anos 90, criada pela FOX, que contava a história de Bob, um garoto de quatro anos, que tinha uma imaginação fértil. Ele explorava um universo divertido, complexo e cheio de confusões na mente infantil dentro de suas vivências cotidianas.

Situação enunciativo-discursiva: 26/08/2011

Quadro 14: Dado 14: Mundo fantástico de Bob.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	É igual a um trabalho, vamos pensar assim, um trabalho, se você fizer o trabalho, se você entrou agora nessa empresa e você começou do\, da faxina e aí você vai subindo de, de, de nível, e, igual escola a gente começa do, você não sabia nada e você vai subindo, você vai subindo até a faculdade, pós, doutorado, pós-doutorado. Então, assim, é igualzinho aquilo de grão em grão a gente vai, vai é a galinha vai\ . Eu tô pensando sabe o quê?		Gesticula a subida de degraus.
2	Ins	Hum?		
3	RG	Sabe aquela\		
4	Iic	Pode falar a sessão hoje está livre para tudo, sem censuras.		
5	RG	Sabe aquele filme das galinhas? Da galinha, você sabe qual é? Que tem um, um que a galinha \.		
6	Ins	A fuga das galinhas?		
7	RG	Isso! Que no final, no início, que uma galinha ia colocar, colocou a galinha num negócio pra\ . Eu tava imaginando se a galinha pegar o, a, como é que fala aquele negócio \ a enxada, e se ele tivesse, se ele.	Risos.	
8	Iic	Se ele o que, minha Nossa Senhora?		
9	RG	Como é o nome? A enxada pegou a galinha e pegou a enxada e tivesse ma, matado a galinha, aí ia sair um monte de milho, tuf.	Risos.	
10	Iic	Foi, primeiro, isso que você pensou?		
11	RG	Mundo fantástico de Bob, sabe?		

Depois da interpretação do provérbio, RG revela o processo que desencadeou a significação. As imagens literais que aparecem na fala de RG ao ouvir o provérbio remetem à galinha e grãos. O curso de análise desses dados pode deduzir que este sujeito perpassa no significado literal de forma ampla para, depois, atingir uma amplitude de sentido figurado, em associações mais livres pelo efeito da modificação funcional.

RG desvincula, também, a anormalidade no funcionamento da linguagem através da referência das características afásicas à sua cabeça que ela apresenta como “doida”, conforme o dado a seguir em que RG justifica a utilização de uma parafasia.

Situação enunciativo-discursiva: 26/08/2011

Quadro 15: Dado 15: A doida.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Mas não sou eu, não. É ela, a cabeça que é doida.		Aponta para a cabeça.

Essas desvinculações do seu eu afásico com o tempo foram superadas pela autoconfiança adquirida através das diversas formas de interação proporcionadas pelo investigador, somadas às experiências vivenciadas no ECOA e deixaram de ser utilizadas por RG, visto que se sente mais à vontade para se comunicar.

O que se pode inferir nesse caso através dos relatos e da interação com esse sujeito é que o processo de reconstrução da linguagem não se dá no isolamento e sim no encontro com o outro. É no momento que RG relata a sua história, a sua rotina, convive com o investigador com seus anseios ou seus gostos, e que espera desse outro um compartilhamento de ideias é que a sua deficiência transforma-se em estímulo para um processo de reconstrução.

Nesse sentido, defende-se que a análise do funcionamento da linguagem no caso de afasia se dá no viés da reintegração social e subjetiva, ou seja, através de experiências, pois “As observações gerais armazenadas durante o transcurso da experiência dão-nos o elo condutor da natureza humana e nos ensinam a desfiar todas as suas complicações.” (HUME, 1748, p. 92). A linguagem, assim, representa um meio para operar a realidade e ao mesmo tempo torná-la significativa, em um processo que constitui subjetividade. Negligenciar o papel das interações neste processo é desconsiderar a subjetividade. É preciso colocar em relevo que “Se o dado é construído na interação, forma-se um vínculo [...] relevante tanto para a emergência do dado quanto para a própria terapia.” (COUDRY, 1996, p. 184), por isso, na

abordagem metodológica para tratar o assunto proposto é o acompanhamento longitudinal do sujeito RG.

As considerações sobre sujeito e linguagem devem ser bem pensadas ao se propor estudos de afasia, pois a postura que se toma perante esses casos refletirá em experiências para esses sujeitos. Assim, torna-se imprescindível considerar que “O investigador não é um sujeito exterior e distante que ‘observa, analisa e teoriza’, mas um verdadeiro interlocutor que participa do espaço de linguagem em que o afásico se constitui como sujeito.” (COUDRY, 1988, p.196).

Reiterando a importância de se examinar todos os aspectos da linguagem que compõem o sujeito é que Coudry (1988) ressalta que

[...] essa atividade do sujeito, aquilo que realça, os recursos que emergem a partir de sua doença, não poderá ser depreendida fora de condições de exercício da linguagem. Importa menos estudar o resíduo que a afasia provocou no sujeito (reconhecimento de déficits através de sintomas) e mais conhecer suas dificuldades e favorecer o desenvolvimento de alternativas próprias para reelaborá-las.(COUDRY, 1988, p. 196)

Na busca da compreensão das dificuldades do sujeito afásico RG e com o intuito de proporcionar alternativas para um processo de reconstrução é que se analisa, a seguir, o sujeito diante do “erro” na linguagem.

### **3.2 O sujeito diante do “erro” na linguagem**

Para compreender a abordagem do erro na fala e na escrita toma-se, primeiramente, o que diz Figueira (2010) ao mencionar que a língua “[...] longe de ser unívoca, tem a particularidade de ser equívoca.” (FIGUEIRA, 2010, p. 119), o que permite as ocorrências divergentes como as que surgem na linguagem em funcionamento do sujeito afásico. Na situação enunciativo-discursiva, a seguir, pode-se discutir essa questão no dado intitulado “Deciderido/desconjerido/esconderijo” em que Iic e RG conversam sobre as dificuldades na fala e na escrita.

Ao relatar os desafios da escrita, que segundo ela são semelhantes aos da fala, RG tenta descrever o impasse vivenciado com a palavra esconderijo e no momento do relato a dificuldade novamente vem à tona.

Situação enunciativo-discursiva: 15/07/2011

Quadro 16: Dado 16: Deciderido/desconjerido/esconderijo

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	Iic	Deixa eu lhe perguntar uma coisa: quando você fala em dificuldade da escrita, é por conta da coordenação motora?	Tom: interrogativo	
2	RG	Não é do mesmo jeito / a mesma dificuldade / a mesma coisa da fala. / tem palavras que...	Tom: negativo	
3	Iic	Nesses momentos, também a sua dificuldade vem na hora de digitar?	Tom: interrogativo	
4	RG	É do mesmo jeito. E assim é / eu acho que não tem não / mas eu anotei essa semana algumas palavras que eu queria falar e que igual na sexta-feira passada que / Você lembra qual foi a palavra?	Tom: afirmativo	Procura em uma pasta algumas anotações.
5	Iic	Vamos lembrar? Quando uma pessoa esconde uma coisa assim?	Tom: interrogativo	Esconde um lápis embaixo do papel
6	RG	É, é / deciderido, não, é / desconjerido / não / é / é. / deciderido não é	Tom: dúvida	
7	Iic	É com e.	Tom: afirmativo	
8	RG	Peraí! ES-CON, ES-CON, ES-CON-DE-RI-JO, desconderijo, esconderijo. Porque assim é / a gente fez um / teve uma fe / lá em casa aí eu queria falar a palavra e aí a palavra que vem é essa desconjerido que não tem nada a ver. Eu falei assim: Meu Deus do céu e aí eu falei, mainha, porque eu ri, eu dou risada e não consigo falar, aí mainha fala assim: “O que que é desconjerido?” Mainha desconjerido, o	Tom: afirmativo	Recorre à simulação da escrita da palavra na mesa, ao mesmo tempo em que pronuncia sílaba por sílaba, em várias tentativas distintas, com o intuito de evocar a palavra.

		que que é desconjerido? Eu sei quando você pega uma coisa / e eu falo assim normal achando que é normal. Assim, eu sei que eu tô errada.		
9	Iic	Na hora que você fala você tem consciência?	Tom: interrogativo	
10	RG	Assim eu sei que tá errada. Entendeu? Tanto é que eu falo assim / às vezes eu paro e falo assim / não era isso, essa palavra que eu quero falar não, mainha, o negócio, qual é a palavra? / Quando a gente pega uma coisa e desconde, esconde, como é o nome? Aí ela fala: es / es / Como é o nome? Des / ES-CON-DE-RI-JO. Só que na hora e falo como se fosse uma palavra normal assim. Como se fosse certo. Aí o problema é que ela começa rir e eu ri também.	Tom: afirmativo	Risos.

Com a frequência de pausas breves indicadas pela barra (/) percebe-se a dificuldade desse sujeito de evocar palavras para construir os sintagmas. É nesse contexto que se evidencia o papel da atividade epilinguística em que se busca meios alternativos para solucionar suas dificuldades retomando a fala do outro ou utilizando outros recursos da linguagem como, por exemplo, gestos e *performance* (no quadro acima, o gesto de esconder o lápis debaixo do papel foi feito por Iic, mas em outro momento, desta mesma sessão, foi feito por RG), assim, “[...] sujeito explora recursos da sua linguagem e reutiliza elementos na construção de novos objetos linguísticos [...]” (COUDRY, 1988, p.15).

Nesse processo, RG chega ao turno 6 com o desafio de evocar a palavra esconderijo e revela as formas “deciderido”, “descongerido” alternadas na sua fala e que simultaneamente passam pela sua avaliação negativa “não é” demonstrando que aquela representação não condiz ao que quer expressar, uma vez que a representação psíquica do que foi dito é diferente do que transpareceu na fala. Saussure (1916) justifica: “[...] a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor [...]” (SAUSSURE, 1916, p. 21).

Destaca-se ainda nesse ponto alerta dado por Saussure (1916) que enfatiza que o vínculo entre o nome e uma coisa está bem longe da verdade. Para esclarecer essa base, menciona que

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica deste som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la ‘material, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 1916, p. 80)

A avaliação negativa de RG diante da escuta da sua própria fala e do estranhamento do interlocutor demonstra a necessidade de estar de acordo com a língua que é “[...] um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade.” (SAUSSURE, 1916, p. 17) e considera que “[...] o indivíduo, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la [...]” (SAUSSURE, 1916, p. 22).

Percebe-se, também no turno 6, que o sujeito oscila entre o emprego do prefixo “de” (que dá ideia de movimento de cima para baixo) - que pode ter relação com o enunciado não verbal de Iic ao esconder o lápis debaixo do papel e do prefixo “des” (vinculado à ideia de separação, ação contrária) ao tentar evocar a palavra, em tentativas que revelam a combinação de partes que remetem à forma desejada “esconderijo”. Essa instabilidade de RG em torno da palavra desejada “esconderijo” destaca a presença do velho e do novo na afasia (COUDRY; BORDIN, 2012), pois “O afásico sabe o que quer dizer, mas os gestos articulatórios do velho da língua lhe fazem falta, o que pode redundar em novos arranjos que se configuram como parafasias [...]” (COUDRY; BORDIN, 2012, p. 140).

Figueira (2010), ao analisar fenômenos semelhantes na fala da criança, defende que “É preciso expor a organização interna de que procede a palavra nova, e o que daí se segue; uma vez que o signo, parte de um sistema, não poderá ser visto isoladamente.” (FIGUEIRA, 2010, p. 121) e convoca as relações sintagmáticas e associativas (SAUSSURE, 1916) para mostrar como a fala é afetada por essas relações. Esse aspecto, explica que a utilização dos prefixos (des/de) sublinha uma relação sintagmática na medida em que se destaca como uma porção independente do restante da cadeia sonora, demonstrando identificação desses morfemas e sua carga semântica e apresentam relações associativas quando, numa cadeia virtual, “Desconjerido/deciderido” aparecem relacionado a desaparecer, por exemplo.

Outro fenômeno que se destaca é que ao deparar com dificuldades no eixo da seleção, supre as suas necessidades com o eixo da combinação (JAKOBSON, 1969), perceptível no turno 10, por exemplo, ao dizer: “Quando a gente pega uma coisa e desconde, esconde [...]”. Dessa forma, RG demonstra ter a saída de recorrer aos recursos que a própria língua oferece para conseguir estabilizar o seu comportamento verbal.

Cabe mencionar que para evocar a palavra na linguagem oral, RG utiliza-se, também, da escrita como uma forma de organização. Para justificar o uso desses meios, as colocações de Freud esclarecem que:

[...] a patologia das perturbações da linguagem não faz mais que repetir uma situação que se apresenta normalmente durante a aprendizagem das funções de linguagem. [...] A única diferença está no facto de no aprender estarmos ligados à hierarquia existente dos centros que iniciaram a sua função em tempos diversos (primeiro o sensorial acústico, depois o motor, mais adiante o visual e por fim o gráfico), ao passo que nos casos patológicos é chamado em auxílio em primeiro lugar o centro que permaneceu mais eficiente.(FREUD, 1891, p. 29)

RG recorre constantemente à simulação ou escrita da palavra que apresenta dificuldade demonstrando sentir segurança ao escrever, pois esse ato permite uma ordenação em um ambiente palpável, com um tempo para a organização psíquica e até correções.

Ao contar com a intervenção de Iic que diz “É com e.”, no turno 7, RG faz a reorganização psíquica da palavra e recorre à simulação da escrita da palavra, no turno 8, com o intuito de organizar a sua produção e em meio a tentativas silabadas produz “es-con”, “es-con-de-ri-jo”, oscila novamente na dificuldade com “desconderijo”, mas firma-se com esconderijo.

Através dessas análises, o que se torna imprescindível é buscar meios para que o afásico supere a sua condição afásica através do exercício constante do seu papel de sujeito da linguagem em situações de interação e reconstrução com o outro, com os recursos linguísticos e com os outros sistemas de significação.

A linguagem vem reafirmar o seu caráter constitutivo no estudo desses dados. Mesmo com as limitações que a afasia pode trazer, existe a linguagem, a língua, a fala e, conseqüentemente, um sujeito. O que muitas vezes é considerado apenas como “erros”, sublinham enigmas que são desvendados em meio aos acertos. Para adentrar nessas questões, é que se propõe a análise da fala e a escrita em dados na próxima seção.

### 3.3 Fala e escrita em dados: aspectos fonéticos-fonológicos

No cerne dos estudos da afasia é preciso considerar a existência de um sujeito falante, pois, diante dos percalços advindos do evento neurológico, tem-se uma trajetória anterior e atual, mesmo que seja com um novo padrão de normalidade. Nessa perspectiva, destaca-se que:

Todo falante possui uma informação fonológica que congrega duas formas diferentes das unidades lexicais de sua língua: uma *representação fonológica*, mais abstrata, subjacente ao nível fonético, que só contém informação não previsível (distintiva), e que estabelece a relação dos sons com significado, e uma *representação fonética*, que indica como a palavra é realizada, que isola as propriedades articulatórias e acústicas dos sons para a realização e a decodificação do sinal da fala. (BISOL, 2005, p. 17)

As manifestações do sujeito afásico remetem, dessa maneira, a representações fonético-fonológicas e isso não deve ser deixado de lado, visto que, nesse ponto, pode-se empreender esforços para compreender as questões que perpassam este caso e os caminhos que podem ser direcionados a partir da avaliação e interação com esses dados.

Para analisar fenômenos fonético-fonológicos evidenciados na linguagem em funcionamento do sujeito afásico RG, toma-se dados da fala e da escrita obtidos durante o acompanhamento longitudinal.

Na situação enunciativo-discursiva intitulada “Vora/Fora”<sup>23</sup>, resgatada a seguir, por exemplo, RG e Iic conversam sobre o curso de Massoterapia que RG começou a fazer. Iic pede a RG que registre por escrito as metas que pretende alcançar com o curso.

Situação enunciativo-discursiva 02/05/2012

Quadro 17: Dado 17: Vora/Fora

- Ser autônoma
- Trabalhar em clínicas
- Trabalhar fora de Conquista
- Ter condições de ganhos extras

Transcrição:

- Ser autônoma
- Trabalhar em clínicas
- Trabalhar (f)vora de Conquista
- Ter condições de ganhos extras

<sup>23</sup>A análise dos dados à luz da Fonética e da Fonologia obteve uma significativa contribuição da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Pacheco no Laboratório de Pesquisa em Fonética e Fonologia (LAPEFF) da UESB.

Nessa situação enunciativo-discursiva, RG depara-se com uma dificuldade para selecionar os grafemas para escrever a palavra “fora” no terceiroenunciado. Primeiramente, registra a forma “vora”, dá uma pausa, retoma por si só a escrita e corrige automaticamente retocando um “f” no lugar do “v” para registrar a palavra “fora”. O que fica latente é que

O fato de podermos substituir um elemento por outro mostra que a língua tem um paradigma, ou seja, um conjunto de elementos da mesma natureza que podem ocorrer num determinado lugar (contexto, ambiente). A substituição de um elemento desse conjunto por outro pode ou não mudar o significado total do sintagma, criando ou não palavras novas. (CAGLIARI, 2002, p.23-24)

Ao deparar com a dificuldade de seleção e optar por uma escolha que não é adequada, RG não faz algo impossível para a língua, pois “Todo falante nativo age lingüisticamente em função do sistema de sua língua.” (CAGLIARI, 2002, p.27). Oscilando entre [v] e [f], perpassa-se por um terreno comum, ambas são fricativas lábio-dentais, o que as distingue é apenas a sonoridade.

A pausa de RG, a retomada da palavra e o ajuste feito na escrita levam a supor sobre a força do sistema. A correção por parte do falante confirma a percepção de que os segmentos em questão são fonemas no português, por isso, opositivos e contrastivos, não podendo ser comutados indistintamente. Nesse percurso, considera-se que

A função opositiva e distintiva é a função fonológica que permite – através do teste de comutação, isto é, da substituição de um som por outro num determinado ponto do sintagma ou enunciado – fazer o levantamento de todos os sons que exercem a função de fonemas numa língua ou do valor fonológico que as demais unidades têm. (CAGLIARI, 2002, p.24)

O momento “fotográfico”, registrado no dado da escrita de RG, pode ilustrar o processo normal de seleção psíquica que se realiza para emitir as ideias. Cabe, ainda estabelecer um aproximação entre afásicos, que deixam de exercer a língua, e crianças com sua entrada na língua escrita (COUDRY; BORDIN, 2012), essa teorização baseia-se em práticas com a linguagem envolvendo a fala, leitura e escrita que se somam à teorização desenvolvida atualmente pela ND à luz de Jackson, Freud e Jakobson.

Dados de fala e escrita de criançasapresentados por Coudry e Bordin (2012) revelam ocorrências semelhantes aos do sujeito afásico RG como: “CS: Eu fui na *sorfeteria* comprar *sorfete*.” na tentativa de dizer “Eu fui na *sorveteria* comprar *sorvete*.”. Nesse sentido, as autoras esclarecem que

[...] a falta de memória em seu corpo, quanto à propriocepção da sonoridade, determina sua grande dificuldade em lidar com a nova propriocepção/produção de fonemas sonoros que precisa de tempo para ser automatizada. Não se trata, portanto, de estabilizar os novos sons com sua representação visual (Bordin, 2008). Trata-se de rearranjar a associação proprioceptiva, motora e sonora entre esses sons e sua representação gráfica. (COUDRY; BORDIN, 2012, p.150).

Alguns fenômenos que esses sujeitos (afásicos e crianças) sublinham em dados de fala e de escrita podem ser esclarecidos por meio dos processos fonológicos que, de acordo com Cagliari (2002), são caracterizados por regras que explicam as alterações sonoras nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente. Destaca-se que

[...] se, no caso do sujeito afásico, sublinhar significa evidenciar problemas de natureza diversa no funcionamento da linguagem, antes *intacta* e bem estruturada, no caso da criança, sublinhar tem o significado de revelar episódios insulares de elaboração de sistemas e subsistemas de representação da linguagem oral e escrita. (ABAURRE; COUDRY, 2008, p. 179).

Dessa forma, Abaurre e Coudry (2008) esclarecem que os afásicos trazem à tona o que é constitutivo da sua nova relação com linguagem e a criança sublinha o que é próprio do processo de aquisição da linguagem.

Para apresentar esses aspectos no acompanhamento do sujeito afásico RG, elenca-se os processos fonológicos que se destacaram nos dados da sua linguagem em funcionamento e que representam fatos da língua dentro de situações cotidianas da linguagem. É incidente, nesse contexto, a presença de processos fonológicos como: a) assimilação: “quando um som torna-se mais semelhante a outro, que lhe está próximo, adquirindo uma propriedade fonética que ele não tinha” (CAGLIARI, 2002, p. 99) e um tipo especial de assimilação, a harmonia vocálica, “que faz com que vogais tornem-se mais semelhantes entre si” (CAGLIARI, 2002, p. 104); b) metátese: “fenômeno que troca um segmento de posição dentro de morfemas” (CAGLIARI, 2002, p. 101); c) epêntese: “quando há o acréscimo de um segmento à forma básica de um morfema” (CAGLIARI, 2002, p.100); e d) síncope: quando ocorre a eliminação de segmentos átonos.

Sobre esses fenômenos que estão ligados à fala que se realiza “[...] através de uma cadeia de sons, produzindo um contínuo sonoro de qualidades variáveis ao longo do tempo.” (CAGLIARI, 2002, p.27), é importante demarcar que é previsível que alguns sons se modifiquem por força do ambiente em que se encontram. Essa relação modificadora entre ambiente e som “[...] tem por finalidade fazer com que um som seja mais semelhante aos que o influenciaram ou, pelo contrário, fazer com que um som seja diferenciado de seus vizinhos.”

(CAGLIARI, 2002, p.27). A ênfase nas deduções apresentadas remete, também, aos traços distintivos que “[...] são propriedades mínimas, de caráter acústico ou articulatório, como ‘nasalidade’, ‘sonoridade’, ‘labialidade’, ‘coronalidade’, que de forma coocorrente, constituem os sons da língua.”(BISOL, 2005, p. 17).

Nesta dissertação, considera-se, ainda, os trabalhos desenvolvidos pelo modelo teórico linear a partir de Chomsky e Halle (1968), estudiosos da Fonologia Gerativa Padrão, que caracterizam esses traços, no nível fonético, como as escalas físicas que descrevem aspectos da fala num conjunto físico e restrito. Já no nível fonológico, esses traços representam “marcadores classificatórios abstratos”, que identificam os itens lexicais da língua de forma binária e limitada para que ocorra o funcionamento da língua. Segundo Bisol (2005), o estudo dos traços distintivos tem uma relevância por servir como “[...] instrumento formal para mostrar a naturalidade do funcionamento dos sistemas linguísticos.” (BISOL, 2005, p.26).

Aoadentrar o universo dos dados, toma-se, inicialmente, os momentos de escrita espontânea e rápida, que são alvos desubstituições frequentes realizadas por RG. No dado a seguir, retirado de uma conversa no MSN<sup>24</sup> entre RG e Iic, RG relataum episódio que aconteceu em sua casa, quando recebeu uma visita. Observem os termos em itálico que serão o objeto das análises.

Situação enunciativo-discursiva 21/07/2011  
 Quadro 18: Dado 18: Parperagem

<p>RG diz:          vou le contar...lembra que eu ia separar ums livros para doar??</p> <p>Iic diz:          Sim...</p> <p>RG diz:          separei.. para a menina.. e ela veio aqui .. e levou ... eu gosto muito ldela..          ele e freira ... e uma figura ...</p> <p>Iic diz:          E aí?</p> <p>RG diz:          e e sempre o <i>prezer</i> falar com ela ...          mainha tinha ido para o pillatteesss</p>
--

<sup>24</sup>MSN é um programa de mensagens instantâneas criado pela *Microsoft Corporation*. O programa permite que um usuário da Internet se relacione com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem na rede.

Iic diz:

E você estava sozinha?

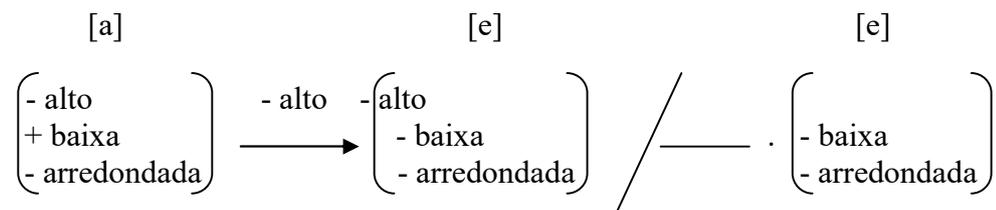
RG diz:

sim ... com minha Vo e N... o nome dela e S.bom ate enta tudo bem ..ela foembora logo mainha chegou...mainha chegou e foi falando ... voce viu a *parperagem* da menina??

o que foi ?? voce noa foi que ela *badeu* o carro??

meu coação quase parou??ta *endendendo*??

Diversas marcas da dificuldade do sujeito afásico RG com relação à escrita podem ser evidenciadas nesse dado, que está repleto de substituições que este sujeito realiza dentro das possibilidades do sistema. Dentre elas, destaca-se a forma “prezer” utilizada no lugar de “prazer”, em que ocorre a substituição de [a] por [e], representando um processo de harmonia vocálica que faz com que vogais tornem-se mais semelhantes entre si, motivado pelo ambiente que tinha a presença de [e]. Abaixo, apresenta-se a regra fonológica:

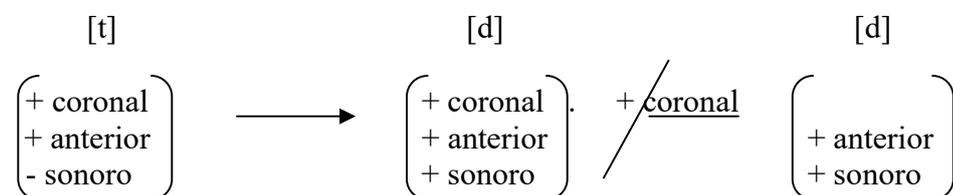


Essa regra pode ser lida como o segmento [a] transforma-se em [e] no contexto em que recebe a influência de uma sílaba com a presença de [e].

Em “*parperagem*”, substituiu-se [b] por [p], que são oclusivas bilabiais, o que as distingue é apenas a sonoridade, o [b] que é [+ sonoro] é substituído por [p] que é [– sonoro].

Nas formas “*badeu*” (bateu) e “*endendendo*” (entendendo) substituiu-se [t] por [d]. Esta substituição é no terreno das oclusivas alveolares distinguindo também pela sonoridade [t] que é [– sonoro] é substituído por [d] que é [+ sonoro]. Percebe-se que, em casos como esses, em que ocorre a oposição privativa é mais frequente a instabilidade do sujeito afásico.

No caso de “*endendendo*”, pode-se pensar, ainda, na influência exercida por elementos adjacentes sistematizados nas regras fonológicas a seguir:

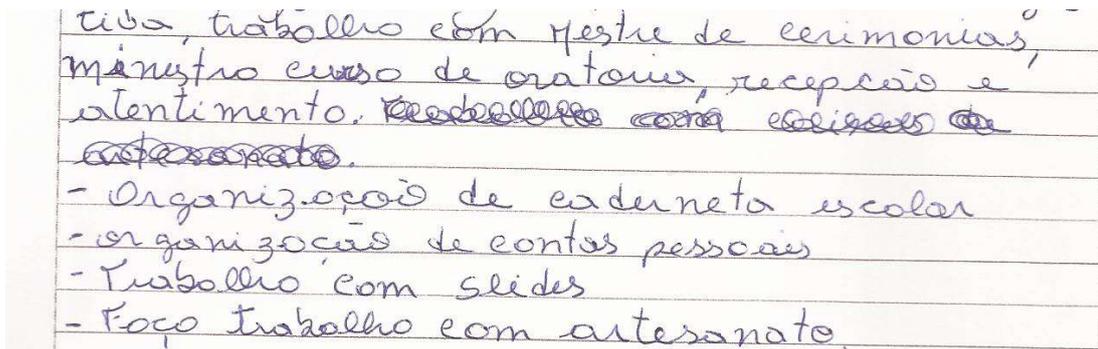


O segmento [t] da forma “entendendo” transforma-se em [d] no contexto em que recebe a influência de uma sílaba com a presença de [d].

Na realização de atividades envolvendo diferentes gêneros textuais com uma escrita mais elaborada, pode-se inferir que as dificuldades diminuem. No dado a seguir, RG escreve um anúncio sobre os serviços que desenvolve.

Situação enunciativo-discursiva 02/05/2012

Quadro 19: Dado 19: Anúncio

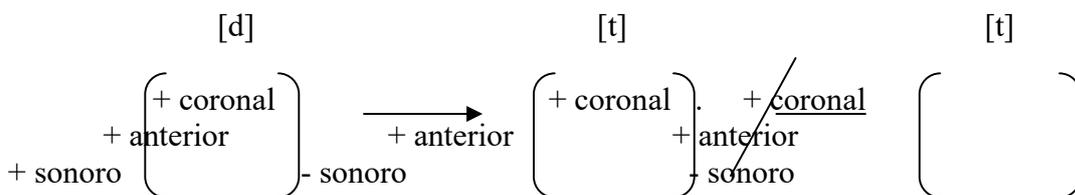


Transcrição:

*tiva, trabalho com mestre de cerimonia  
ministro curso de oratória, recepção e  
atendimento.*

- Organização de caderneta escolar
- Organização de contas pessoais
- Trabalho com slides
- Faço trabalho com artesanato.

Apesar de a escrita fluir com mais facilidade nesse dado, uma marca da instabilidade de RG persiste quando emprega “atentimento” no lugar de “atendimento” em que ocorre uma dessonorização de [d] por assimilação de traços de [t]. Percebe-se que a substituição de [d] por [t] pode ser explicada pela proximidade articulatória e ainda pela influência exercida pelo segmento da sílaba adjacente. A seguir, essa regra fonológica é representada:



A regra pode ser lida como o segmento [d] transforma-se em [t] no contexto em que recebe a influência de uma sílaba com a presença de [t].

A partir do trabalho com outro gênero textual, resgata-se o dado, a seguir, em que RG elabora uma lista de compras para o supermercado.

Situação enunciativo-discursiva 21/07/2011

Quadro 20: Dado 20: Lista de compras

LISTA DE COMPRAS	
-	Vinho
-	Refrigerante
-	Suco - Maratá
-	Papel Higienico
-	guarnapo
-	Fralda
-	Desinfetante
-	Papel aluminio
-	Papel filme

Transcrição:

*LISTA DE COMPRAS*

- *Vinho*
- *Refrigerante*
- *Suco – Maratá*
- *Papel higienico*
- *Guarnapo*
- *Fralda*
- *Desinfetante*
- *Papel aluminio*
- *Papel filme*

O que pode ser colocado em destaque é a forma “guarnapo” no lugar de “guardanapo”. Nesse caso, RG realiza uma síncope, eliminando sílaba [da] no momento da escrita. Aqui, pode-se levar em conta a extensão da palavra e a omissão de uma sílaba átona.

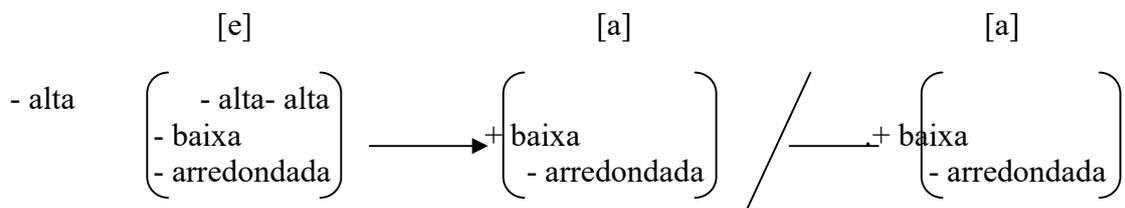
RG desencadeia em sua fala uma série de indícios que revelam as marcas da afasia. No dado que segue, RG fala sobre a superação das dificuldades de relacionamento e sobre os problemas do passado.

Situação enunciativo-discursiva 1º/07/2011

Quadro 21: Dado 21: Esclarecido e senado

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não verbal
1	RG	O que ficou no passado já foi esclarecido, já foi senado, sanado...		

Destaca-se nesse dado a produção “esclarecido” e “senado” formas respectivas para “esclarecido” e “sanado”. Ao utilizar “esclarecido”, substitui-se [e] por [a] por conta da proximidade de [a] caracterizando uma assimilação, pois um segmento assume características de outro segmento que lhe é adjacente e pode ser formalizado pelas regras fonológicas de Chomsky e Halle(1968) a seguir:



A regra evidenciada pode ser lida como o segmento [e] transforma-se em [a] no contexto em que recebe a influência de uma sílaba com a presença de [a].

Em “senado” ocorre a substituição de [a] por [e] em proximidade de [s]. Nesse caso, pode-se pensar numa espécie de assimilação em que a vogal [a] que é produzida na região mais central do trato vocal, realiza-se como [e], que é produzida mais próxima da região alveolar, zona de produção da fricativa [s]. As trajetórias articatórias envolvidas na sequência [se] são menos custosas do que na sequência [sa], pois, [s] e [e] são articulados em regiões mais próximas do trato vocal do que [s] e [a]. Dessa forma, pode-se pensar numa desassimilação. Também formalizado pelas regras fonológicas de Chomsky e Halle.

Na situação enunciativo-discursiva a seguir, RG comenta a respeitosa avaliação médica atual sobre um problema de saúde que teve aos doze anos de idade.

Situação enunciativo-discursiva 1º/07/2011

Quadro 22: Dado 22: Problabelmente

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	O médico lá de Brasília falou que isso já era um pro... um... falou uma palavra assim... É como se tivesse assim investigado no, na, do problema lá quando eu tinha doze anos que problabelmente.		

Ao analisar a ocorrência “problabelmente” (no lugar de provavelmente), percebe-se a substituição de [v] por [b]. Essa substituição, comum no espanhol, já notada no português medieval e ainda recorrente no português do Brasil como em “bassoura” no lugar de “vassoura”, não constitui um processo fonológico, mas pode ser explicada pela proximidade do ponto de articulação dessas duas consoantes. Ambas possuem a atuação do articulador ativo no lábio inferior, além de serem [+anterior] e [-coronal]. A mudança do modo de articulação, uma fricativa por uma oclusiva, remete ao fato de que uma oclusiva, do ponto de vista articulatorio, tem uma produção mais fácil que uma fricativa. É interessante sublinhar que houve uma substituição entre segmentos de uma grande classe natural das consoantes: as obstruintes.

RG relata, no dado a seguir, uma conversa que teve com o médico neurologista que acompanha o seu tratamento após o AVC sobre o acompanhamento realizado no ECOA.

Situação enunciativo-discursiva 29/07/2011

Quadro 23: Dado 23: Miajando

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Ele falou assim: Como é que tá lá com o pessoal da UESB? Aí eu falei que tava bem que já tinha começado fazer o		

		projeto com vocês, o, o.		
2	Iic	O acompanhamento.		
3	RG	O acompanhamento com vocês e ele falou RG estou até achando você assim pra falar, eu tô achando você mais / é / é mais / é melhorada assim, eu tô achando você mais / Como é que fala meu Deus? Mais ini, inibida.		
4	Iic	Desin	<i>Prompting</i> para desinibida.	
5	RG	Desinibida. Aí eu falei com ela que estava miajando muito. Aí ele falou assim você está entrando na justiça, você sabe que tem uma perícia.		

Das marcas de afasia perceptíveis nesse dado, destaca-se a forma “miajando”, utilizada no turno 5, no lugar de “viajando”. Apesar de a substituição ter ocorrido entre uma nasal e uma fricativa, soante por obstruinte, com modos de articulação diferentes, ambas possuem pontos de articulação muito próximos, são [+anteriores] e [-coronal]. Observa-se, ainda, a presença da palavra “muito” que aparece na sequência e que pode ter contribuído para a instabilidade fonológica para produzir a forma “miajando”<sup>25</sup>.

Esse dado ilustra, nos turnos 3, 4 e 5, que quando há a interferência do auxílio do outro, a reorganização psíquica flui e o afásico chega com mais facilidade à palavra desejada.

RG posiciona-se, no dado a seguir, como um avaliador crítico do seu estado. Relata os momentos em que fica mais ansiosa e agitada.

Situação enunciativo-discursiva 29/07/2011

Quadro 24: Dado 24: Acelado

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Tem semanas que tá mais		Levanta os ombros

<sup>25</sup>Ishara (2010) aponta que “não se conclui que uma interpretação represente uma forma subjacente, mas apenas uma relação possível. Isso significa que as interpretações supostas servem para levantar hipóteses sobre organizações de fragmentos discursivos, sobre processos fonológicos e morfológicos envolvidos e sobre outros aspectos linguísticos que podem influenciar esta produção da maneira como ela se apresenta; reconhecendo que existe *linguagem em funcionamento* (Coudry, 2001) na afasia” (ISHARA, 2010, p. 78).

		<p>acelado, A-CE-LE-RA-DO. Por que isso? Até hoje eu fico: Meu Deus, por que que eu tô assim? Por que que eu tô assim? Tem algumas coisas, assim, que eu consigo perceber de, de casa. Tem horas que eu ligo e falo, assim: Nirva! Pelo amor de Deus eu não tô aguentando!</p>		sinalizando dúvida.
--	--	--	--	---------------------

Ao utilizar a forma “acelado”, antes de efetivar a silabação da palavra “acelerado”, recorre pela eliminação do [e] e do [r]. A eliminação desse *tap* [r] evita a articulação de dois segmentos líquidos [l] e [r] em sequência. Essas consoantes líquidas exigem grande esforço articulatório em sua produção. Observa-se ainda, que apesar da eliminação da consoante *doonset* da sílaba tônica, manteve-se o seu núcleo [a]. A sílaba tônica é importante e, raramente, há eliminação completa dessa sílaba, além disso, a vogal [a] é mais resistente a processos fonológicos.

No dado a seguir, RG narra um episódio que aconteceu em casa, enquanto conversava com sua avó. A avó oferece uma toalha para limpar os pincéis e RG disse que recusou porque prefere tecidos de algodão, utilizados para fazer camisolas. No momento em que tenta explicar, a forma que surge é “misolina”.

Situação enunciativo-discursiva 29/07/2011

Quadro 25: Dado 25: Misolina

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	<p>A gente tava na cozinha conversando, né, e, aí minha vó falou assim: Eu tenho uma toalha para você. Toalha pra que minha Vó? Aí falou assim: Pra você limpar seus, seus pincéis. Aí eu falei assim / Aí ela me veio, aí ela me trouxe uma toalha e eu falei: Ah, Minha vó! Eu não gosto dessa toalha,</p>		

		<p>não. Ela falou assim: Por quê? Sabe por que, ela não é, é de algodão é uma outra negocia<sup>26</sup>. Aí ela falou assim: Como é que você gosta? Aí eu falei assim: Eu gosto aquele tecido assim é / misolina. Misolina? Misolina. E assim, desse jeito, misolina. Aí é / mainha falou desse jeito Misolina? Ué, minha mãe? Misolina. \ Aí mainha falou e na hora eu falo assim: Não, minha mãe, não é isso que eu queria dizer isso não. Sabe de gente pra dormir. Aquele tecido de, de dormir.</p>		
--	--	--	--	--

Em “misolina”, RG utiliza-se do final da palavra, evitando a produção de um segmento mais posterior [k]. Parece que houve tentativa de manter o mesmo número silábico da palavra *template*, por isso insere a sílaba [na] em que [n] é um segmento [+anterior].

Destaca-se, nesse momento, que para suprir a dificuldade de seleção, marcada por uma escolha não apropriada, RG recorre à utilização da combinação (JAKOBSON, 1970) “Sabe de gente pra dormir. Aquele tecido de, de dormir”.

RG fala sobre uma tia na situação enunciativo-discursiva a seguir. Relata um episódio em que essa tia teve uma dor de cabeça e a sua mãe faz uma brincadeira dizendo que ela deveria utilizar um martelo para amenizar a dor. Ao fazer o relato, RG expõe as formas “Tarmelinho/tarmolinho/termolinho” que vieram à fala no lugar de martelinho.

Situação enunciativo-discursiva 26/08/2011

Quadro 26: Dado 26: Tarmelinho/tarmolinho/termolinho.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	É. Pensa aí que ela dá com,	Relata o episódio	

<sup>26</sup>O uso de “negocia” (quadro 21), negoça (quadro 22) e negócio (quadro 23) demonstra a necessidade de utilização de um arquilexema (negócio) para suprir a dificuldade de acessar a palavra desejada. No momento em que utiliza deste artifício, as parafasia vêm à tona manifestando formas como “negocia” e “negoça” no lugar de “negócio”.

		combate de tudo. Aí ela falou assim minha cabeça tá doendo. Aí eu falei assim tá doendo, N? Ela falou assim tá e mainha falou assim eu vou lhe dar um ta, é / Eu vou lhe dar um tarmelinho, um tarmelinho.	entre risos.	
2	Ic	O que que é tarmelinho?		
3	RG	Tarmelinho. Aí fiquei TARMELI-NHO. Aí mainha falou ‘o que que é tarmelinho?’ Eu falei tarmelinho, mainha. Tu, tu, tuc. Mainha falou tarmolinho? É tarmolinho, mainha. Aí eu olhei pra mainha e falei como é que negoça assim que é pra bater num prego. Eu falei termolinho. Não é termolinho. Ela falou martelo e eu cá, cá, cá e comecei a rir. E aí depois eu imagino um martelo na cabeça de N, tuc, tuc. Aí mainha falou você não está normal, não. Sabe o que é isto? É a ansiedade da perícia.		Tenta reproduzir o som de batidas e simula batidas na mesa.

Ao empregar as formas “tarmelinho, tarmolinho, termolinho” para “martelinho”, pode-se elencar algumas observações diante dos ajustes sonoros realizados por RG. Em “tarmelinho”, ocorre uma metátese/permuta, entre [m] e [t]. No caso de “tarmolinho”, pode-se argumentar por uma assimilação de [e] por [o], dada a influência do traço da consoante [m]. Vogal não arredondada média [a] realiza-se como vogal arredondada média [o] por influência da nasal bilabial [m]. Ao realizar a vogal arredondada, tem-se uma produção em que vogal e consoante se caracterizam pelo envolvimento dos lábios.

Na forma “termolinho”, supõe-se uma assimilação em que a vogal [a] realiza-se como [e] em proximidade [t]. A vogal deixa de ser realizada como central ou posterior para ser realizada de forma mais anterior por influência da consoante alveolar que tem sua zona de articulação na área mais anterior do trato vocal.

No próximo dado, RG relata um momento em que surge a dificuldade para falar a palavra alicate. Ao relatar as angústias vividas para selecionar a palavra apropriada para nomear o objeto que deseja, ficam expostas as formas “catilac” e “cadilac”.

Situação enunciativo-discursiva 26/08/2011

Quadro 27: Dado 27: Catilac/cadilac.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Aí procurei, procurei, procurei e, assim, eu ficava tentando mostrar, lembrar. Depois eu queria falar não é essa palavra, mas só vinha cadilac, cadilac. Mainha não é isso.		Faz o gesto sinalizando o corte de unhas.
2	Iic	Depois, como é que foi?		
3	RG	Eu, mainha, catilac. Tesoura. Aí mainha não é tesoura, cadilac, cadilac. Aí minha vó falou unhex, aquele negócio que /.		
4	Iic	Tira a cutícula.		
5	RG	Não aquele un, unhex. Aí eu falei não é esse não, minha vó, catilac. Mainha pronto, lascou, eu não sei o que que é. Aí minha vó ficou assim não é / alicate, não? É isso, minha mãe. Aí cadê o negócio e ela como é o nome do negócio? Aí pensa aí que só falava errado cadilac, não é a /. RG não é isso. Não é esse a palavra. A palavra é /. Repete aí, aí eu falei A-LI-CA-TE, aí repete denovo alicate, alicate, alicate, alicate. Aí depois eu começo a rir, começo a chorar, começo a rir, né? Mainha fala o que é que você está rindo aí? Cadilac.	Relata o fato entre risos.	

Ao empregar a forma “catilac”, ocorre a metátese do [l] e do [t] e a inserção do [ki] mantém o ponto de articulação da consoante [k] do início da palavra com a mesma qualidade vocálica da vogal átona final da palavra *template*. Em “cadilac”, depois da metátese de “catilac”, houve sonorização da oclusiva alveolar substituindo o [t] por [d].

No dado que segue, RG fala sobre as cidades satélites de Brasília, Distrito Federal.

Situação enunciativo-discursiva 22/09/2011

Quadro 28: Dado 28: Citalites

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Tem algumas cidades agora, antes chamavam de cidade, mas não é mais cidade, não. É bairros. As citalites, cidades satélites.		

Nessa fala surge o cruzamento vocabular “citalites” no lugar de cidades satélites, em que a primeira parte da primeira palavra (cidade) e o final da segunda palavra (satélites) juntam-se. Observe que há um desvozeamento de [d] que se realiza como [t].

Na situação enunciativo-discursiva abaixo transcrita, RG nomeia algumas imagens que vê em um livro. Ao deparar-se com a imagem de um rinoceronte e tentar manifestar em sua fala, fica nítido um estranhamento. Depois, tenta averiguar se é o animal que pretende nomear. Com a ajuda do pesquisador, executa uma série de tentativas até chegar à palavra desejada, rinoceronte.

Situação enunciativo-discursiva 29/09/2011

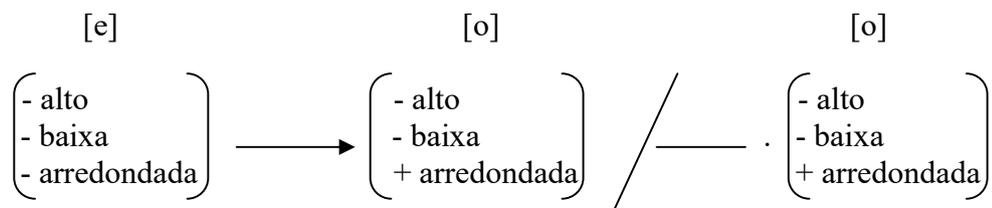
Quadro 29: Dado 29: Rizadoronte/rinossoronte.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	É /. É rizadoronte. Rizadoronte. Pelo amor de Deus.	Risos.	
2	Ins	Ri.		
3	RG	Rizadoronte, aí meu Deus do céu, perai. É hipopótamo, não, é / é o outro, é ri, ri, rizo, não / ri, rizadoronte,		

		não. Peraí. Ri.		
4	Ins	Rino:. Rino:?	<i>Prompting</i> para rinoceronte.	
5	RG	Rino. Peraí, repete novo.		
6	Ins	Rino.		
7	RG	Ri, RI-NO. Rino:.		
8	Ins	Ce.		
9	RG	Ce? RI-NO-CE.		
10	Ins	Rinoce.		
11	RG	Riso, riso, chi, meu Deus do céu, RI-NO-CE.		
12	Ins	Ri.		
13	RG	Ri.		
14	Ins	No.		
15	RG	No.		
16	Ins	Tá indo certo.		
17	RG	Rinossoronte. Ó aí, ó, só tô falando errado.		
18	Ins	Rinoce.		
19	RG	Rino /.		
20	Ins	CE-RONTE.		
21	RG	Ceronte. /		
22	Ins	Olha pra luz.		
23	RG	RI-NO-CE-RONTE.		
24	Ins	Rinoceronte.		
25	RG	Rinozoronte. Rinoceronte.		

Primeiramente, ao utilizar a forma “rizoronte”, RG substitui de [n] por [z], em uma assimilação em que a nasal alveolar realiza-se como uma fricativa alveolar e suprime-se uma sílaba átona.

Em “rinossoronte”, ocorre uma espécie de assimilação, mais especificamente, uma harmonia vocálica, em que [e] realiza-se como [o] dada a proximidade do [o] das sílabas adjacentes como mostra a seguinte regra:



A regra evidenciada pode ser lida como o segmento [e] transforma-se em [o] no contexto em que recebe a influência de uma sílaba com a presença de [o].

No próximo dado, RG comenta sobre sua silhueta e sobre sua cintura.

Situação enunciativo-discursiva 14/10/2011

Quadro 30: Dado 30: Cigura

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Meu problema não é isso. Meu problema, ó, é que eu tenho largura. Então, assim, minha, minha cigura, / cintura é assim.		

Ao tentar pronunciar a palavra “cintura”, RG elimina a consoante [n] em uma espécie de assimilação. Na forma produzida, “cigura”, a consoante oclusiva alveolar [t], [+ anterior], realiza-se como oclusiva velar [g], que é [+posterior] dada a proximidade da vogal [u]. Pode-se supor que a perda da nasalidade da vogal que antecede a forma “cintura” para “cigura” conduz a produção de um segmento [+ sonoro] como [g].

Reunindo esses dados e essas análises, pode-se ter uma noção de quanto a abordagem fonética e fonológica pode ser útil nos estudos de afasia. As manifestações linguísticas do sujeito afásico passam a ser analisadas dentro das possibilidades da língua, em construções que revelam o caminho trilhado pelo afásico visto que “Os componentes de qualquer mensagem estão ligados necessariamente (sic) ao código por uma relação interna de equivalência e ao contexto por uma relação externa de contiguidade.” (JAKOBSON, 1970, p. 48).

Jakobson (1970) reitera, ainda, que “As perdas e compensações na afasia lançam novas luzes na inter-relação dos elementos chamados cognitivos e expressivos na língua.” (JAKOBSON, 1970, p. 45). Desse modo, o contexto patológico permite visualizar o processo como o sujeito se move na língua, como trabalha sobre os seus recursos para produzir a linguagem, uma atividade heterogênea e multifacetada. Ou seja, o modo como o sujeito lida com seus déficits é singular. Por isso, podemos encontrar sujeitos com uma mesma lesão e com características linguísticas diferentes.

Na próximaseção, prosseguindo a análise dos dados, o foco será a avaliação da linguagem de RG em contexto. Com este propósito, baseia-se nos pressupostos da Pragmática para relacionar o princípio de cooperação e as implicaturas a este estudo.

### **3.4 Cooperação e implicaturas: RG em contexto**

Nesta seção, o que se discute são as contribuições pragmáticas para os estudos de afasia. O que se objetiva é contemplar a análise dos pressupostos pragmáticos propostos por Austin (1962), Searle (1969), Grice (1975), e a análise da possível relação com os dados de afasia do sujeito RG seguindo a abordagem da ND.

Ao tomar para estudo a afasia na perspectiva da ND, o pesquisador depara-se com um sujeito que, segundo Coudry (1988, p.XVIII), “[...] se reconstitui e reconstitui sua linguagem.”. Refletir sobre a reconstituição da linguagem e do sujeito nesse contexto é avaliar o ser e seus posicionamentos e para isso é necessário o convívio e a interação com esses casos.

É essa vivência que traz subsídios para a reflexão, pois somente a linguagem em funcionamento pode ser reveladora do sujeito e de suas dificuldades. Pensando nessas questões é que se busca na Pragmática um apoio para a reflexão no sentido de esclarecer o terreno da linguagem em uso.

A princípio, considera-se o que propõe Austin (1962) quando diz que “A ocasião de um proferimento tem enorme importância, e que as palavras utilizadas têm de ser até certo ponto ‘explicadas’ pelo ‘contexto’ em que devem estar ou em que foram realmente faladas numa troca linguística.” (AUSTIN, 1962, p. 89). Nesse sentido, a análise da linguagem em uso vai além do ato da fala. É notório que o processo de reconstrução da linguagem se dá no trâmite do processo, na interação, que envolve a participação de todos os envolvidos no processo.

Com o objetivo de explorar questões pragmáticas imersas no acompanhamento do sujeito RG, resgata-se o dado intitulado “Captar/absorver/assimilar” em que RG, Ins e Lic conversam sobre os recursos mais apropriados para apresentações de seminários. Na situação, RG comenta sobre os efeitos das imagens nos slides de apresentação.

Quadro31: Dado 31: Captar/absorver/assimilar

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Quando você tem imagens você consegue /.		Aponta para imagens nos slides.
2	RG	Captar. Não é captar, não.		
3	Ins	Absorver?		
4	RG	Peraí, deixa eu achar aqui a palavra certa.	Risos.	
5	Ins	Fixar?		
6	RG	É, mas / mas algo parecido.	Tom de dúvida.	
7	Ins	Assimilar?		
8	RG	Acho que sim. A palavra é essa.		
9	Iic	Você esta conseguindo visualizar a palavra na cabeça e não sai?		
10	RG	É. Vou, vou colocar assimilar. Quando você tem um seminário que tem imagens você consegue assimilar o conteúdo.		

RG depara-se, no turno 1, com a dificuldade de evocar a palavra que pretende dizer e fica perceptível uma pausa na sua fala. Depois, são expostas outras palavras que transparecem o leque de escolhas que tem feito, mas ainda não encontra a palavra apropriada. Nos turnos 3 e 5, Ins interage com RG na tentativa de encontrarem o ponto pretendido até que chegam ao consenso da palavra “assimilar” que pode até não ser a opção que RG idealizava, mas que satisfaz o objetivo para a exposição no momento. Nesse ponto, cabe utilizar o conceito das implicaturas griceanas para a análise desse dado e de outros que compõem esta dissertação, pois levam a perceber que o que foi dito implica algo. Outro aspecto é o princípio de cooperação, pois, com as contribuições no momento da conversação, pode chegar às verdadeiras intenções do que foi dito.

A análise dos dados do sujeito RG, por meio das máximas conversacionais de Grice (1975), permite verificar as condições que governam a conversação e reforçam a premissa do princípio de cooperação, segundo o qual o emissor deve fazer sua contribuição conversacional tal como requerida, no momento adequado, tendo em vista o propósito ou a direção do intercâmbio conversacional em que se está engajado e assim o afásico RG se posiciona, mesmo com as limitações ocasionadas pela afasia.

Esse princípio, desdobrado em máximas conversacionais, regula as relações de comunicação. São quatro as máximas griceanas: quantidade (a contribuição nodialógico deve ser informativa e requerida; não devemos ser mais nem menos informativos do que o necessário, pois isso pode comprometer a compreensão); qualidade (a contribuição, no jogo discursivo, deve ser verdadeira e deve ser dito apenas o que forneça evidência verdadeira); relação (as informações devem ser relevantes); e modo (a maneira como a informação é passada deve ter clareza, não pode conter ambiguidade, os sujeitos devem ser breves, ordenados, cuidar do que dizem e como dizem).

No dado a seguir, resgatado para ilustrar alguns desses conceitos<sup>27</sup>, RG narra um episódio que ocorreu em casa enquanto conversava com sua avó e sua mãe sobre os bobes que usam nos cabelos.

Situação enunciativo-discursiva 26/08/2011

Quadro 32: Dado 32: Lenço/Lençol.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Quando eu cheguei em casa, lá em casa tem um povo cheio de, tem umas manias que, assim/. Minha mãe usa bobes, né, e minha vó, também, aí, assim, eu, eu passei e aí eu vi minha vó com um lençol, lençol, não. Lençol, não. Não é lençol, não. Aquele parecido como é que é? De colocar na cabeça?	Tom de dúvida.	
2	Iic	Então, fala como?		
3	RG	Lençol? Não.		
4	Iic	Não tem o L no final.		
5	RG	Lenço, lenço. Ô, minha vó, essa aí é novo. Aí, ela voltou, né, e falou assim: Falou comigo, minha filha? Eu disse assim: ô, minha vó esse lençol é bonito. Esse é novo e aí ela olhou e mainha e cá, cá, cá.	Relata o episódio entre risos.	

<sup>27</sup>Para tratar de questões pragmáticas, os quadros apresentados nas seções anteriores podem ser explorados. Conferir, principalmente, os quadros 1, 3, 6, 10, 12, 19, 21, 22, 23 e 25.

		Aí mainha começou a rir. Lençol. Aí eu olhei e ela. Porque na minha cabeça você já viu.		
--	--	--	--	--

O dado exemplifica que as dificuldades advindas da afasia, como por exemplo, as frequentes parafasias, contribuem para a violação de máximas gricerianas. Ao utilizar a palavra “lençol” no lugar da palavra “lenço”, RG viola a máxima da qualidade, comprometendo o entendimento da sua fala e gerando o riso.

As categorias de Grice servem para explicitar o fenômeno do implícito. O ouvinte procura um sentido para o enunciado que esteja de acordo com as máximas estabelecidas anteriormente, considerando o que a informação literal pode estar dizendo de cooperativo, verdadeiro, relevante para uma determinada situação discursiva. Caso não haja um sentido literal, é preciso encontrar um sentido que responda a tais princípios. Quando ocorre a quebra de máximas, o enunciado problematiza o dito e o ouvinte talvez não consiga perceber o que está implícito naquela fala. A partir de quaisquer palavras, pode-se compreender o que foi dito, entretanto, é necessário certificar o que o falante quis dizer com aquelas palavras ou, pelo menos, buscar indícios para a interpretação.

As ações praticadas via enunciados são de modo geral chamadas de atos de fala e, mais especificamente, de pedido, cumprimento, desculpa, convite, promessa, resposta, e outros. Esses diferentes tipos de atos de fala estão relacionados à intenção comunicativa do falante, quando produz seu enunciado. O falante espera que sua intenção comunicativa seja reconhecida por seu ouvinte e isso precisa ser considerado.

O significado do falante, não estando totalmente subordinado ao código, pode ser inferido por processos diferenciados da decodificação gramatical, lexical, ou até pelo contexto. Nesse sentido, é importante o conceito de implicatura que representa uma inferência sobre a intenção do falante, que resulta da decodificação de significados e da aplicação de princípios conversacionais. E, estudo neurolinguístico da afasia, desse prisma, requer a intervenção ativa do pesquisador através da interação, pois o processo de reconstrução da linguagem não se dá no isolamento e sim no encontro com o outro.

É no momento que RG interage com o investigador com suas dificuldades que suas intenções vão transparecendo e que as suas ideias são compartilhadas. Dessa forma, a sua dificuldade transforma-se em estímulo para um processo de significação e reconstrução. Por isso, defende-se que a análise da reestruturação da linguagem no caso de afasia se dá no viés da reintegração social e subjetiva, ou seja, através de experiências.

Por meio dessa análise, destaca-se que a linguagem deve ser interpretada não mais na ordem daquilo que é dito, pressupondo uma mensagem pronta e dissociada do sujeito e do mundo, mas na ordem da relação entre os dizeres e seus subentendidos, como um processo ativo, dinâmico, construído nas relações. Sendo assim, o significado da palavra e o seu entendimento dependem necessariamente da relação que se estabelece entre os sujeitos.

Esses aspectos devem ser destacados no estudo da linguagem em funcionamento após ocorrências neurológicas que tornam os sujeitos afásicos, pois o trabalho de reconstrução dos aspectos linguísticos apagados é um trabalho em conjunto. Em suma, através da Pragmática, que já contorna as bases na ND (COUDRY, 1988), a linguagem pode ser pensada como construção mútua entre sujeitos, o que contribui para pensar a reestruturação da linguagem do afásico a partir da interação.

No capítulo a seguir, apresentam-se considerações finais que arrematam este trabalho. Essas considerações contemplam a relação entre o problema, a hipótese e os objetivos, relatam os pontos altos e baixos da pesquisa, a sua relevância, recomendações para posteriores investigações e sistematizam a resposta para as questões propostas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se constitui neste trabalho foi um estudo neurolinguístico sobre subjetividade, paragrafias, parafasias e afasia evidentes no acompanhamento longitudinal do sujeito RG sob o olhar linguístico e as bases da Neurolinguística Discursiva.

O foco deste estudo, nessa perspectiva, contemplou a linguagem em funcionamento, como fruto da interação do investigador com sujeito em análise, com o ECOA e com a vida, para depois, receber um contorno em forma de dados, que, no momento de deslocamento para a análise, contemplou a construção de um objeto de análise em um ângulo que só se poderia obter analisando bem de perto.

Para tratar das particularidades do sujeito em questão, uma breve retomada histórica a partir dos estudos sobre cérebro e afasia até chegar às bases da ND, com destaque na teorização arquitetada por Coudry (1988;1996; 2002; 2008; 2010) e aliada a importantes teóricos como Freud (1891), Jakobson (1969; 1970) e Luria (1974), forneceu subsídios importantes para sustentar os alicerces para uma base teórico-metodológica para esta pesquisa.

Ao delimitar os conceitos de afasia, parafasia, paragrafia, linguagem, língua, comunicação, sujeito, fala, leitura e escrita respaldou-se a avaliação da linguagem em funcionamento, por meio do encontro com os sinais e indícios dos dados, direcionando a análise das parafasias e paragrafias que caracterizaram o quadro afásico do sujeito RG.

Diversas áreas foram requisitadas para articular um caráter neurolinguístico para a análise dos dados deste estudo como a Filosofia para tratar a questão da subjetividade; Fonética e Fonologia para compreender as produções orais e escritas do sujeito, sua relação com o funcionamento da língua e a aproximação do estado afásico e a entrada da criança no mundo das letras; a Pragmática por focalizar o terreno da linguagem em uso, além das Neurociências e da Linguística propriamente dita.

No universo que engloba o sujeito afásico RG e o ECOA por meio de sessões individuais e em grupo, delineou-se a dinâmica que contempla o acompanhamento longitudinal sob a forma de atividades diversas, constituídas de leitura, escrita, cálculos, jogos, conversas informais, dentre outras, que nortearam um estudo da linguagem do sujeito RG, por meio das situações discursivas entre os sujeitos afásicos e não afásicos, com destaque para o papel da interação com o investigador, além de explicitar o modo como os dados foram transparecendo, questionando e teorizando este trabalho.

A apresentação dos dados e o movimento entre a teoria respaldaram as seguintes questões: O que se pode argumentar sobre as evidentes parafasias que marcam a sua fala e as paragrafias em sua escrita? E discutiram as indagações filosóficas sobre: O que representaria o sujeito sem linguagem? O que seria da linguagem sem o sujeito?

Na busca por essas respostas, partiu-se da análise das parafasias e das paragrafias que revelou os meios de significação construídos dentro das possibilidades da língua e da linguagem, demonstrando que as dificuldades linguísticas advindas da afasia podem encontrar uma direção por meio do favorecimento de alternativas para reelaborá-las.

No contexto da interação, a reflexão em torno da questão da subjetividade alertou para o fato de que tudo que se compartilha com o afásico refletirá em experiência para ele, pois o sujeito se constitui através da linguagem e a linguagem vai sendo constituída pelo sujeito através das experiências que envolvem o outro. Ainda nesse círculo de análises, e tomando como base os princípios de cooperação e as implicaturas, fica claro que para analisar os atos de fala é preciso estar ciente de que o universo que cerca o uso da linguagem revela intenções e efeitos diversos.

A união de todos esses aspectos conduziu à confirmação da hipótese que defende que a língua oferece recursos que possibilitam aos sujeitos afásicos a mobilização das suas dificuldades, que a linguagem, que permeia o humano, possibilita a utilização de sistemas alternativos de significação, reforçando que o papel das interações, nesse processo, valoriza a subjetividade.

O legado deste trabalho foi proporcionar o encontro entre a base teórico-metodológica que tem contornos na Neurolinguística Discursiva e a linguagem em funcionamento por meio do acompanhamento longitudinal, que pôde ser visto em diferentes nuances no decorrer do tempo, validando e ampliando o foco para a análise das possibilidades da língua nesse contexto, ao movimento da linguagem e a constituição do sujeito em contextos normais (como na aquisição da linguagem) e patológicos, norteando a avaliação e intervenção linguística nesses casos.

O que se apresenta, portanto, é um recorte sobre subjetividade, paragrafia, parafasia e afasia no estudo do sujeito RG, pois os dados não se esgotam, eles transbordam inspiração e fonte para análise. Fica um convite para estudos em várias áreas e direções. O olhar da Medicina, da Fonoaudiologia, da Psicologia, da Filosofia, das diversas áreas da Linguística podem conduzir estudos sobre a plasticidade, sobre a reestruturação da linguagem em contextos patológicos, sobre a constituição do sujeito na linguagem, dentre outras questões.

Enfim, respaldado do arcabouço teórico e metodológico que constituíram este estudo da linguagem em funcionamento do sujeito afásico RG, é preciso considerar que a abreviatura das iniciais do seu nome e sobrenome, utilizada para não identificar seus dados, traduzem, mesmo tratando-se de uma mera coincidência, a efervescência da sua identidade que tem lugar neste trabalho. Talvez, indiretamente, possa vir para sublinhar quenão se pode negar a subjetividade, o pessoal e o particular, que se transluz por meio da linguagem em funcionamento, até mesmo quando se apresentam percalços, pois esses percalços também são reveladores e construtores.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M.B.M. Fonologia e Fonética. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.) **A palavra e a frase**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. p. 39-74.
- ABAURRE, M.B.M.; COUDRY, M.I.H. Em torno de sujeitos e de olhares. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008; v. 6, n. 2: p. 171-191.
- ABN, Academia Brasileira de Neurologia. **AVC ou Derrame Cerebral**. Disponível em: <[http://www.cadastro.abneuro.org/site/publico\\_avc.asp](http://www.cadastro.abneuro.org/site/publico_avc.asp)> Acesso em: 06 de maio de 2012.
- ANNUNCIATO, N.F. Plasticidade Neuronal e Reabilitação. In: DAMASCENO, B.P.; COUDRY, M.I.H. (Eds.). **Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística. Série de Neuropsicologia**. Vol. 4. Campinas, SP: Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, SBNp, 1995, p. 63-74.
- AUROUX, S. **A filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: UNICAMP, 1998. 500 p.
- AUSTIN, J.L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1962. Capítulos 1 e 8. Edição consultada: 1990.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II**. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1974. Edição consultada: 2006.
- BISOL, L. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ª ed.. Porto Alegre: EDIPURS, 2005, p. 11-43.
- CAGLIARI, L.C. **Análise fonológica**: Introdução à teoria e a prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de letras, 2002.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 6 ed. rev.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972. 293 p. Edição consultada: 2010.
- COTA, I.R., SAMPAIO, N.F.S. **A afasia e a abordagem no erro na fala e na escrita**: um estudo de caso. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/637.pdf>>. Acesso em 01 agosto de 2012.
- COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. Edição consultada: 2001.
- \_\_\_\_\_. O que é dado em Neurolingüística. In: CASTRO, M.F.P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1996, p. 179-194
- \_\_\_\_\_. Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolingüística. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 2002, p. 99-129.
- \_\_\_\_\_. Neurolingüística Discursiva:afasia como tradução. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v.6, 2008, p. 7-36.

COUDRY, M.I.H; (Coord.). Oralidade e escrita. In: \_\_\_\_\_. **Conexão linguagem**. Disponível em:

<<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/bitstream/handle/mec/21589/Atividade%203.pdf?sequence=2>>. Acesso em 27 de agosto de 2012a.

\_\_\_\_\_. Formação de palavras: viagem ao cérebro. In: \_\_\_\_\_. **Conexão linguagem**. Disponível em:<<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/bitstream/handle/mec/21590/Atividade2.pdf?sequence=5>>. Acesso em 23 de setembro de 2012b.

COUDRY, M.I.H; BORDIN, S.S. Afasia e infância: registro do (in)esquecível. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 54.1, Campinas, Jan./Jun., 2012, p. 135-154.

COUDRY, M.I.H.; et al. (Orgs.) **Caminhos da neurolinguística discursiva**: teorização e práticas com a linguagem. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, 399 p.

COUDRY, M.I.H; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 5, 1983, p. 99-109.

FEDOSSE, E.; ANDRADE, M.L.F.; FLOSI, L.C.L. “Neurolingüística”: diferentes vertentes. In: COUDRY, M.I.H., et al. (Orgs.) **Caminhos da neurolinguística discursiva**: teorização e práticas com a linguagem. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 141-158.

FIGUEIRA, R.A. O que a investigação sobre o erro na fala da criança deve a Saussure. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 52.1, Campinas, Jan./Jun., 2010, p. 115-143.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva, in: **Almanaque**, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977, p. 9-27.

\_\_\_\_\_. Prefácio, 1986. In: COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. Edição consultada: 2001.

FREIRE, F.M.P. **Agenda mágica**: linguagem e memória. Tese de Doutorado. Campinas: Departamento de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2005, 257 p.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1891. (Edição consultada: 2003)

GRICE, H.P. *Studies in the way of words*. Harvard University Press, 1975. (Tradução port. do Cap. I: Logic and conversation. In: DASCAL, M. (org) **Fundamentos metodológicos da lingüística**: vol III. Semântica: Campinas. Edição consultada: 1991

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

HUME, D. **Investigação acerca do entendimento humano**: ensaios morais, políticos e literários. São Paulo: Nova Cultura, 1748. 352 p. Edição consultada: 1999. (Os pensadores)

ISHARA, C. **A-fa-si-a: um sujeito em cena.** Tese de Doutorado. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2008. 106 p.

\_\_\_\_\_. A classificação como obstáculo. In: COUDRY, M.I.H.; et al. (Orgs.) **Caminhos da neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 69-91.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: \_\_\_\_\_. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1969. p. 34-62. (Edição consultada: 1999).

\_\_\_\_\_. A afasia como um problema lingüístico. In: LEMLE, M. (Org.). **Novas perspectivas lingüísticas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1970, p. 43-54.

LEBRUN, Y. **Tratado de Afasia.** São Paulo: Paramed Editorial, 1983, 124p.

LURIA, A.R. **Fundamentos de Neuropsicologia.** Tradução de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, S.A.. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. 344p. (Edição consultada: 1984).

MACEDO, H.O. A semiologia da escrita nas afasias. In: MORATO, E. M. (Org.). **A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas.** São Paulo: Cortez, 2010, p. 214-242.

MANSUR, L.L.; RADANOVIC, M. **Neurolingüística: princípios para a prática clínica.** São Paulo: EI Edições Inteligentes, 2004. 344p.

MARCONDES, D. **Filosofia, linguagem e comunicação.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 51-59.

MORATO, E.M. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras.** São Paulo: Cortez, 2001, p. 143-169.

PRESTI, C. **Manual de diagnóstico e tratamento de trombose venosa profunda (TPV).** São Paulo: EPM – Editora de Projetos Médicos, 2006. 65 p.

REISDORFER, I.M.S. **A caracterização das parafasias na perspectiva da neurolingüística discursiva.** Dissertação de Mestrado. Campinas: Dep. de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2007, 106 p.

SACKS, O. **Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais.** Tradução: Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 359 p. (Edição consultada: 2006).

SAMPAIO, N.F.S. **Uma abordagem sociolingüística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala.** Tese de Doutorado. Campinas: Dep. de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2006.

SANTANA, A.P. **Escrita e afasia: A linguagem escrita na afasiologia.** São Paulo: Plexus Editora, 2002.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral.** 27. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1916. 279 p. Edição consultada: 2006.

SCOTTI, L. **Sem asas ao amanhecer...** São Paulo: O nome da Rosa, 1998.

SEARLE, J.R. **Os actos de fala**. Coimbra: Almedina, 1969. Edição consultada: 1981.

## ANEXO A (Modelo de Registro de Transcrição)

### **Banco de Dados em Neurolinguística (BDN)**

#### Modelo de Registro

O BDN é formado por: um sistema de notação e codificação que representa a dinâmica da atividade verbal e não verbal vivenciada no grupo II do CCA e certas especificidades da linguagem patológica.

A fim de padronizar o registro dos dados foram criadas, para o BDN, uma série de “regras”.

#### **1) Tabela**

É composta por 6 colunas: Código de Busca, Numeração dos enunciados, Sigla do Locutor, Transcrições, Observações sobre condições de produção do enunciado verbal, Observações de condições do enunciado não-verbal.

#### **\*Coluna Código de Busca:**

É usada a seguinte notação:

<b>Código</b>	<b>Finalidade</b>
\tom	Entonação utilizada pelo falante
\TF	Transcrição Fonética
\her	Hesitação, repetição
\top	Topicalização sintática
\neg	Enunciado negativo
\ins	Inserção
\aí	Aí, daí, então
\né	
\tá	
\rir	Risos/humor
\int	Introdução de opinião
\lei	Leitura em voz alta
\com	Comparação
\esc	Escrita
\:	Alongamento vocálico
\imp	ordem, pedido
\ /	Pausa breve
\ //	Pausa longa
\ ?	pergunta
\ !	Exclamação

#### **\* Coluna Sigla do Locutor**

Os sujeitos devem ser identificados por uma sigla (de 2 letras e em maiúsculo) que é formada a partir da primeira letra de seu nome e a primeira de seu sobrenome. Exemplo : CF = Ceumara Fernandes

Já o investigador é identificado por uma sigla de 3 letras, na qual a primeira será a letra “i” (Investigador) em maiúsculo e as duas seguintes as primeiras letras do nome e sobrenome em minúsculo. Exemplo: Imc = Investigadora Maria Coudry

#### **\*Coluna Transcrição**

Espaço destinado para registro baseado **no que foi dito** pelos sujeitos e investigadores. Esses registros podem ser feitos de dois tipos: a transcrição fonética (utilizando os caracteres do IPA) e a transcrição simples ou ortográfica.

\* Colunas de **Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais e Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais**

Espaço destinado para se explicitar a natureza dos dados, não mais o que foi dito mas **como foi dito**. Engloba observações acerca do **ritmo** (pausado, acelerado, hesitação, pausa breve, longa etc.) e do **tom** (afirmativo, dúvida, surpresa, decepção, suspense, ironia, incerteza, enumeração etc.).

Além de observações sobre os gestos (não-verbais).

2) Outras marcações:

\* Marcação de ênfase ou acento mais forte que o habitual -----> a transcrição do enunciado é feita em letras maiúsculas.

\* Marcação de alongamento de vogal -----> usa-se dois “pontos” após a vogal alongada (:)

\* Marcação de Silabação -----> usa-se hífen indicando a silabação. Exemplo: A – DO- REI.

## ANEXO B (Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido)



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB**  
**Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística**  
 Campus: Vitória da Conquista, Estrada do Bem-querer km 04, s/n, Zona Rural.  
 Tel. (77) 3425 9395  
 CEP: 45 083 - 900 – Vitória da Conquista – Bahia – Brasil

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de um projeto de pesquisa chamado AFASIA E UM SUJEITO DA LINGUAGEM: UM ESTUDO DE CASO que é vinculado ao Projeto Temático “ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO SOBRE A LINGUAGEM DE SUJEITOS APÓS ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL”, desenvolvido com pessoas com algum tipo de Afasia.

Ao trabalhar com você gostaríamos de informar, primeiramente, que sabemos que muitas das sequelas deixadas por um Acidente Vascular Cerebral são irreversíveis e que, em alguns casos, há dificuldades no seu acompanhamento. O trabalho visa investigar a linguagem em funcionamento de sujeitos com afasia (uma sequela possível após acidente vascular cerebral) em meio a contingências próprias de uso social da linguagem e em atividades significativas.

Dessa forma, estaremos desenvolvendo com você atividades: (i) oral e escrita/leitura que possibilitem o conhecimento mútuo e interação entre os sujeitos envolvidos na pesquisa (afásicos e não afásicos), como a apresentação de pessoas mediante a organização de um álbum de retratos, leitura de jornal, uso de caderno de atividades, uso do computador, comentários sobre fatos de interesse dos interlocutores; (ii) atividades práticas - oficinas diversas; (iii) dramatização de cenas cotidianas com e sem linguagem verbal (situações e cenas do dia-a-dia dramatizadas em forma de *sketches* que são a representação de cenas enunciativas que mobilizam processos de significação verbais e não-verbais); (iv) atividades culturais, (v) jogos de mesa, (vii) comentários de filmes.

Esclarecemos que não será usado nenhum tipo de procedimento que envolva risco e prejuízo a você, tendo-se a responsabilidade de prestar todos os esclarecimentos necessários durante o curso desses encontros para desenvolvermos a nossa pesquisa. São garantidos sigilo e privacidade de todas as informações confidenciais colhidas durante a pesquisa.

Cabe esclarecer que é garantida a você a liberdade de se retirar do projeto por motivos de sua vontade, não sendo da responsabilidade da equipe coordenadora do projeto quaisquer formas de ressarcimento ou indenização de quaisquer despesas decorrentes da participação no projeto.

## CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, documento de identidade nº \_\_\_\_\_, residente Rua/Av. \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_, na cidade \_\_\_\_\_, estado \_\_\_\_\_, telefone \_\_\_\_\_,

aceito livremente participar deste estudo AFASIA E UM SUJEITO DA LINGUAGEM: UM ESTUDO DE CASO que é vinculado ao Projeto Temático “ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO SOBRE A LINGUAGEM DE SUJEITOS APÓS ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL”, e estou ciente das declarações acima citadas. Eu fui devidamente esclarecido quanto os objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e esclarecido que não há riscos quanto à participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional que eu venha solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes a minha identificação, bem como a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício econômico.

**Autorizo**, assim, que sejam registrados em áudio e vídeo minhas sessões em grupo de acompanhamento longitudinal. Estou ciente de que essas atividades de que participarei serão utilizadas para fins de pesquisa e docência, bem como durante apresentações em reuniões científicas e similares, com o devido sigilo e ética profissional.

Nome do Participante\* \_\_\_\_\_  
e/ou Nome do responsável legal \_\_\_\_\_  
Vitória da Conquista, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
**SUJEITO EM ACOMPANHAMENTO**      \* **RESPONSÁVEL DA FAMÍLIA**

\*Observação: pode ocorrer assinaturas ou identificação dactiloscópica do participante ou responsável

### COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu discuti as questões acima apresentadas com cada participante do estudo. É minha opinião que cada indivíduo entenda os riscos, benefícios e obrigações relacionadas a esta pesquisa.

Vitória da conquista, Data: \_\_/\_\_/\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB**  
**Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística**  
 Campus: Vitória da Conquista, Estrada do Bem-querer km 04, s/n, Zona Rural.  
 Tel. (77) 3425 9395  
 CEP: 45 083 - 900 – Vitória da Conquista – Bahia – Brasil

### **TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_, nº do documento de identidade \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores (Iva Ribeiro Cota, Nirvana Ferraz Santos Sampaio) do projeto de pesquisa intitulado AFASIA E UM SUJEITO DA LINGUAGEM: UM ESTUDO DE CASO que é vinculado ao Projeto Temático “ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO SOBRE A LINGUAGEM DE SUJEITOS APÓS ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Vitória da Conquista, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Pesquisador responsável pelo projeto:

Sujeito da Pesquisa:

Responsável Legal: